

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
GRACE KELLY MARCELINO**

**ESTUDOS EM HOSPITALIDADE E PERFIL DOS
PESQUISADORES-DOUTORES BRASILEIROS**

São Paulo
2016

GRACE KELLY MARCELINO

**ESTUDOS EM HOSPITALIDADE E PERFIL DOS
PESQUISADORES-DOCTORES BRASILEIROS**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, na área de concentração Hospitalidade e linha de pesquisa Hospitalidade: Processos e Práticas, do curso Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof. Dr. Luiz Octavio de Lima Camargo.

São Paulo
2016

GRACE KELLY MARCELINO

**ESTUDOS EM HOSPITALIDADE E PERFIL DOS
PESQUISADORES-DOUTORES BRASILEIROS**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, na área de concentração Hospitalidade e linha de pesquisa Hospitalidade: Processos e Práticas, do curso Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof. Dr. Luiz Octavio de Lima Camargo.

Aprovado em 10 de março de 2016.

Orientador Luiz Octavio de Lima Camargo

Professor convidado Edmur Antonio Stoppa

Professor convidado Airton José Cavenaghi

RESUMO

Quem são os pesquisadores-doutores brasileiros que estudam hospitalidade? Como tratam o tema em suas obras? Esta é uma pesquisa de caráter documental que teve como objetivo conhecer a produção sobre hospitalidade no Brasil e identificar o perfil desses pesquisadores-doutores. O material de estudo foi obtido pela Plataforma Lattes de currículos e a análise dos periódicos científicos utilizou por metodologia o estado do conhecimento e a análise de conteúdo, com base em três categorias – senso comum, sociocultural e negócios. Os resultados mostraram que a forma de análise aplicada interfere diretamente nos resultados; que em ambos os métodos aplicados na pesquisa em hospitalidade a categoria sociocultural é a que contém mais artigos e os autores mais utilizados pelos pesquisadores-doutores são Lévinas, Derrida e Camargo. Com relação aos pesquisadores-doutores do campo, estes são oriundos das seguintes áreas: Turismo, Administração, Engenharia, Comunicação e Educação e a maioria deles trabalha em instituições públicas de ensino superior.

Palavras-chave: Hospitalidade. Doutores. Estado da Arte. Estado do Conhecimento. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

Who are the Brazilian researchers-doctors studying hospitality? How do they treat this main theme in their works? This documentary research study aims to investigate the production of hospitality in Brazil and to identify the profile of its researchers-doctors. The study material was obtained by the Lattes Platform curricula. The analysis of scientific journals has been made using the methodology of state of knowledge and content analysis, based on three categories - common sense, sociocultural and business. The results showed that methodology applied on hospitality studies interferes in the analysis results; that in both methods applied, the socio-cultural category is the one that contains more articles; that the authors most widely used by researchers-doctors are Levinas, Derrida and Camargo; these researchers-doctors come from these following areas: Tourism, Business Administration, Engineering, Communication and Education and the majority work in public institutions of higher education.

Key-words: Hospitality. Doctors. State of the Art. Knowledge of State. Content Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Representação do objetivo do Estado da Arte.....	19
Figura 2 Representação da composição dos níveis de abordagem.....	23
Figura 3 Metodologia e Métodos Aplicados.	24
Figura 4 Nuvem de Palavras – Palavras retiradas dos resumos dos artigos.....	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de Pesquisadores-doutores por sexo – com base no relatório de 31/10/14.....	55
Gráfico 2 - Áreas do Conhecimento dos Pesquisadores-doutores por sexo - com base no relatório de 31/10/14.....	56
Gráfico 3 – Cursos de Graduação dos Pesquisadores-doutores por sexo.....	57
Gráfico 4 - Cursos de Mestrado dos Pesquisadores-doutores por sexo.....	59
Gráfico 5 - Cursos de Doutorado dos Pesquisadores-doutores por sexo.....	60
Gráfico 6 - Instituições de Trabalho dos Pesquisadores-Doutores Brasileiros	61
Gráfico 7 - Artigos científicos distribuídos por ano	63
Gráfico 8 - Artigos científicos (publicação individual) de doutores.	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorização por meio de palavras retiradas do resumo dos artigos.....	75
Tabela 2 – Quantidade de artigos por categoria x ano x método	78
Tabela 3 – Levantamento dos Autores Citados nos 41 Artigos Analisados.....	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA	15
1.1 <i>OS CAMINHOS DA REVISÃO TEÓRICA</i>	15
1.2 <i>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NESTA PESQUISA</i>	23
CAPÍTULO 2 AS DIMENSÕES TEÓRICAS DA NOÇÃO DE HOSPITALIDADE	28
2.1 <i>NO SENSO COMUM</i>	28
2.2 <i>A NOÇÃO DE HOSPITALIDADE NO MERCADO</i>	29
2.3 <i>A HOSPITALIDADE NO ÂMBITO SOCIOCULTURAL</i>	35
CAPÍTULO 3 OS RUMOS DA PESQUISA EM HOSPITALIDADE NO BRASIL	54
3.1 <i>PERFIL DOS PESQUISADORES-DOCTORES BRASILEIROS EM HOSPITALIDADE ...</i>	54
3.1.1 <i>Aspectos gerais dos pesquisadores-doutores presentes na Plataforma Lattes</i>	54
3.1.2 <i>Pesquisadores-doutores brasileiros em hospitalidade</i>	56
3.2 <i>ANÁLISE DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS</i>	64
3.2.1 <i>Estado do Conhecimento Aplicada nos Artigos</i>	64
3.2.2 <i>Análise de Conteúdo dos Resumos</i>	75
3.2.3 <i>Comparação dos resultados das Análises</i>	77
3.2.4 <i>Levantamento dos Autores Citados</i>	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
BIBLIOGRAFIA	97

INTRODUÇÃO

Segundo Benveniste (1995), a palavra hospitalidade vem dos termos latinos *hostis* e *hospes*. *Hospes*, primeiramente, tem o sentido de senhor, aquele que tem a autoridade sobre o grupo familiar, o estado ou outro, termo que hoje se pode substituir pela palavra anfitrião, facilitando assim a compreensão e também por ser o termo utilizado para expressar o sujeito que recebe nos estudos de hospitalidade.

Hostis representa o hóspede, assim como é a raiz do termo hostilidade. Este termo sempre carregou significado duplo (hóspede/inimigo), em razão do contexto que cerca o estranho, o forasteiro, ou seja, este pode ser um estranho/estrangeiro amigável ou um inimigo.

Se todo encontro é cercado pela ameaça de conflito porque existe a diferença, em alguns casos desconhecida, estranha para ambos, então os componentes desse encontro (ações, gestos, palavras) serão o combustível para desencadeá-lo ou não. Assim, a hospitalidade exige um ritual que permite que o encontro ocorra de modo a diminuir os fatores que possam desencadear o conflito entre os envolvidos. Ainda, segundo Benveniste (1995), a palavra hospitalidade também tem enraizada em todos os idiomas a ideia de igualdade/compensação (*hostire/aequare*) traduzindo a ideia de introduzir o estranho no grupo concedendo-lhe um estatuto de igualdade em relação aos demais. Em Roma, o *hostis* tinha os mesmos direitos do cidadão romano, diferentemente do peregrino, que se instalava fora dos limites territoriais.

Para Scott (2005, p. 15) a igualdade “não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim, o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração”. Normalmente, quando são consideradas as diferenças, as circunstâncias incômodas se tornam mais toleráveis, a intensidade do conflito fica menor, embora estejam sempre latentes, pronto a explodir. Isso acontece porque há uma luta não declarada (inconsciente) pelo espaço, pois não se sabe quem é o outro, se quer lhe fazer mal. O anfitrião oferece, mas não o entrega totalmente. Há um ‘duelo’ surdo de desejo e poder entre os envolvidos.

O estranho/estrangeiro, procurando se impor, representa ameaça, se consegue, será aceito pelo grupo. Essa luta pode ocorrer de diversas formas, por meio do combate físico, da pressão psicológica, de testes, a depender da cultura do grupo. O anfitrião, ao se perguntar sobre os méritos do estranho/estrangeiro que pede para ser seu hóspede, para ser por ele recebido, traz esta luta essencial para o plano simbólico.

Scott (2005, p. 14) afirma “que igualdade e diferença não são opostos, mas conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão”, ou seja, considera a dualidade na igualdade. Sempre há, na tentativa de equiparação, uma concessão limitada pelo fato de ser um estrangeiro. O mesmo motivo que faz abrir as portas é o que as fazem serem fechadas.

A hospitalidade, apesar de não conseguir equiparar totalmente as diferenças para alcançar a igualdade, permite um ambiente de convivialidade e de ‘paz’ e cria um ciclo que leva essa ‘paz’; não necessariamente para o que recebeu ou ao recebido, mas alcança outros, permitindo que o propósito de igualdade seja expandido. “Ela não elimina o conflito completamente, mas o coloca em suspensão e proíbe a sua expressão” (PITT-RIVERS, 2012, p. 513, tradução livre).

Como essa problemática do encontro hospitaleiro tem sido tratada nos estudos? Os primeiros escritos vêm da filosofia. Kant pode ser considerado o pioneiro. No século XX, filósofos como Louis Massignon, Edmond Jabès, René Scherer discutiram o tema, mas vem de Emmanuel Lévinas e Martin Buber a inspiração para o mote da hospitalidade incondicional de Jacques Derrida.

O tema chega à antropologia no final do século XX: na França, através de grupos de estudo liderados por Anne Gotman e Alain Montandon; no Reino Unido, pelo grupo liderado por Conrad Lashley. O advento dos britânicos deve ser especialmente saudado por retomar os estudos anglo-saxônicos de gestão turístico-hoteleira numa perspectiva filosófica e antropológica.

E no Brasil? Em 2002, foi implantando o primeiro programa que traz a palavra hospitalidade no título pela Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo. Mais recentemente, a Universidade de Caxias do Sul optou por incorporar o termo ao título de um dos seus programas de pós-graduação. Em congressos como os da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) já existem grupos de trabalho voltados ao tema da hospitalidade.

Já existe, pois, uma produção que justifica um trabalho de mapeamento e análise das principais dimensões abordadas. Esta é a proposta deste estudo. Primariamente, buscou-se sistematizar o conhecimento sobre hospitalidade produzido internacionalmente. Secundariamente, o estudo propõe-se a:

- a) identificar o perfil (aspectos profissionais e acadêmicos) dos pesquisadores-doutores brasileiros que estudam hospitalidade;
- b) analisar a sua produção científica destes pesquisadores

c) verificar a (s) abordagem (ns), modo de compreensão, da hospitalidade em seus artigos de periódicos.

Seja para a produção internacional que serve de pano de fundo, seja para a produção nacional aqui mapeada, este estudo trabalha dentro da premissa de que os estudos atuais de hospitalidade podem, grosso modo, ser divididos em três grupos:

a) No senso comum:

Neste caso, a introdução do termo tem mais a ver com o seu prestígio atual. Não há preocupação em se entender a nuances do termo. Corresponde a trabalhos sem conceituação sobre hospitalidade ou que a define por meio de dicionários e pelo conhecimento popular

b) Como ingrediente da operação mercadológica:

As áreas do mercado que se ocupam do contato com o consumidor, notadamente no turismo, estão entre as primeiras a lançarem mão do termo. Este funciona como um atestado de nobreza ou, como diz Gotman, “tentativa ingênua e ideologicamente comprometida de camuflar o apelo mercadológico de venda de algo” (2008, p. 117). Devem ser considerados à parte os estudos efetuados pelo grupo reunido por Conrad Lashley, em que a hospitalidade é tratada antropologicamente nas relações de mercado.

c) Como ingrediente das relações sociais em todos os campos:

A hospitalidade, neste caso, constitui uma nova referência de análise não apenas para todos os tipos de encontro entre pessoas, como também, metaforicamente, para análise do espaço.

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório por meio de levantamento bibliográfico e documental de ordem qualitativa, devido à análise do conteúdo dos artigos publicados individualmente por doutores em periódicos científicos, ainda que seja procurado, também, apresentar do número de pesquisadores, suas produções e características profissionais e de formação estudantil desses pesquisadores.

Assim, esta pesquisa permite obter o conhecimento referente ao perfil dos pesquisadores de hospitalidade e, talvez, nortear ou identificar tendências para os próximos profissionais que estudarão o assunto, além de tornar visível de quais áreas do conhecimento eles são oriundos.

A restrição aos doutores aconteceu por motivos operacionais. Embora saiba-se que a inclusão de mestres seria de grande utilidade, já que é no mestrado que os novíços tentam ultrapassar as fronteiras estabelecidas por mestres, tal tarefa se mostrou inviável pelo número de autores/currículos (1206 – levantamento realizado na Plataforma Lattes com filtro assunto: hospitalidade, seleção da opção demais pesquisadores – mestres – e nacionalidade brasileira).

A pesquisa, identificação dos pesquisadores-doutores brasileiros e a produção de artigos científicos, apoia-se nas informações disponibilizadas na Plataforma Lattes de currículos administrada pelo Conselho Federal de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O advento desta plataforma foi vital para estudos na linha de estado da arte, como o que ora é proposto.

O *download* dos currículos obtidos na plataforma Lattes foi realizado em abril de 2014. Foram considerados apenas os doutores de nacionalidade brasileira que tinham em seu currículo a expressão hospitalidade (opção de filtro por assunto). Esse filtro resultou em 696 currículos de doutores que em algum momento citavam a palavra hospitalidade, sendo que três deles “sumiram” ou estavam duplicados na base no período em que foi feito o *download* (o site sofre atualizações constantes), o que resultou em uma amostra inicial de 693 doutores. Após a análise dos dados de cada currículo, 53 foram descartados por não mostrarem vínculo claro à hospitalidade (exemplo, nome de evento ou participação de banca cujo título do trabalho avaliado continha a expressão). Assim, a primeira amostra obtida para esta pesquisa foi composta por 640 currículos de pesquisadores-doutores.

O *download* dos currículos selecionados para consulta *off-line* foi feito a fim de facilitar as localizações da palavra hospitalidade e preservar os dados para verificação. Os dados de cada pesquisador foram registrados em uma planilha Excel, considerando os seguintes campos: nome do doutor (completo); cargo/função profissional exercida indicada no currículo como atual e a instituição; curso de doutorado; curso de mestrado; curso de graduação (apenas o primeiro, no caso de haver vários); título da dissertação; título dos artigos em periódicos; título dos livros (autoria ou organização); título dos capítulos de livros; título dos trabalhos em anais de eventos; título da tese (com e sem a palavra hospitalidade); outras produções (participação em bancas, entrevista etc.). Os dados referentes às publicações e outras produções restringiram-se somente às que continham o vocábulo hospitalidade, exceto as teses.

No intuito de analisar as publicações de artigos sobre Hospitalidade em periódicos científicos, foram descartadas publicações de jornais e revistas não científicos (online ou impressa), o que resultou num total de 218 artigos. Para localizar essas publicações foram utilizados sites de buscas online (Google e Google Acadêmico), portais de periódicos digitais, os sites das revistas, assim como bibliotecas e acervos de universidades, nos quais foram localizados artigos que não tinham versão digital.

Todos os artigos encontrados foram arquivados digitalmente para facilitar o acesso e a organização da pesquisa. Criou-se também outra planilha em Excel com as seguintes

informações: nome do pesquisador; sexo; título do artigo; artigos científicos; artigos não científicos; resumo do artigo; endereço eletrônico em que consta o artigo ou resumo (alguns foram localizados somente o resumo do artigo); download (sim ou não); categoria. As categorias são grupos, classes criadas para classificar as pesquisas com características semelhantes e foram determinadas após a leitura dos artigos.

O estudo está dividido em três capítulos. O primeiro discorre sobre o estado da arte, o estado do conhecimento e a análise de conteúdo, como estão relacionados e a aplicação dos mesmos nesta pesquisa. Já o segundo capítulo trata dos estudiosos de hospitalidade e seus conceitos, desde o senso comum, passando pelas visões mercadológica, filosófica/antropológica e sociocultural, as mesmas que serão aplicadas no terceiro capítulo.

Já o terceiro, e último, capítulo apresenta os resultados correspondentes ao perfil dos pesquisadores-doutores brasileiros que tratam de hospitalidade em suas produções científicas, por meio dos dados obtidos pelos currículos cadastrados na Plataforma Lattes. Assim como a aplicação e resultados do estado do conhecimento e da análise de conteúdo nos periódicos científicos.

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA

Não é usual abrir uma dissertação com o referencial metodológico utilizado. Ordinariamente, o primeiro capítulo é reservado ao conceito central do referencial teórico.

Neste caso, contudo, a questão metodológica é central, já que se busca um balanço do conhecimento na área. As questões centrais aqui são, pois: (a) o que é estado da arte, considerando, inclusive, suas variações? (b) de que forma esta metodologia será adaptada aos objetivos da pesquisa?

1.1 OS CAMINHOS DA REVISÃO TEÓRICA

Considerando a atual sociedade da informação, manter-se informado tem se tornado um problema. Neste contexto é que se encontra um motivo relevante para as revisões bibliográficas, devido à sua característica de sumarização (MOREIRA, 2004), pois, para o leitor, permitirá a rápida identificação dessas informações, e, para o que realiza o levantamento, o conhecimento e as dimensões que determinada pesquisa tem abarcado.

Figueiredo (1990) relata que na Alemanha no século XIX iniciou-se a produção de artigos de revisão da literatura nos seguintes formatos: revisão anual, que descrevia as contribuições de certos estudos do segmento; e a revisão seletiva, de cunho crítico e analítico com cerne em uma problemática e em sua solução. Nos estudos atuais verifica-se que essas formas ainda prevalecem, o que não significa que, quando se utiliza uma forma, a outra é totalmente excluída. As revisões são estudos que dão continuidade ao trabalho original, pois unem diversas vertentes de discussão de uma mesma temática. Essa união pode gerar novos questionamentos e/ou resultados sobre o assunto, mas as revisões têm basicamente a função histórica e de atualização.

A função histórica visa comparar informações, compactar o conhecimento, substituir trabalhos originais, identificar temas emergentes e conceder direcionamento a novas áreas. Já a função de atualização informa sobre a literatura nova, sobre como obter conhecimento de assuntos correlatos, suporte na busca bibliográfica, orientação para novas áreas, auxílio no ensino e proporcionar *feedback* objetivo sobre trabalhos publicados (FIGUEIREDO, 1990).

“Revisar significa olhar novamente, retomar os discursos de outros pesquisadores, mas não no sentido de visualizar somente, mas de criticar” (MOREIRA, 2004, p. 22). Segundo o

autor, todo trabalho científico tem por necessidade a realização de uma revisão da literatura. Todavia, quando se trata de pesquisas específicas desta modalidade de estudo, não é dado o mesmo valor e importância, veem-se revisões como trabalhos ruins por acreditarem ser produções que não trazem prestígio, sendo dispendiosas e tediosas (MOREIRA, 2004).

A revisão da literatura ultrapassa a ideia de reunião dos principais títulos. Trata-se de uma pesquisa aprofundada que permite uma visualização sucinta do conhecimento que vem se desenvolvendo, “o autor do artigo de revisão tem que coletar a literatura, assimilar os dados e fazer uso coerente do material, propiciando uma compreensão profunda do assunto” (FIGUEIREDO, 1990, p. 132). Moreira (2004, p. 23 e 24) identifica os seguintes itens de contribuição de uma revisão da literatura:

- Encontrar pesquisas semelhantes e averiguar metodologia e formato;
- Localizar fontes de informação úteis e revelar pesquisadores importantes;
- Ampliação do conhecimento do pesquisador com perspectiva histórica, evitar a duplicação de pesquisas e sugerir temas;
- Indicar novas ideias e pontos de vista;
- Realizar comparações.

Já Pizzani *et al* (2012) mencionam três objetivos da revisão da literatura: proporcionar aprendizado; identificar métodos e técnicas e subsídio para introdução e redação da pesquisa. Em ambos, constata-se a relevância da revisão para o aprendizado dos estudiosos daquele campo de conhecimento, a possibilidade de identificar novos temas ou métodos de estudo, assim como auxílio para a fundamentação das pesquisas.

Moreira (2004) ainda ressalta outros tipos de revisões, além dos apresentados por Figueiredo (1990): a de Silveira de 1992 – expositiva, questionadora, histórica e opinativa – e a de Noronha e Pires (2000), na qual a classificação é feita por critérios: propósito (analítico ou de base); abrangência (temporal ou temático); função (histórica ou atualização); e, por fim, tratamento e abordagem (bibliográficas ou críticas).

O artigo de revisão mostra-se uma fonte valiosa de referências bibliográficas porque identifica as publicações mais importantes de um assunto em certo espaço e tempo, caracterizando um ensaio bibliográfico (FIGUEIREDO, 1990). Segundo Figueiredo (1990), essas revisões (*review*) para alguns autores também são denominadas de “Estado da Arte” (*state of the art*). Ele também apresenta outras terminologias para este tipo de estudo: relatórios do estado da arte; *progresse reports* ou relatórios de avanços em determinada área; levantamento analítico (*state of the art report*): “relatório do estado da arte de uma área

específica de assunto ou problema pela avaliação da literatura em certo período” (UNESCO apud FIGUEIREDO, 1990, p. 134)

Ferreira (2002) menciona que o que leva os pesquisadores a tal investigação é a falta de conhecimento sobre determinado tema, que normalmente está em expansão (quanti e qualitativamente) e em geral produzida em cursos de pós-graduação e pouco divulgadas.

Romanowski e Ens falam que “o interesse por pesquisas que abordam o ‘estado da arte’ deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento de outros” (2006, p. 39). Também concordam com a contribuição a novas pesquisas por identificar lacunas, aportes significativos e restrições no campo de pesquisa.

Esse tipo de estudo, além de propiciar o conhecimento do que se tem estudado, revela sobretudo o que não se tem estudado: áreas que precisam de mais pesquisas ou unir pesquisas (temas) que estão isoladas e que podem ser mais enriquecedores se estudados juntos ou com outras linhas e áreas de pesquisa.

O pesquisador do Estado da Arte, basicamente, passa por duas fases. A primeira delas trabalha com a identificação e quantificação da produção apontando questões como ano, local, autor, instituições. Nessa fase também já se enxergam os períodos e evolução da produção. Na segunda fase, o pesquisador analisa se é possível fazer esse inventário para responder “o que” e “como” e, assim, identificar metodologias e teorias, tendências e ênfases (FERREIRA, 2002).

Questionado sobre a possibilidade de realização do estado da arte com base somente na leitura dos resumos – se a partir destes pequenos trechos é possível fazer uma real avaliação ou diagnóstica de um campo de pesquisa –, Ferreira (2002, p. 265/266) diz que:

há sempre a sensação de que sua leitura a partir apenas dos resumos não lhe dá a ideia de todo, a ideia do que “verdadeiramente” trata a pesquisa. [...] possa estar fazendo uma leitura descuidada do resumo, o que significará uma classificação equivocada do trabalho em um determinado agrupamento, principalmente quando se trata de enquadrá-lo quanto à metodologia, teoria ou mesmo tema.

Além do fato de existirem resumos pouco claros ou incompletos, não há uma diretriz clara para se basear em resumos ou não na realização de estados da arte. Na prática, há pesquisadores que abstraem essas dificuldades, enquanto outros escolhem um padrão/catálogo. Ou ainda, existem aqueles que buscam o texto na íntegra (FERREIRA, 2002). Megid (1999 apud FERREIRA, 2002) defende que para o Estado da Arte é necessário ter o texto na íntegra para leitura e consulta. Vermelho e Areu (2005) optam pela leitura de

artigos, o que adensaria e iria além do comum, que trabalha com resumos. A principal dificuldade nestes dois últimos casos é o acesso ao texto: mesmo que mencionado em algumas bases, essas nem sempre dispunham da referida publicação científica.

Faz-se necessário atentar-se para o fato de que este tipo de pesquisa não tem por resultado a história de produção daquele tema, mas sim uma possível história a partir de determinada base e resumos. Sem contar que essa compreensão tem lacunas e uma organização lógica, ou seja, a história apresentada é a do pesquisador que lê (FERREIRA, 2002).

Romanowski e Ens (2006) comentam que o grande volume de publicações em uma determinada área, no caso educação, geram questionamentos do tipo: quais os assuntos abordados? Quais os com maior predominância? E observam que faltam estudos que respondam a essas perguntas e acompanhem essa produção acadêmica.

É neste contexto que as pesquisas de Estado da Arte contribuem ao seu campo de estudo, pois atuam para desvendar os resultados questionados e/ou imaginados. Este balanço auxilia assim possíveis análises e definições na área estudada, investimentos e rupturas.

As autoras afirmam que é preciso categorizar de modo que possam identificar as facetas em que o assunto vem sendo analisado e pesquisado. Romanowski e Ens (2006) afirmam que uma das dificuldades dos estudos classificados em Estado da Arte refere-se à dificuldade de acesso aos textos, sejam eles periódicos, teses e dissertações.

Além do Estado da Arte também existe o Estado do Conhecimento, o que nos leva ao seguinte questionamento: Estado da Arte e Estado do Conhecimento são a mesma coisa? As autoras explicam que numa pesquisa apoiada no estado do conhecimento há a escolha de apenas um universo (tipo) para pesquisa (exemplo: dissertações ou tese ou artigo). Já ao realizar uma pesquisa de estado da arte todos os tipos de publicação sobre o tema designado para estudo devem ser utilizados (teses, dissertações, periódicos, anais...).

Vale ressaltar a importância de o material analisado ter sido avaliado por um comitê científico, revelando assim estudos referenciais, além de consultar pesquisas semelhantes para se possível assemelhar categorias criando contribuição para identificação de tendências, sugere comparar o resultado do estudo com de outros países ou áreas para ver problemas comuns, tendências e políticas.

Ambos os tipos de estudos podem constituir um marco histórico daquela área de conhecimento porque permitem verificar sua evolução. Também é preciso lembrar que no Brasil esse tipo de pesquisa é recente, logo pouco conhecido, diferentemente da América do Norte.

“Pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento de determinado tema” (BRANDÃO, 1999, p. 4, apud ROMANOWSKI E ENS, 2006, p. 40). O material colhido permite ordenar e organizar as informações e resultados já obtidos, com integração de perspectivas investigativas, estudos, lacunas e contradições (Idem).

Para Messina (1998), o Estado da Arte pode ser comparado a um mapa que permite continuar no caminho. Este tipo de estudo possibilita uma visão ampliada da produção acadêmica em determinada área do conhecimento e a ordenação por interesse, características ou lacunas. Mas o autor não nota diferenças substanciais entre os termos:

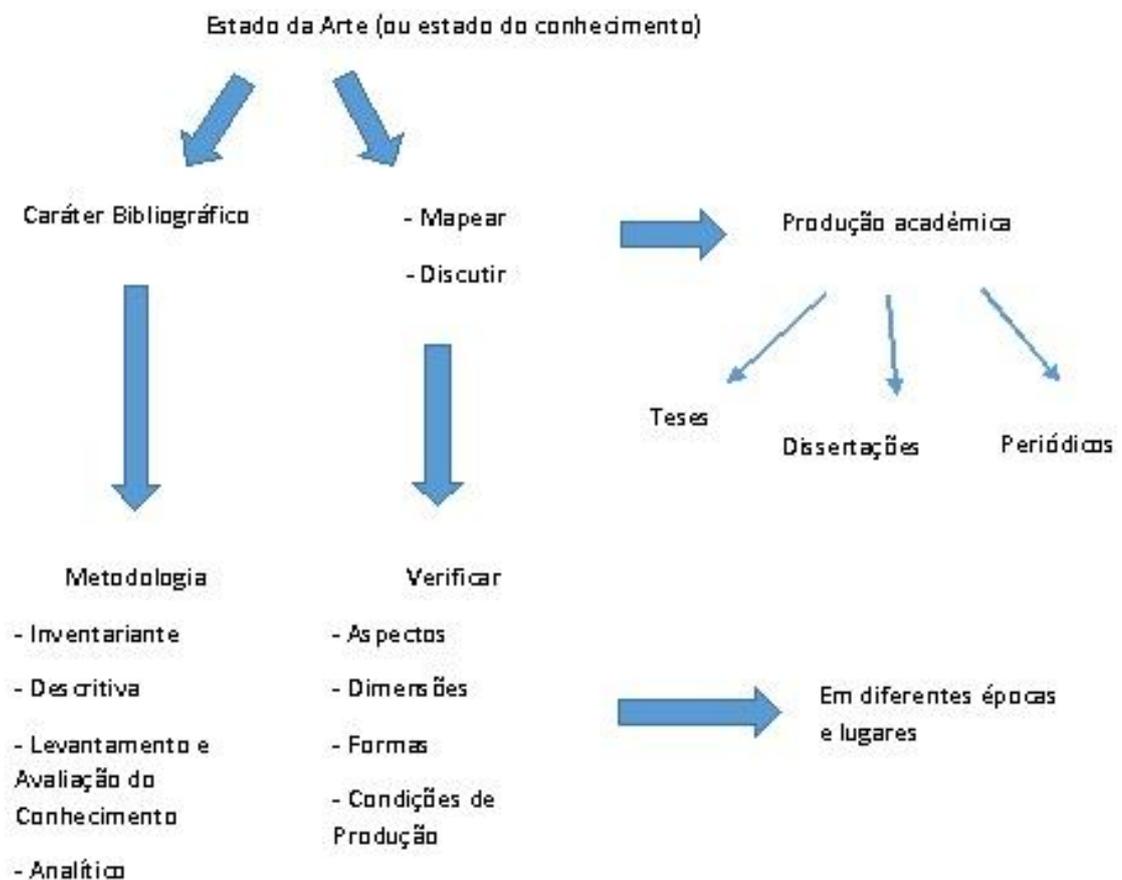


Figura 1 Representação do objetivo do Estado da Arte

Fonte: Adaptado de Ferreira (2002) e Romanowski e Ens (2006).

E como esse conhecimento é analisado? Moreira (2004), ao contrário de Messina, considera algumas diferenças entre Estado da Arte e Estado do Conhecimento. Em sua pesquisa, considera as seguintes questões para o desenvolvimento de trabalhos de Estado do Conhecimento:

- o que o autor estava tentando descobrir? Ele formulou e definiu claramente um problema? O problema poderia ter sido abordado de modo mais eficaz a partir de outra perspectiva?
- o autor avaliou a literatura relevante para o problema? Inclui literatura que assume posições com as quais não concorda? Como o autor estrutura o argumento?
- num relato de pesquisa, que informação fornece sobre a amostra? Qual a precisão das medições?
- como os dados foram coletados? Qual a orientação de pesquisa do autor? Qual o seu referencial teórico?
- quais foram os resultados? Qual o relacionamento entre as perspectivas teóricas e práticas?
- o que o autor conclui e que atribui suas descobertas? Pode-se aceitá-las como verdadeiras? Como é possível aplicá-las ao próprio trabalho?

Para o Estado da Arte sugere-se o acompanhamento de outro método: a análise de conteúdo. É possível se apropriar da análise de conteúdo para esta análise, a qual pode ser usada em estudos qualitativos ou quantitativos e permite verificar se a análise do conteúdo transmitido por meio da comunicação (que pode ser a fala ou a escrita) será feita descritivamente ou inferir os dados existentes (CAVALCANTE, CALIXTO & PINHEIRO, 2014).

Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 31). Ela se faz útil para uma compreensão de significados de uma comunicação de modo não superficial, imediata. O objetivo da análise de conteúdo é ultrapassar incertezas e enriquecer a literatura, podendo ter uma função heurística (descobrir) ou de administração da prova (confirmar),

Que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens [...] a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 1977, p. 38).

Essa inferência é uma fase intermediária, entre a descrição e a interpretação. Moraes (1999) diz que a análise de conteúdo normalmente está presente em estudos de ordem dialética, fenomenológica e etnográfica: “Análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” (MORAES, 1999, s/p). Assim, ela colabora para a reinterpretação de mensagens atingindo uma compreensão aprofundada. A análise de conteúdo é um instrumento com aplicabilidade variada e adaptável no contexto da comunicação (conteúdo a transmitir):

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo), é um método muito empírico, dependente do tipo de <<fala>> a que se dedica e o tipo de interpretação que se pretende como objectivo. Não existe o ponto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis (BARDIN, 1977, p. 31).

Bardin (1977) também menciona a existência da análise documental, assim como suas peculiaridades:

Análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem; o da análise de conteúdo, é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (BARDIN, 1977, p. 46).

Portanto, uma análise sobre determinado tema pode considerar dimensões diferentes, ou seja, materiais diversos ou uma única modalidade de material. Sobre o que pode ou deve compor um estudo baseado na análise de conteúdo, Moraes (1999) comenta:

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo (s/p.).

Todo material selecionado para o estudo deve passar por uma investigação aprofundada para identificar se correspondem ao objetivo da pesquisa de quem propõe o estudo. “De certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação” (MORAES, 1999, s/p.). Assim, para compreender um texto é preciso considerar o conteúdo e o contexto a que pertence (autor, destinatário, formas de codificação e transmissão da mensagem).

Moraes (1999) explica que o objetivo da análise de conteúdo não precisa ser único: pode basear-se em mais de uma pergunta em determinada pesquisa, sendo as seguintes questões:

- Quem fala? (Permite investigar quem emite a mensagem);
- Para dizer o que? [Torna possível focar na mensagem, na informação, palavras (análise temática)];
- A quem? (Permite inferências sobre o receptor e suas características);

- De que modo? [Investiga como a comunicação acontece, processa (códigos, linguagem, estilos), característica do meio de transmissão];

- Com que finalidade? [Procura expor os objetivos (explícitos ou implícitos) de uma comunicação, captar finalidades];

- Com que resultados? (Indica e descreve os resultados efetivos de uma comunicação, congruência entre objetivos e resultados da mensagem difundida).

Focando em uma análise de conteúdo para pesquisa qualitativa, Moraes (1999) propõe um método formador por cinco etapas: a) preparação da informação; b) transformação do conteúdo em unidades; c) categorização; d) descrição; e) interpretação.

Para o uso e a aplicação desse método, deve-se seguir os procedimentos:

a) Definir quais serão usadas e o código de identificação;

b) Rerler para definir o elemento a ser classificado (unidade de análise – palavras, frases, temas, documentos etc.) e isolar.

c) Agrupar dados considerando a parte em comum entre eles. Categoria de ter os seguintes critérios: validade, exaustão, homogeneidade, exclusividade e consistência.

d) Resultados do trabalho, expressar significados obtidos;

e) Compreensão aprofundada por meio de inferência e interpretação.

Já a abordagem pode ser de cunho manifesto (restringe ao que é dito) ou latente (capta os sentidos implícitos), conforme representação gráfica abaixo:

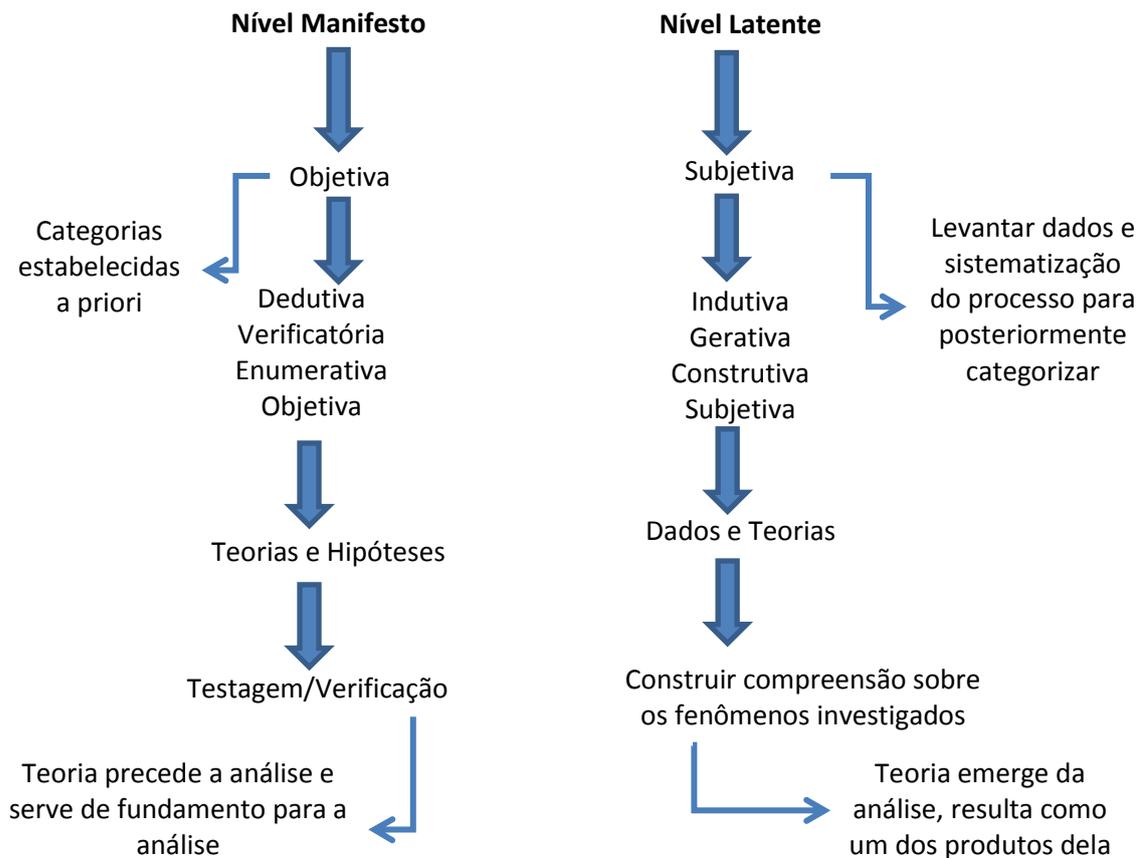


Figura 2 Representação da composição dos níveis de abordagem

Fonte: Adaptado de Moraes (1999).

Há uma gama de formas (técnicas) pelas quais a análise de conteúdo pode ser desenvolvida. Uma delas é a análise de conteúdo temática (categorial) que envolve as seguintes etapas: pré-análise, exploração e tratamento dos resultados. A pré-análise corresponde a uma leitura flutuante para elaboração do corpus (e hipóteses). Já a exploração do material objetiva a categorização por meio de expressões ou palavras de relevância para o estudo. A interpretação ou tratamento dos resultados possibilita a inferência e o inter-relacionamento das interpretações (MORAES, 1999).

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NESTA PESQUISA

Neste estudo, o objetivo é, tendo como parâmetro as tendências das produções internacionais, efetuar uma análise da produção dos pesquisadores-doutores brasileiros sobre o tema. Quais são as ênfases temáticas? A hipótese foi que, embora haja um grande peso da

produção na área da hospitalidade em meio comercial (inclusive turístico) prevalecem temas ligados ao campo sociocultural.

Um objetivo adicional foi estabelecer o perfil dos pesquisadores-doutores. As hipóteses foram que os pesquisadores de hospitalidade são originários da área de comunicação; e que a formação desses pesquisadores está relacionada à área de turismo;

Trata-se, assim, de uma pesquisa de levantamento bibliográfico e documental de ordem qualitativa, na qual também são apresentados os número de pesquisadores e suas produções. O método para o desenvolvimento da pesquisa deu-se a partir do estado do conhecimento e a análise do conteúdo considerando os artigos publicados em periódicos científicos pelos doutores (individualmente) e seus resumos, seguindo-se as teorias de Estado da Arte para essa finalidade.



Figura 3 Metodologia e Métodos Aplicados.

Fonte: Grace Kelly Marcelino

A decisão de pesquisar somente doutores aconteceu por motivos operacionais. Embora se sabendo que a inclusão de mestres seria de grande utilidade, tal tarefa se mostrou inviável pelo número de autores (1206) obtidos por meio da Plataforma Lattes em busca de currículos.

A pesquisa, assim, obedeceu as seguintes etapas:

1. O levantamento da produção internacional e das principais tendências da produção, além da produção nacional de professores doutores atuantes em hospitalidade. Por meio das obras desses autores foram definidas categorias, servindo então de referencial teórico, para verificar se os artigos científicos brasileiros se enquadram nas categorias formuladas discussão essa pertencente ao capítulo 3.

2. Levantamento dos autores doutores-brasileiros que estudam hospitalidade, definindo a base de dados a ser utilizada e forma de análise sobre a produção e quais produções seriam investigadas.

A identificação dos pesquisadores-doutores se deu por meio da base de dados Plataforma Lattes. O *download* dos currículos obtidos na Plataforma Lattes foi realizado em abril de 2014. Foram considerados apenas os doutores de nacionalidade brasileira que tinham em seu currículo a expressão hospitalidade (opção de filtro por assunto). A amostra para esta pesquisa foi composta por 640 currículos de pesquisadores-doutores obtidos por meio do seguinte processo: num primeiro momento o filtro resultou em 696 currículos de doutores que em algum momento citavam a palavra hospitalidade, sendo que três deles “sumiram” ou estavam duplicados na base no período em que foi feito o *download* (o site sofre atualizações constantes), o que resultou em uma amostra inicial de 693 doutores. Após a análise dos dados de cada currículo, 53 foram descartados por não mostrarem vínculo claro à hospitalidade (exemplo, nome de evento ou participação de banca cujo título do trabalho avaliado continha a expressão).

O *download* dos currículos selecionados para consulta *off-line* foi feito para facilitar as localizações da palavra hospitalidade e preservar os dados para verificação. Os dados de cada pesquisador foram registrados em uma planilha Excel. Foram considerados os seguintes campos: nome do doutor (completo); cargo/função profissional exercida indicada no currículo como atual e a instituição; curso de doutorado; curso de mestrado; curso de graduação (apenas o primeiro, no caso de haver vários); título da dissertação; título dos artigos em periódicos; título dos livros (autoria ou organização); título dos capítulos de livros; título dos trabalhos em anais de eventos; título da tese (com e sem a palavra hospitalidade); outras produções (participação em bancas, entrevista etc.). Os dados referentes às publicações e outras produções restringiram-se somente às que continham o vocábulo hospitalidade no título da obra, exceto as teses. Tem-se ciência de que esse critério descarta documentos que contemplam hospitalidade, cujo tema que nem sempre é contemplado no título, embora seja fundamento teórico da análise do estudo realizado.

Sobre a produção textual, os 640 pesquisadores produziram 218 artigos em periódicos, 119 livros e/ou capítulos de livros, 16 teses, 10 dissertações e 306 artigos e/ou resumos em anais de eventos contendo a palavra hospitalidade no título da obra.

3. Perfil dos pesquisadores-doutores

O perfil dos pesquisadores-doutores foi estabelecido pelos dados pessoais e de formação, disponibilizados no currículo cadastrado na Plataforma Lattes. Os dados foram trabalhados em planilha Excel para elaboração de gráficos. O perfil foi estabelecido considerando o universo de 640 indivíduos (currículos). O resultado compõe o conteúdo do capítulo 3.

4. Definição do universo de análise

Para este estudo, optou-se por analisar os artigos publicados em periódicos científicos com autoria individual. Em geral, tratam-se da apresentação de pesquisas recentes, o que permitem identificar os principais temas abordados no campo da hospitalidade. Portanto, houve a necessidade de verificar se os artigos obtidos eram científicos.

Para localizar essas publicações foram utilizados sites de buscas online (Google e Google Acadêmico), portais de periódicos digitais, os sites das revistas, assim como bibliotecas e acervos de universidades, nos quais foram localizados artigos que não tinham versão digital. No site de busca, as pesquisas foram feitas por meio do título da obra ou o nome da fonte de publicação. Nos sites das revistas científicas, a pesquisa era feita por ano de publicação, já que muitas referências bibliográficas não continham o volume.

Todos os artigos encontrados foram arquivados digitalmente para facilitar o acesso e a organização da pesquisa. Criou-se também outra planilha em Excel com as seguintes informações: nome do pesquisador; sexo; título do artigo; artigos científicos; artigos não científicos; resumo do artigo; endereço eletrônico em que consta o artigo ou resumo (alguns foram localizados somente o resumo do artigo); download (sim ou não); categoria, esta última preenchida após leitura.

Uma das dificuldades enfrentadas durante a busca pelos resumos/artigos foi o fato de não se localizar alguns desses, o que dificultou – e muitas vezes não permitiu – a classificação da publicação, em científicas ou não. Um motivo identificado para a não localização decorre do fato de que algumas publicações foram somente impressas e/ou ainda não foram digitalizadas.

Outra dificuldade relevante foram os erros de preenchimento das obras no currículo Lattes pelos autores, que colocaram o título do artigo diferente ao que foi publicado e/ou informaram nome de revista errado. Nestes casos, considerou-se o título localizado, porque as outras informações eram similares (volume, número, título) às descritas no currículo Lattes.

Neste estudo, a análise foi feita pela composição de 41 artigos de autoria individual, em um universo de 218 artigos identificados (continham autoria individual, em dupla ou em grupo). Chegou-se a esse número por meio do seguinte processo: dos 218 artigos, apenas 110 podiam ser considerados aptos (científicos), no entanto, eram publicações em dupla ou grupo; 27 dos artigos localizados não eram científicos; 35 artigos não foram localizados, mas, pela fonte de publicação, foram considerados não científicos; 17 artigos não foram localizados, mas, por meio da referência bibliográfica foram ser considerados científicos – sem possibilidade de analisá-los; nove não continham a palavra hospitalidade no título, mas sim,

na referência ao citar o nome da revista em que foi publicado e 1 artigo foi desconsiderado porque não tratava de hospitalidade, mas apareceu no filtro porque o nome do bairro se chama hospitalidade, logo não foi incorporado à pesquisa.

Também foram encontrados 20 artigos repetidos (os dois ou mais autores fazem parte da lista). Isso acarretou duplicidade em alguns artigos já que ambos os autores constavam na lista obtida por meio da peneira na Plataforma Lattes. Esses artigos foram contabilizados apenas uma única vez no universo nos artigos classificados como científicos.

5. A análise desta produção se deu dentro de três categorias, estabelecidas por meio do referencial teórico: a) aquelas que usam hospitalidade no sentido próximo ao senso comum; b) hospitalidade vista como aspecto instrumental de gestão e negócios; c) hospitalidade como referencial teórico de análise de diferentes aspectos socioculturais.

6. Análise do material selecionado foi examinada por intermédio do estado do conhecimento mediante a leitura e síntese dos artigos científicos, a qual responderá questões pré-definidas. As questões centrais para a análise de conteúdo, de forma consentânea com as categorias selecionadas no item 5, são:

- A hospitalidade é uma questão central no artigo?
- Como o autor relaciona seu objeto com o conceito de hospitalidade?
- Que resultados apresentam e qual sua contribuição para a área?
- Em quais autores de hospitalidade o referencial teórico se apoia?

7. Análise de conteúdo temática: considerando suas três etapas, o estudo deu-se da seguinte forma:

- a) pré-análise: levantamento e leitura dos resumos dos 41 artigos científicos;
- b) exploração do material: identificação de palavras que remetem à hospitalidade em si ou a algum conceito subjacente, como relação interpessoal, virtude, rito e troca (CAMARGO, 2015);
- c) tratamento dos resultados, segundo a categorização proposta.

CAPÍTULO 2 AS DIMENSÕES TEÓRICAS DA NOÇÃO DE HOSPITALIDADE

Este capítulo foi constituído por meio da compreensão de alguns autores sobre hospitalidade que puderam ser percebidos ao longo da coleta e sistematização de dados. Para se conhecer o entendimento de hospitalidade que vem servindo de parâmetro e base para os novos pesquisadores do segmento. A seleção dos autores se deu por meio da identificação dos nomes mais citados no meio acadêmico ou por abordar hospitalidade em algum contexto específico, ou seja, mesmo o autor não sendo tão referenciado, sua menção se deu pela particularidade de sua discussão ou de seu objeto de pesquisa.

A escolha dos dicionários se deu com o objetivo de apresentar os disponíveis na internet, pois a utilização tem sido maior pela facilidade de acesso e os do segmento, no caso Turismo, para verificar se apresenta definições semelhantes aos dicionários gerais ou conceituações mais próximas dos autores.

2.1 NO SENSO COMUM

Segundo o *Dicionário Online de Português* (2015), a palavra hospitalidade significa a ação de hospedar (hospedagem), assim sendo uma característica de uma pessoa que acolhe bem, com gentileza e amabilidade (hospitaleira). Logo, tem por sinônimo os termos acolhimento e hospedagem e, como antônimo, a inospitalidade – aquele que não acolhe com gentileza e amabilidade.

No *Dicionário Informal de Português* (2015), hospitalidade é definida como: ato de hospedar; hospedagem; qualidade de hospitaleiro; bom acolhimento; amor aos estranhos; filoxenia. Observa-se uma abrangência maior ao ler: amor ao estrangeiro, ou seja, cuidar daquele que não é conhecido. Sinônimos: acolhimento, recepção, acolhida, boas-vindas, aceitação, agasalho, asilo, hospitalidade, recebimento, hospedagem, aposentação, aposentadoria, gasalho, hospedaria, pousada, albergamento, cortesia, cordialidade.

Observam-se, assim, nos dicionários e, por extensão, no senso comum, as seguintes limitações da compreensão do termo:

A hospitalidade, na acepção dos dicionários, diz respeito apenas ao anfitrião. O senso comum não considera a característica hospitaleira ou não do hóspede, como se dissesse

respeito apenas ao anfitrião. Já que acontece dentro de uma relação interpessoal, a hospitalidade e diz respeito a ambos os personagens. Nos idiomas grego e francês, esta realidade assume um primeiro plano. O termo grego *xenos* significa ao mesmo tempo anfitrião, hóspede e estrangeiro (WERNER, 2014). O termo francês *hôte* designa ao mesmo tempo quem recebe e quem é recebido.

Também podemos depreender que a acepção presente nos dicionários está centrada na questão do acolhimento e da hospedagem. Embora a acolhida seja condição da hospitalidade e a hospedagem uma das possibilidades de seu exercício, a hospitalidade quase sempre envolve a oferta de alimento e sempre traz ao anfitrião a obrigação de entreter seu hóspede.

Dentre os autores que trabalharam com o conceito de forma semelhante a esses significados temos Giussani (2006), que fala da acolhida no contexto cristão no que tange a família, adoção e guarda de crianças, adolescentes e jovens. Rodrigues (2013) promove uma discussão sobre o estatuto e identidade feminina e para isso baseia-se na hospitalidade incondicional de Derrida. Oliveira (2012) se aprofunda no estudo entre as relações profissionais de bastidores, artistas e espectador nas casas de espetáculos.

Cantinho, Barcelos e Marcos (2015) trabalham o conceito de reconhecimento sob a hospitalidade cosmopolita e a responsabilidade ética. Já Kops (2014) entende que a hospitalidade permite transformar uma marca pessoal ou coletiva, porque pode evoluir e traduzir-se em uma atitude hospitaleira, ou seja, impregnada de práticas sociais.

Nova (2011) faz uma releitura e análise de dois guias turísticos da cidade de São Paulo, escritos em épocas distintas. O primeiro data da época do Centenário da Independência, de 1924. Já o segundo guia, escrito no ano de 1953, trata dos preparativos para a comemoração do IV Centenário da cidade de São Paulo.

Ramos (2004) analisa as experiências e as expectativas de brasileiros que imigraram para a cidade de Toronto, no Canadá e, sua busca em resgatar o real sentido da hospitalidade.

2.2 A NOÇÃO DE HOSPITALIDADE NO MERCADO

O *Dicionário de Administração e Turismo* recorre ao conceito de hospitalidade para depois discorrer sobre hospitalidade comercial:

A hospitalidade pode ser vista como um modelo mental para o acolhimento, e a hospitalidade comercial como instituição. Isto é, a hospitalidade um povo, em uma região ou de uma época, seria caracterizada pelas

representações criadas pelos indivíduos daquela sociedade, sobre como receber, acolher, incluir. A hospitalidade comercial, por conseguinte, vai se referir às instituições relacionadas à hospitalidade, desenvolvida por esta sociedade para atuar nos ambientes dominados por relações mercantis e profissionais, tais como restaurantes, eventos, feiras, parques temáticos, hotéis etc. (SHIGUNOV NETO; DENCKER; CAMPOS; 2006, p. 189).

Em *Terminologia do Turismo Brasileiro*, hospitalidade é “acolhida afetuosa de hóspedes, convidados, turistas”. (s.d., p. 60). Em outras referências técnicas consultadas, como *Hotelaria e Turismo* (2000), o *Dicionário Brasileiro de Turismo* (s.d.) e o *Dicionário Técnico de Turismo* (1990), não há menção da palavra hospitalidade e seu significado.

De qualquer forma, uma grande produção acadêmica surgiu nesse rastro. Boa parte da bibliografia em português autóctone e traduzida traz essa marca. Tanke (2014) discute situações vividas pelos gerentes de recursos humanos de companhias hoteleiras, além de refletir sobre as mudanças que aconteceram nos últimos anos para permitir a visualização dos desafios do setor. Entende que compreender esse contexto dos recursos humanos possibilita alcançar os objetivos dessas organizações.

Powers e Barrows (2004) tratam de temas operacionais e da função da administração de serviços nos meios de hospedagem. Os autores também abrangem a discussão para tendências e impactos que ocorrem, as ferramentas usadas para atingir metas e a relevância do serviço no ambiente de hospitalidade.

A National Restaurant Association Educational Foundation (2004) produziu um estudo descrevendo as perspectivas e mudanças da carreira por meio de uma análise global, considerando a competição e o consumidor. Acrescentou objetivos de aprendizagem, resumos e questionários com respostas.

Paim (2014) trabalha tópicos referentes a custos, orçamento, planejamento, previsão de vendas em diversos serviços, por exemplo, eventos, hotelaria e saúde. Mullins (2004) busca proporcionar as empresas melhoria de desempenho com gestão de pessoas considerando os fatores de influência no comportamento e desenvolvimento dos indivíduos no ambiente de trabalho.

Chon e Sparrowe (2003; 2014) estudam o universo da hospedagem, dos alimentos e bebidas, de eventos e de turismo, explorando o mercado e a hotelaria no passado e presente. Utiliza-se de estudos de casos, lista de siglas do segmento e glossário. Os autores trabalham também questões de desenvolvimento de liderança e caminhos na área educacional e profissional.

Morrison (2011) fala do marketing voltado para a hospitalidade e o turismo, sugerindo técnicas de planejamento, abordagens, implementação e gestão e, para permitir uma profundidade nos temas, utiliza-se de estudos de casos nacionais e internacionais.

Kavanaugh e Ninemeier (2004) contribuem para a absorção de conceitos básicos de gerencia, com meta de manter os preços baixos com alta qualidade, com o uso de novas habilidades.

Meyer (2007) revê sua própria trajetória profissional de aspirante a *restaurateur* até CEO, refletindo sobre o espírito empreendedor, a dedicação ao serviço direcionado ao cliente e interesses filantrópicos. Meyer atribui boa parte do seu sucesso às pessoas que trabalham para ele, descrevendo sua fórmula especial para selecionar e motivar empregados excepcionais, e sua crença de administração de baixo para cima.

Lockwood e Medlik (2003) discutem temas atuais e trazem previsões baseadas em pesquisas sobre o trabalho e o lazer, os padrões de vida da população mundial e o fluxo do turismo internacional de cada continente. Apresenta importantes análises sobre diversos setores do turismo e da hospitalidade, como transportes, cruzeiros marítimos, *timeshare*, marketing, organismos nacionais de turismo, complexos turísticos, etc.

Walker (2002) aborda a questão das viagens e turismo, meios de hospedagem, alimentos & bebidas, eventos, convenções e exposições, lazer e recreação etc., bem como marketing, recursos humanos, liderança e gerenciamento e suas aplicações no campo da hospitalidade.

Vários autores nacionais seguem essa pista de estudo da hospitalidade ligada a negócios. Castelli (2010) discute a inovação na gestão das organizações prestadoras de serviços e também reflete sobre as tendências e mudanças da hotelaria. Em outra obra (CASTELLI, 2009) o autor considera a necessidade de profissionais transformarem o segmento hoteleiro em referência de hospitalidade.

Furtado e Vieira (2011) apresentam os cenários e a conjuntura geral do turismo e a ênfase em receber e acolher nas diversas áreas do mercado. Já Furtado e Sogayar (2009), trabalham com dois focos: aplicação da cultura na gestão, treinamentos e formação profissional na área e em segundo a tecnologia e a economia em hospitalidade.

Campos (2005) trata de aspectos do gerenciamento dos serviços, a necessidade de treinamento, a definição de ocupações e liderança são tratados de forma direta, com exemplos e opiniões de alguns especialistas na área. Por fim, são discutidas as tendências e perspectivas para a hospitalidade na próxima década, com o foco nos modelos de gestão e questões tecnológicas.

Dessa forma, pode-se dizer que o setor comercial foi o primeiro a instrumentalizar a noção de hospitalidade, a ponto de, como disse Gotman (2008), transformar-se em quase sinônimo de turismo. De qualquer forma, esta associação entre os termos hospitalidade, turismo, hotelaria deve-se em grande parte ao fato de não existir em inglês termo específico para hotelaria (usa-se o termo *hospitality*).

Cabe aqui destaque para o grupo britânico reunido por Conrad Lashley. É sempre uma abordagem da hospitalidade em meios comerciais, mas com recurso a conceitos antropológicos. Segundo ele, “a hospitalidade é uma troca contemporânea, idealizada para aumentar a reciprocidade (bem-estar) entre as partes envolvidas, através da oferta de alimentos e/ou bebidas e/ou acomodação” (LASHLEY, 2004, p. 4).

Seus estudos revelam a percepção de que a definição precisa ser mais ampla, já que a hospitalidade envolve vários domínios. Os domínios podem ser sociais, no quais os cenários sociais que impactam a produção e o consumo de alimentos, bebidas e acomodação; privado, no qual se considera o lar e o relacionamento entre hóspede e anfitrião e; comercial, no qual se debruça sobre a atividade econômica dos setores privados e públicos, entendendo “que cada domínio representa um aspecto da oferta de hospitalidade, que é tanto independente como sobreposto” (LASHLEY, 2004, p. 5).

Sua preocupação é o setor comercial da hospitalidade e suas peculiaridades. Por exemplo, para Lashley, a atração de um hotel, em geral, é, paradoxalmente, o que se poderia entender como falta de hospitalidade - o anonimato, diferença em relação ao ambiente doméstico.

Evidentemente, as organizações de hospitalidade não podem mudar o domínio social da hospitalidade, nem gerir suas operações como no domínio privado, mas terão mais capacidade de estabelecer uma comunidade de clientes mais leais se entenderem melhor a hospitalidade nesses contextos (LASHLEY, 2004, p. 20).

Para entender hospitalidade é preciso saber que o fundamento no relacionamento entre hóspede e anfitrião, de certa forma aparentado com o privado.

... é preciso que o hóspede sinta que o anfitrião está sendo hospitaleiro por sentimentos de generosidade, pelo desejo de agradar e por ver a ele, hóspede, enquanto indivíduo. Em consequência, a hospedagem calculista, em que o hóspede percebe um motivo oculto, pode ser contra produtora (LASHLEY, 2004, p. 21).

O autor (2004), entendendo que a hospitalidade abrange os serviços de alimentos, bebidas e acomodação, substituiu o termo hotelaria e *catering*, e apresenta alguns autores que

trabalham o tema numa perspectiva antropológica: Burgess (1982), Cassee (1984), Heal (1990), Telfer (1996) e Visser (1991) sendo esses dois últimos de raízes filosóficas e cultural.

Burgess (1982 apud LASHLEY, 2004) pesquisa a hospitalidade por meio dos presentes, analisa o contexto em que acontece essas trocas de presentes, por exemplo, culturais e simbólicos, além de averiguar a ação de receber e de reciprocidade nos domínios público e privado. Contempla que essa interação humana se estende as relações sociais e se refletem na hospitalidade comercial.

A troca de presente pode ser vista e estudada como algo que estrutura o mundo social, porque a hospitalidade se preocupa com o relacionamento e gera a estabilização social, o presente (troca) é uma das etapas do ritual da hospitalidade, essa primeira ação conduzirá boa parte do que virá depois e assim se conquistar o apaziguamento ou a hostilidade.

Cassee (1983 apud LASHLEY, 2004) une pesquisas sobre hospitalidade que foram apresentadas em uma conferência internacional, mostrando assim as tendências do período (1979) sobre gestão, sendo assim observou que aconteceram mudanças no conceito de hospitalidade, influência de fatores externos e da economia, que a área requer mais pesquisas e investimentos e a existência de conflitos da sociedade e da 'indústria' da hospitalidade. Ou seja, busca salientar a relação da comercialização da hospitalidade e o mundo fora dele.

Heal (1990 apud LASHLEY, 2004) fez um estudo sobre as práticas da hospitalidade na Inglaterra nos séculos XV e XVII, identificando que era um dever cristão manter a casa em bom estado e aberta (atitude de generosidade) para ricos e pobres, vizinho ou desconhecido. Isto porque entendiam a como uma virtude social comparável a honestidade, todavia conclui que agora é diferente a ponto de dificultar a abordagem do tema nesta fase histórica. Heal examina as mudanças das crenças e práticas relacionadas a hospitalidade em diversos contextos.

Visser (1998 apud LASHLEY, 2004) entende que a divisão do alimento é base para uma vida civilizada, além de permitir o vínculo entre familiares ou não. Os estudos de Visser consideram a questão linguística, devido a raiz de anfitrião e hóspede ter a mesma origem indo-europeia (*ghostis*) que equivale a forasteiro e inimigo. Menciona que o relacionamento é primeiramente baseado na obrigação e por último na reciprocidade.

Telfer (2004, p.54) entende que hospitalidade é uma característica das pessoas hospitaleiras, e a define como “oferta de alimentos e bebidas e, ocasionalmente, acomodação para pessoas que não são membros regulares da casa”. Seu texto abrange o contexto da hospitalidade privada e comercial, por meio de correlações e discute as diferenças entre ser um anfitrião hospedeiro e um hospitaleiro.

Para Telfer, um bom hospedeiro é aquele que deixa seu hospede feliz, pois entende que proporcionar hospitalidade é ser responsável pela felicidade do outro enquanto estiverem de baixo de sua ‘guarda’. Agora ser um hospitaleiro envolve a motivação, de agradar o outro, que o anfitrião tem, ou seja, caso seu objetivo seja, por exemplo, ostentar suas posses ele não é considerando um hospitaleiro segundo a autora. “Uma pessoa hospitaleira, proponho, é alguém que proporciona hospitalidade com frequência, atenciosamente e com motivos apropriados relativos à hospitalidade” (TELFER, 2004, p. 57).

Telfer afirma que não considerar, num primeiro momento, sem investigação, que um anfitrião comercial, que tem um motivo não revelado (lucro) não possa ser hospitaleiro uma atitude superficial e precipitada. O autor apresentou uma relação de motivos relativos a hospitalidade em três grupos: o primeiro considera o outro, o desejo de agradar; o segundo chamou de motivos recíprocos, ou seja, o desejo de companhia ou fazer amizades e/ou recíproco, porém com a esperança de que a hospitalidade fornecida seja retribuída em algum momento futuro; já o terceiro grupo corresponde aos não recíprocos, por causa do interesse de beneficiar o hospedeiro e não o hospede, por exemplo, a vaidade. Telfer faz um alerta ao final, pois, na prática, os motivos tendem a se misturar, mas para efeito de estudo, deve se considerar o que se sobressai.

Lugosi (2014) analisa a complexa relação entre hospitalidade e organizações por meio das diferentes práticas das companhias, e observa como a hospitalidade é mobilizada e experimentada pelos *stakeholders*. Reputa que a hospitalidade é articulada para o ambiente externo (indivíduos) com o uso de táticas e estratégias para encantar e que pode ser usada propositalmente para estabelecer relações de poder e suscitar obrigações, seja pela conformidade das normas ou de retribuição.

Posteriormente, o autor verifica que a hospitalidade pode ser implantada para fortalecer normas e hierarquias existentes, além de reconfigurar essas relações. Desenvolve seu estudo no domínio comercial, e percebe que “o desafio consiste em desenvolver uma estratégia de pesquisa que ajuda a compreender as múltiplas dimensões de operação da hospitalidade por meio de suas práticas organizacionais”.¹ (LUGOSI, 2014, p. 12, tradução livre).

¹ No original: “*the challenge lies in developing a research strategy that helps to understand the multiple dimensions of hospitality operating in and across organizational practices*”.

Um segundo desafio seria “a adequação e a praticidade de métodos particulares na compreensão das experiências organizacionais das pessoas sobre hospitalidade”.² (LUGOSI, 2014, p. 13, tradução livre). Lugosi ressalta que os profissionais da hospitalidade têm refletido mais sobre o tema, sobre a qualidade de ser hospitaleiro e os serviços prestados.

No Brasil, deve-se lembrar Elizabeth Wada. Sua reflexão sobre hospitalidade (2002) busca ampliar o conceito, considerando uma abrangência além do campo da hotelaria. Que a precisão em busca de definições pode causar miopia para os espectadores cita, por exemplo, a hospitalidade comercial defendida por alguns e negada por outros.

Menciona que a hospitalidade tem resgatado valores antes esquecidos, e isso se observa por meio da ampliação de ações de solidariedade que buscam ‘receber o outro’ e cursos que desenvolvem a prática do “bem-receber” (WADA, 2002). A autora apresenta também os domínios da hospitalidade, baseando se no autor Lashley (2000), sendo eles: social, privado e comercial.

Muito se busca na esfera da oferta de serviços, mas quase nada se sabe da demanda; muito menos se conhece da mão-de-obra para a hospitalidade comercial – suas debilidades e fortalezas, como transformar certas ameaças em oportunidades (WADA, 2002, p. 70).

2.3 A HOSPITALIDADE NO ÂMBITO SOCIOCULTURAL

Pode-se dizer que a hospitalidade nasce como discussão teórica no campo da filosofia e da teologia. Posteriormente chega às ciências sociais. Na filosofia, a questão é a hospitalidade enquanto virtude. Já nas ciências sociais, é a hospitalidade enquanto dádiva. Verificaremos como esses dois campos concebem a hospitalidade segundo seus autores mais referenciados.

² No original: “*the appropriateness and practicality of particular methods in understanding people’s organizational experiences of hospitality*” (LUGOSI, 2014, p. 13).

2.3.1 Na filosofia

Lévinas, filósofo de origem lituana, desenvolveu seus estudos na França e se especializou no método de pesquisa fenomenológico, abordando em seus escritos a questão da alteridade e, nesse sentido, é um precursor dos estudos de hospitalidade. Suas reflexões subsidiaram pesquisas posteriores sobre hospitalidade, sobretudo de Derrida, porque consideraram e compreenderam a posição do outro em si mesmo, que se trata de um interesse que não parte do eu, mas sim, do outro (SIVERES; MELO; 2012).

Lévinas (1980; 2009) também apresenta uma reflexão sobre o olhar e o rosto e a diferença entre eles. O olhar domina e engloba, porém, o rosto é aberto e externo, compreende. O autor pensa alteridade pela perspectiva do rosto, porque o infinito que é o outro é externo e precisa ser compreendido e não dominado (olhar).

Outro precursor dos estudos de hospitalidade, Martin Buber, filósofo judeu, jornalista e teólogo, nasceu em Viena (Áustria). Sua obra trata do diálogo. Para que este aconteça, há uma premissa: o nós. Entende as singularidades de cada indivíduo e por isso reivindica o vínculo por meio da comunhão. Cada pessoa é uma totalidade e propiciar o encontro é permitir uma relação recíproca, integrada, cujo objetivo deve ser ver o outro como ele é, isto é, um encontro de alteridade.

Ele trata de duas formas antinômicas de encontro: a relação “Eu-Isso” – que trata o outro como objeto, distanciado física e emocionalmente, como coisa ou objeto separado; o caminho do “Eu-Tu” – no qual existe a percepção do outro como essencial, possibilitando o autêntico diálogo.

Mas é com Jacques Derrida que a questão da hospitalidade se afirma. Sua origem familiar de judeus argelinos, que emigraram para a França em 1949, certamente tem uma importância nisso. Sua grande contribuição à área foi a noção de hospitalidade incondicional.

Hospitalidade incondicional é abrir as fronteiras, sejam elas físicas e/ou psíquicas, considerando que o estrangeiro é um forasteiro, ou seja, ele não conhecerá o idioma, as regras de conduta da localidade ou grupo. Sendo assim, o anfitrião precisa agir de modo que permita o estrangeiro se adaptar ao novo ambiente que se insere. Na hospitalidade incondicional, o anfitrião é o responsável pela adaptação e felicidade do que chega.

Para Derrida (2003) a hospitalidade é ética, tanto que considera redundante dizer que há uma ética da hospitalidade, porque as leis são iguais. Explana que as leis da hospitalidade podem ser perversas, e mesmo na hospitalidade incondicional essas leis existem, não há como

negá-las, o risco continua a existir, mas é preciso lembrar que o risco também existe para o estrangeiro, porque está vulnerável de informações sobre o anfitrião e vice-versa.

Ele sempre destacou, por outro lado, que a incondicionalidade jamais poderá chegar ao direito positivo, das leis escritas. Como ele diz,

Uma comunidade cultural ou linguística, uma família, uma nação, não podem deixar de suspender ou mesmo de trair este princípio da hospitalidade incondicional, para proteger sua casa, o próprio e a propriedade contra a chegada ilimitada do outro, mas também para propiciar um acolhimento efetivo. (DERRIDA, 1997, *s/i* - tradução livre).

Na abordagem filosófica, há ainda que se mencionar Massignon e suas reflexões sobre a hospitalidade sagrada, de bases religiosas, ele que, não por acaso era amigo de Buber, e René Scherer (1993) com seu postulado da hospitalidade como base de um direito universal.

Louis Massignon, formado em letras árabes, trata de hospitalidade em seus estudos, porém, com uma diferença: utiliza-se do contexto sagrado, onde busca uma renovação nas abordagens dos estudos sobre cristãos e mulçumanos, sem desrespeitar suas diferenças. O autor desenvolve suas pesquisas considerando sua experiência de vida e espiritual (pai agnóstico e mãe católica), pois por meio dela conseguiu ser um dialogador entre esses grupos. A importância dos estudos de Massignon em hospitalidade também se dá por meio do que ele chama de visão dialogal; a partir dela, Massignon interpreta que a hospitalidade é um dever sagrado, assim como vemos nos estudos mitológicos, que alcança qualquer domínio e que sua aplicação se dá por meio do nome de Deus.

Mais recentemente, um nome a ser citado é o René Scherer (2005), outro filósofo francês. Ele entende que a hospitalidade está em todos os lugares e desenvolve sua discussão tratando dos povos nômades que acolhem mesmo não tendo infraestrutura e identifica que há uma interdependência com o outro (FERRAN, 2008, p. 193). Para o filósofo, a hospitalidade é o meio que representa a preocupação e sensibilização para com o outro.

Ainda segundo Scherer (2005), todos nós somos nômades e cabe ao anfitrião receber e zelar independente do que e de quanto possui. A hospitalidade é a abertura em um mundo fechado, no qual as pessoas consideram que fechar-se é a melhor opção no que tange à segurança, proteção material, física ou psicológica. Todavia, manter-se fechado cria uma ferida que não cicatriza, impede o que recebe de ver que o sentimento de paz só adentra quando o outro é autorizado adentrar. Em sua visão, os riscos são os mesmos com a porta aberta ou fechada. Entretanto com a porta aberta é possível descobrir uma relação com o outro que não é possível quando se mantém a porta fechada.

Além de Inglaterra e França, em outros países, uma filosofia da hospitalidade desabrocha, como é o caso de Isabel Baptista em Portugal e Leonardo Boff, no Brasil. Baptista (2012) define, apoiando seu pensamento em Lévinas, hospitalidade como uma forma de encontro interpessoal e que tem por atitude marcante o acolhimento. Entende que o outro é um ser desconhecido, carregado de mistérios interiores e que a maneira de se tentar descobri-los é por meio do contato, neste contexto que a hospitalidade se torna fundamental.

A hospitalidade contribui para uma sensibilização das relações. Para Baptista (2002, p. 158) é preciso “evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade”, para que seja desenvolvida a ideia de fim comum, além da responsabilidade que leve a solidariedade. A hospitalidade não gira em torno da autossuficiência e da subjetividade fragilizada.

A autora lembra que receber o outro em seu espaço é um risco, uma experiência de exposição e vulnerabilidade, todavia não impede a cortesia e o respeito, ao contrário favorece a valorização dessas ações cria um sentimento de cumplicidade e civilidade, levando a um lugar mais humano (BAPTISTA, 2002).

“A hospitalidade permite celebrar uma distância e, ao mesmo tempo, uma proximidade, experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana” (BAPTISTA, 2002, p. 162). Por isso a autora considera relevante a transformação dos espaços urbanos em lugares de hospitalidade, respaldada pelo carinho e sensibilidade que só podem ser dados quando há outra pessoa.

Ainda, para Baptista (2008, p. 5), hospitalidade é “a ligação respeitosa e afectuosa com o mundo habitado [...] bem como o esforço de repensar, a reactualizar e a ampliar, as antigas leis e práticas da hospitalidade, num esforço de permanente reinvenção da cidadania”. Nessa mesma linha, o teólogo brasileiro Leonardo Boff (2005) fala da hospitalidade como princípio para um novo mundo possível.

Para Boff (2011) hospitalidade é uma atitude e virtude fundamental, já que estamos numa fase de globalização e com milhões de refugiados. A hospitalidade neste contexto pode representar a vida ou a morte de diversas pessoas. E quais atitudes são essas que correspondem a hospitalidade? Segundo Boff são:

Boa vontade incondicional que envolve deixar a malícia, a suspeita e a desconfiança para assim agregar a todos, sendo essa a solução para a crise social e ecológica existente. Acolher generosamente também se refere a aceitar sem preconceitos. Acolher não como obrigação, mas como um companheiro de caminhada.

A atitude de escuta atenta, “trata-se de abrir-se cordialmente, com o sentimento de quem sente o outro e tenta vê-lo a partir dele mesmo e não a partir dos conceitos e preconceitos criados pela cultura” (BOFF, 2011, p. 231).

Aqui Boff (2011) faz uma crítica aos autores franceses que sugerem não se perguntar o nome e origem em nome de uma hospitalidade incondicional. Sim, deve se perguntar, porque as pessoas não são números e recebê-los sem se contaminar com preconceitos ligados ao nome ou país. Dialogar francamente, “entrar em reciprocidade e intercambiar” (BOFF, 2011, p. 232).

Negociar honestamente e renunciar desinteressadamente, renunciar interesses particulares em prol do bem de todos para obter o consenso. Responsabilizar-se conscientemente e revitalizar corajosamente, não é negar os próprios valores, mas sim compreender que não são os únicos válidos.

Transfigurar inteligentemente, canalizar a agressividade para outras formas não destrutivas. Considera importante criar, com urgência, uma consciência de hospitalidade, pois é o que pode permitir superar barreiras, preconceitos e hostilidades contra estrangeiros. “A hospitalidade é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita. [...] É simultaneamente uma utopia e uma prática” (BOFF, 2011, p.235)

Boff (2015) justifica por meio de Kant (1975 p. 358 apud BOFF, 2015, s.d.) porque a hospitalidade colabora para a construção da paz: “porque todos os seres humanos estão sobre o planeta Terra e todos, sem exceção, têm o direito de estar nele e visitar seus lugares e os povos que habitam. A Terra pertence comunitariamente a todos”.

2.3.2 A hospitalidade nas ciências sociais e humanas

O tema da hospitalidade chega à antropologia por várias mãos. Entre os franceses, as ideias de Derrida chegam inspiradas e interpretadas dentro da noção de dádiva de Marcel Mauss (1925).

Marcel Mauss, francês sobrinho de Émile Durkheim, foi sociólogo e antropólogo. Mauss inicia seu clássico *Ensaio sobre a Dádiva* (1925) fazendo uma pergunta que se tornou chave na antropologia: o que faz um presente recebido ser obrigatoriamente retribuído?

Seu estudo toma por base sociedades arcaicas onde as transações mercadológicas aconteciam de maneira diferente daquela que vivemos atualmente. A propósito, o autor

compreende o mercado como um fenômeno humano “não alheio a nenhuma sociedade conhecida” (MAUSS, 1925, p. 188) e observa que mesmo com as diferenças de sociedade, essa força (contrato) que leva a retribuição permanece na sociedade atual.

Seu estudo parte de um ambiente específico, Polinésia e Melânesia, para depois comparar com outros documentos de sua pesquisa. Na economia desses grupos, Mauss (1925) verifica que as prestações e contraprestações não são apenas de bens e riquezas, mas, mais do que isso, trocam “amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente” (MAUSS, 1925, p. 191).

Essas prestações são voluntárias, todavia de caráter oculto obrigatório, e sua não realização pode acarretar em conflitos, guerra. Chamou essas realizações de sistema das prestações totais, mas em algumas tribos esses acontecimentos tem uma forma típica - *potlatch* que significa nutrir, consumir – que também poderia chamar de prestações totais de tipo agonístico.

Essa situação também contempla a obrigação de dar e a de receber, pois a recusa de dar e/ou receber “equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (MAUSS, 1925, p. 202). Aqui se entende a importância e o dever de dar e/ou receber, para que a paz se estabeleça nos grupos.

Uma das conclusões de Mauss (1925, p. 294) é a de que “uma parte considerável de nossa moral e de nossa própria vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam”. O autor se agrada em saber que nem tudo se resumiu ao valor monetário, que há coisas que são regidas pelo valor sentimental.

“A dádiva não retribuída ainda torna inferior quem a aceitou, sobretudo quando é recebida sem espírito de reciprocidade” (MAUSS, 1925, p. 294), uma afirmação escrita há tempos, porém atual. Ou seja, apesar de tantas mudanças, principalmente tecnológica, não invalida essa moral, apenas a adapta a novos contextos.

A temática da dádiva é central na discussão antropológica da hospitalidade, em especial através de Godbout e Caillé. Godbout (1999) discute a questão, tão afirmada pelo homem moderno, de a dádiva não existir porque sabe que a motivação é a troca, o interesse material e não a generosidade ou altruísmo. Explica que a dádiva está em todo lugar. O autor pondera que a dádiva não corresponde a atos separados ou descontínuos, todavia serve para estabelecer relações por envolver o dar – receber – retribuir. Uma relação sem retorno não é uma relação, e a dádiva contribui devido à retribuição, a recompensa, direta ou indiretamente.

Quando se recusa a dádiva, recusa-se a relação: isto é visto como grosseria, ofensa. Também faz a relação entre dádiva e veneno por causa da origem germânica da palavra *gift* e do grego (*dosis*) dose que tem o mesmo sentido duplo.

Caillé (2002) introduz seu livro explicando que há três paradigmas, o primeiro é o individual, utilitarista; o segundo corresponde ao holismo, coletivismo e o terceiro seria o dom. O autor expõe algumas dificuldades que acarretam na falta de compreensão do paradigma do dom, a primeira é a própria palavra dom por causa da apropriação religiosa que a eterniza o espírito, mas para Mauss é um desafio de generosidade (agonístico = luta, combate) e não se resume à caridade cristã (*caritas*).

Caillé (2002) apresenta uma simples, mas relevante, explicação de dom, como a abreviação de dar-receber-retribuir. Dom pode ser de malefício ou benefício, pois também se dá injúrias, palavrões, vinganças... Ou seja, “não somente amor ou amizade, mas também ódio e ressentimento” (CAILLÉ, 2002, p. 305). Por mais que o papel que o dom desempenha é o de ultrapassar a hostilidade, essa administração não elimina antagonismos.

Cita não só a tríplice do dom, mas a quadruple que engloba o pedir, “o pedido e o dom que o atende, a recepção do dom e a sua retribuição” (CAILLÉ, 2002, p. 304). Caillé também menciona que não há um único sentido, direção, transformação do mau em bom, “... no âmbito do círculo do dar-receber-retribuir age sempre e do tomar-recusar-guardar” (CAILLÉ, 2002, p. 306).

Geógrafo e professor, nascido em Paris, Raffestin (1997) aborda hospitalidade por meio de uma reflexão sobre a criação das cidades. Com elas surge a hierarquização, ou seja, alguém tem o poder sobre este espaço caracterizado cidade e esse mesmo indivíduo é quem define as fronteiras. Esse limite estabelecido corresponde ao material (terras) e o imaterial (moral). O outro, que é desconhecido, precisa ser interiorizado, convidado, pois entrar sem permissão gera conflitos que podem levar a morte. Essa autorização é controlada por meio de um rito, designado hospitalidade, que permitirá transpassar a(s) fronteira(s) sem violência. Para Raffestin, hospitalidade é a ponte entre mundos diferentes, desconhecidos: a sinalização de uma cidade, por exemplo, também seria uma forma de hospitalidade, assim como a organização do espaço público.

A associação entre a noção de hospitalidade e dádiva (Mauss) leva a uma crescente produção sobre o tema, de interesse, sobretudo, antropológico. Estudiosos franceses (Montandon, Gotman, etc.) despertam para o estudo, com o uso instrumental da teoria da dádiva de Marcel Mauss.

Anne Gotman (2013) inicia seus estudos sobre hospitalidade em 1990 ao se envolver em um projeto com o Ministério de Obras. Segundo ela, a hospitalidade não deixou de existir, apenas passou por mudanças em seus rituais. A hospitalidade busca a tentativa de igualar; todavia está intrínseca a desigualdade ao considerar suas regras, fazendo com que na modernidade não seja uma palavra que agrade a maioria, logo, há os que acreditam que o conceito está em desuso.

A autora compreende que a hospitalidade é uma forma de sociabilidade, que tem acontecido de modo informal e mais igualitário na sociedade contemporânea. Entretanto ela é sempre limitada, porque esta igualdade não pode acontecer. Observa também que a hospitalidade no domínio doméstico tem perdido espaço para os domínios urbano e virtual, mas as relações continuam a ser a essência.

De fato, a hospitalidade se transforma, como a própria divisão social do trabalho se transforma. Em nossa sociedade, ela não se perdeu, ela entrou nos costumes através de outros agentes. Não se trata mais de hospitalidade privada; foi substituída pela solidariedade: lares, asilos, hospitais, etc. (GOTMAN, 2013, 153).

Alain Montandon, filósofo francês, deve ser citado como estudioso e incrementador de estudos sobre hospitalidade. Para ele, “a hospitalidade é uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis” (MONTANDON, 2003, p. 132). Observou que existe um ritual significativo na hospitalidade, e o principal exemplo a ser mencionado são as regras que Homero estabeleceu, onde a primeira ação do anfitrião deveria ser oferecer água, antes mesmo de se fazer alguma pergunta, indagação.

Apoiado na teoria de Mauss, o autor afirma que “o que trocamos não são apenas bens de consumo, objetos uteis economicamente, mas gentilezas, festins, ritos, danças, festas” (MONTANDON, 2003, p.133). E que apesar da sociedade ocidental moderna ter herdado partes desses traços, ainda retribui os presentes, mesmo sem pensar/entender os costumes das antigas sociedades.

A cena hospitaleira guarda muitos perigos e as regras de educação entram em ação, contribuindo para atingir o objetivo final da hospitalidade, o apaziguamento. “O território de outrem é sempre objeto de uma sensibilidade escrupulosa” (MONTANDON, 2003, p. 134)

Ao entrar neste círculo, não pertencente ao forasteiro e/ou hospede, o mesmo precisa se submeter, abdicar de sua importância e considerar a do proprietário, além de ser fiel e obediente. Montandon comenta que a hospitalidade, devido às suas mudanças, é um tema de estudo nostálgico e, ao mesmo tempo, da moda.

A criação de instituições hospitalares ou de hotelaria e o desenvolvimento da hospitalidade paga modificam a ideia mesmo de uma hospitalidade desinteressada, individual, aberta ao desconhecido. Pode-se dizer que no século XVIII manifesta-se uma tomada de consciência geral de tal transformação a ponto de certas pessoas proporem a substituição, a partir de então, do conceito até mesmo de hospitalidade inatural por aquele de comércio, prática que realiza concretamente a troca, a reciprocidade e a pacificação (MONTANDON, 2003, p. 138).

Montandon reuniu em *O Livro da Hospitalidade* (2011) uma gama de autores que discutem hospitalidade em diferentes contextos, domínios e dimensões. O autor faz um convite ao leitor, levando-o a se sentir “em casa”, orientando sobre a perspectiva que permeará a leitura, que é a hospitalidade como dádiva, similarmente a Marcel Mauss.

O símbolo da hospitalidade é o indivíduo hesitante na soleira da porta aguardando o convite para entrar. Mas a hospitalidade não remete apenas à casa. É entendida como “uma das formas essenciais de sociabilização” e “uma maneira de viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis” (MONTANDON, 2011, p.31), que se estende à cidade e às instituições. Além do mérito teórico intrínseco, este livro traz para esta pesquisa uma ampla gama de autores que, embora em caráter eventual, povoaram os estudos de hospitalidade.

Aliás, a introdução ocupa-se exatamente desses temas. A soleira da porta, para Marie-Claire Grassi (2011, p.45), é uma “ponte frágil e perigosa estabelecida entre dois mundos, entre o interior e o exterior, o dentro e fora de casa[...] etapa decisiva semelhante a uma iniciação”. A pesquisadora aborda em seguida a figura do hóspede marcada pela ambiguidade e estranheza. Em alguns idiomas, como o francês e o grego, *hôte* e *xenos*, respectivamente, designam tanto quem recebe e quem é recebido. Essa ambiguidade mais do que gerar alguns equívocos na linguagem cotidiana, é, na verdade, “a característica de uma hospitalidade que facilmente degenera em hostilidade” (GRASSI, 2011, p.55/7).

A dádiva na hospitalidade é tema abordado por Danielle Perrot, destacando a diferença entre a dádiva como entendida dentro da noção grega de *kharis* e do latim *gratia*. Ela contrapõe a uma imagem corrente e religiosa de caridade, a noção maussiana da dádiva que, desde tempos ancestrais, é instrumento criador de hierarquia, de reciprocidade, de ligação entre duas pessoas ou dois grupos (PERROT, 2011, p.64), através do dar-receber-retribuir. Em outros termos, destaca que “Mauss se empenhou em demonstrar que a dádiva, mais do que moralmente desejável, constituía a base de toda a sociedade” (PERROT, 2011, p.65).

A importância de Mauss no contexto da obra é objeto de um capítulo de Anne Gotman. Ela destaca que “Mauss não consagrou um estudo particular sobre hospitalidade [...]

Em sua obra, a hospitalidade “uma das prestações típicas da troca não mercantil” (GOTMAN, 2011, p.73).

No capítulo que fecha a primeira parte, Marie-Gaïlle Nikodimov (2011) destaca a importância da etnografia para a compreensão da hospitalidade em diferentes grupos. Contudo, tal como o mostrou também Anne Gotman, a hospitalidade é o ponto cego da antropologia, ilustrando tal situação por meio da análise do episódio da morte do Capitão Cook que de Deus venerado pelos nativos polinésios, foi posteriormente morto, porque, ao que parece, ignorava o costume local de matar o Deus para se beneficiar dele.

Na segunda parte, o tema geral se decompõe nos assuntos da religião. O objetivo da seção não é analisar todas as religiões – apenas as monoteístas – embora as religiões politeístas (Grécia, Roma, Índia) estejam presentes em outras análises.

No capítulo da Bíblia, as noções de hospitalidade e reciprocidade, da hospitalidade divina e humana, são tratadas dentro da figura ambígua do estrangeiro. Nesse capítulo, Anne-Cécile Pottier-Thoby fala da Bíblia como caminho em que se sucedem uma hospitalidade fundamental (da criação e do Eden), a hostilidade (a traição advinda do comer o fruto da árvore do conhecimento, redundando na expulsão do Paraíso) e a redenção com a figura do filho de Deus vindo à terra para perdoar os homens. Hospitalidade e hostilidade de Deus para com os seres humanos caminham juntas e apenas o Evangelho nos mostra uma hospitalidade total de Cristo em relação aos estrangeiros, aos doentes, às mulheres, abrangendo inúmeros textos e contextos do Antigo e Novo Testamento.

Em seguida, Philippe Bornet (2011, p. 131) fala do lugar particularmente significativo que a hospitalidade ocupa no Judaísmo, que “pode ser considerada, na literatura rabínica, a outras prescrições centrais, como a do estudo ou do respeito ao Sabat”.

Já o subtema Culturas tem uma maior amplitude de análise. Os textos abordam menos as culturas ocidentais (Noruega e Romênia), nas quais já se conhece a importância da hospitalidade, e mais as dos orientais, que conhecemos apenas pelos rituais complexos de chegada e saída. Trata sobre hospitalidade na China, no Vietnã, na Índia, no Império Russo, na Albânia, na Noruega, na Romênia, na Polinésia e em Madagascar.

No subtema História, a hospitalidade é analisada por Françoise Létoublon, na Grécia Arcaica. No capítulo seguinte Claude Roussel aborda a hospitalidade no ocidente medieval; François Raviez analisa a hospitalidade no chamado *Grand Siècle* de Louis XIV. No capítulo sobre a Grécia Moderna, Efstratia Oktapoda-Lu mostra a sobrevivência da tradição hospitaleira na Grécia antiga e moderna.

A terceira parte aborda, em primeiro lugar, o subtema dos lugares da hospitalidade, Tatiana Smoliarova analisa a importância da arquitetura, em seu sentido amplo, para favorecer as boas-vindas ao estranho ou se defender dele. Também os lugares são antinômicos. Enquanto a choupana hospitaleira abordada por Simone Bernard-Griffits é um arquétipo em todas as culturas de um lugar idílico, rústico em meio à natureza, o castelo, abordado por Pascale Aurais-Jonchière pode ser tratado como um asilo. Na Idade Média, o castelo abrigava cavaleiros errantes, peregrinos e pobres. O século das Luzes transformou-o em lugar inóspito.

Sophie Lémenahèse mostra a gênese das áreas verdes como iniciativa da cidade que acolhe. A montanha, segundo Muguras Constantinescu (2011, p. 489), é julgada, conforme as épocas e regiões, como hospitaleira (lugar de refúgio) ou inóspita (em razão de suas características físicas e climáticas estabelecendo todos os matizes que vão da hospitalidade à hostilidade).

Naturalmente, não poderia faltar um capítulo sobre a cidade, que Véronique Léonard-Rocques trata como refúgio. Quanto ao metrô, último lugar abordado nesta parte, diferentemente do não-lugar de Heidegger, um lugar sem alma e sem gênio, o metrô é uma outra construção social.

No subtema Instituições, Marie-Claire Grassi faz um histórico da hospedagem desde a Antiguidade, mostrando como esta hospitalidade paga e “mercenária” distancia-se da verdadeira hospitalidade, mostrando as formas desdobradas, mercantis e privadas do acolhimento.

A seguir, em quatro capítulos, hospícios tema abordado por Bois, Puijalon e Trincaz, asilo de pobres por Jacques Carré, hospitais por Pierre Guillaume e centro de alojamento e de reinserção social por Michel Roy são mostrados como espaços cujos significados diferentes dos termos demoraram a impor-se, mas todos se confundindo com o conceito mais antigo da hospitalidade. O tema da psiquiatria é tratado por Juliette Dion Dury, de forma insólita, na busca de um conteúdo da noção de hospitalidade psiquiátrica. A relação com o cliente ultrapassa amplamente a relação médica ou mesmo terapêutica. O tratamento é um encontro, uma relação.

Em mais três capítulos, Patricia Godi fala da Igreja, como lugar insólito destinado a acolher a comunidade de fiéis e “produtor de uma hospitalidade mística” (GODI, 2011, p.615/6). Silvye Lazard, por sua vez, trata da Ordem do Espírito Santo e da vocação das Ordens Hospitalárias, em diferentes dimensões.

O último capítulo deste subtema, a hospitalidade mundana dos “salões”, analisada por Antoine Lilti, nos traz de novo a hospitalidade inscrita nas estratégias de distinção social na qual o salão é questão de território e de autoridade e a hospitalidade por um espírito tirânico beira a tomada de reféns.

O último subtema da quarta parte, o dos espaços simbólicos, traz vários temas insólitos. O diário íntimo, sem a interação social típica da hospitalidade, em virtude do caráter solipsista da escrita, é analisado por Danielle-Corrado como dimensão metafórica de uma auto-hospitalidade, como tentativa de criar um lugar para si, que, quando publicado, tem seu sinal invertido.

O capítulo seguinte, da intertextualidade de Muguras Constantinescu (2011, p. 669) nos mostra a sua dimensão metafórica de hospitalidade: “um texto acolhe outro, pode ser seu abrigo, seu refúgio”. Tais práticas nos colocam diante de uma comunidade invisível que cada autor cria para si, com os quais dialoga, introduzindo-os como convidados (epígrafe, citações e referências, o anagrama e o acróstico, a transposição e a tradução), acolhendo-os num “banquete” no qual se incluem o florilégio, a antologia e a coletânea, bem como a inospitalidade (a paródia).

Em sequência à anterior, com o estudo da hospitalidade na tradução, no qual Gabriel Saad (2011, p. 683), nos lembra de que traduzir é “conceder ao estrangeiro seu lugar entre nós”. No último capítulo deste subtema, Catherine Le Grand-Séville e Françoise Zonabend falam da morte e da hospedagem da morte: de como acolher, cuidar dos moribundos, alimentar (exemplos de culturas nas quais o velório é realizado em meio a comidas e bebidas) e lembrar dos mortos.

A quarta parte trata dos mitos, figuras e representações da hospitalidade. No primeiro capítulo, Véronique Léonard-Roques (2011, p. 719) fala do mito como “uma forma ideal para a expressão da dualidade humano/divino que a rege”. Em seguida, Sandrine Ledoux nos traz o mito de Anfitrião, que ilustra ao pé da letra, os deveres antigos dos hospedeiros, o hospedeiro carnal (a semelhança entre a pose do lugar e do corpo do hóspede), bem como a bivalência da noção de *hôte* em francês.

O capítulo seguinte, dos Santos, como barqueiros e viajantes de Deus, da sacralização da viagem do peregrino, da visita dos três Reis Magos ao menino-Deus, de Marta, como a hospedeira querida, e do mito de Santo Aleixo, bem como das relações entre hospitalidade e santidade.

A mesma Marta é tratada em seguida por Nicole Dauny (2011), como uma figura emblemática da hospitalidade e das formas como é reescrita na literatura moderna. O mito do

hóspede abusador (que tem em Don Juan sua expressão máxima) é tratado por Véronique Gély (2011) como o do convidado que transgride todas as regras da hospitalidade, aquele que não se esperava.

A figura paradoxal do Judeu Errante também comparece nesta parte por Marie-France Rouart (2011) na mostra desde a hospitalidade impossível a um viajante inoportuno, como a errância e a passagem por lugares impostos bem como a acolhida desse mito na literatura judaica.

Joachin Manzi e Frédéric Toudoire-Surlapierre (2011) nos introduzem, já no subtema seguinte, das figuras da inospitalidade, com a análise do estrangeiro, o desconhecido que bate à minha porta, colocando problemas como os da entrada, do status do espaço, dos tempos, línguas e identidades e a saída.

Bernadette Bertrandias (2011) na fala do fantasma como a hostilidade de uma inquietante estranheza. O fantasma é o *hostis*, o inimigo. A figura do novo-rico judeu do séc. XIX é tratada por Sarah Juliette Sasson. O vampiro é outra figura, tratada por Ana González Salvador (2011), como o revés da hospitalidade, como aquele que põe em questão a “bondade” da própria hospitalidade. O texto analisa do ponto de vista da hospitalidade, as personagens *Drácula* de Bram Stoker (1896) e *Carmilla*, de Joseph Sheridan Le Fanu (1872).

O parasitismo, o atributo do hóspede que vive à custa de quem o recebe, já tratado acessoriamente no capítulo anterior do novo-rico Judeu, é aqui tema central de Myrian Roman e Anne Tomiche (2011). O capítulo faz a análise dos parasitas clássicos, como os pretendentes de Penélope em *A Odisseia*, o Tartufo, de Molière, o sobrinho de Rameau, de Diderot. Nathalie Prince (2011) encerra o subtema, colocando o fantástico como a hostilidade posta, em parte, como o relato “de uma estadia de um ou vários personagens num lugar, estadia tão tumultuosa quanto é inoportuna e proibida” (ROMAN; TOMICHE, 2011, p.855).

O subtema seguinte trata de autores de arte e literatura. Marie-Christine Paillard aborda Veronese, condenado pela inquisição por sua pintura da Santa Ceia. O autor seguinte, Tito Lívio, analisado por Renée Carré (2011), traz a questão da hospitalidade em relação aos migrantes, pela primeira vez, mostrando o preconceito dos senadores romanos diante de um César que tinha feito entrar na Cúria numerosos homens oriundos das províncias.

Alain Montandon (2011), no capítulo seguinte, traz o autor Christian Hirschfeld e sua apologia da humanidade. Max Véga-Ritter (2011) mostra em seguida Charles Dickens e seu agudo senso de hospitalidade, sempre gostando de sentir à sua volta numerosos amigos, parentes e afins. Traz ainda as variantes para a figura do anfitrião como aquele que oferece

uma hospitalidade reparadora à criança perseguida, mas que também pode ser o mestre da perversidade.

Em capítulo logo a seguir sobre Honoré de Balzac e sua sociologia da vida parisiense, Véronique Monteilhet (2011) mostra as diferentes formas que a hospitalidade assume na vasta produção literária do autor: os hospitais, o banquete, as *soirées* na província e em Paris.

Já as Literaturas Nórdicas, tema de Frédéric Toudoire-Surlapierre (2011), mostram que, ao contrário do mencionado na primeira parte (Culturas) a lendária hospitalidade nórdica não existe. Não poderia faltar um capítulo sobre Marcel Proust e sua antropologia de “salão” e Sylvaine Landes-Ferrali nos mostra que a hospitalidade está presente em todos os volumes de *Em busca do tempo perdido*. Thomas Mann (2011, p. 957) e sua idealização da vida burguesa mostra que esse romancista sabe “ênfaticamente o lugar essencial que a burguesia dá a seus rituais na sociedade moderna”, com seus grandes jantares, nos quais se exercita, sempre tendo como referência a hospitalidade de reis e príncipes, um número crescente de bens com objetivo suntuário.

Pierre-Yves Boisseau (2011) trata, em seguida, do trágico nacional que Kadaré, numa antropologia simples, expresso no mítico Kanum e seus provérbios, cujas leis-não escritas estão ameaçadas pelo moderno europeu. Edmond Jabés, filósofo que apenas no final da vida, refletiu sobre o tema, e teve seu *Le livre de l'hospitalité*, publicado após sua morte, é analisado por Jean-Pierre Dubost (2011).

A quinta parte é dedicada aos campos da filosofia, política e sociedade. No primeiro subcapítulo, Ginette Michaud (2011) traz a noção de hospitalidade incondicional de Derrida. Marie Gaille-Nikidimov (2011) coloca a seguinte questão: como a sociedade acolhe o filósofo e a filosofia? Com base em Spinoza e em Kant, a autora desenvolve a noção de que a filosofia, tal como Kant e Spinoza a concebem, deve preservá-la ao mesmo tempo da censura teológica e da estatal.

O conflito do direito e das leis não-escritas é o tema seguinte abordado pela mesma Marie Gaille-Nikidimov (2011). Para ela, a concessão ou recusa do direito de cidadania, se quiser ser um pensamento sobre hospitalidade, deve levar em conta “o peso [com que] queremos medir as fronteiras inter e extraestatais” (GAILLE-NLKIDIMOV, 2011, p. 1038).

Sylvie Aprile (2011) fala a seguir do exílio. Para ela, a história do exílio é uma reflexão sobre a hospitalidade e a inospitalidade. O tema seguinte, para culminar os anteriores, só poderia ser o da migração, tratada em dois subcapítulos. Para Rose Duroux (2011), a imigração difere do exílio porque não é obrigatória, definida juridicamente como o fato de uma pessoa buscar uma nova região para procurar ou exercer um emprego. Mireille

Rosello nos fala da imigração que não necessariamente se entende com hospitalidade, principalmente quando foi o próprio hospedeiro “que contribuiu para colocar os estrangeiros em posição de solicitantes perpétuos” (ROSELLO, 2011, p.1087).

O subcapítulo seguinte, dentro da lógica da formatação da obra, teria de ser necessariamente sobre o tema da exclusão, que, “tanto como uma prática ou como um discurso que a encoraja, denuncia ou condena” (BENOSSE, 2011, p. 1090). Eliminar a exclusão na prática e no discurso implica em redefinir o papel do trabalho em nossas vidas, o lugar que o consumismo ocupa e inventar um novo espaço livre da lógica e da racionalidade da produção. (BENOSSE, 2011, p. 1102).

Já Pierre-Yves Beaurepaire (2011) nos traz a Franco-Maçonaria no século do Iluminismo, como espaço de acolhimento de refugiados, exilados. Esse acolhimento do outro no qual se reconhece um irmão, dá mostras de uma franco-maçonaria fraternal, como um viático.

Magali Bessone (2011) trata em seguida do que ela chama de subversão heroica do público e do privado, representado pelo movimento transcendentalista, reunindo pensadores como Emerson, Channing e Thoreau. As leis da hospitalidade são tratadas como leis divinas. A hospitalidade, ao acolher o convidado na intimidade do lar, paradoxalmente coloca os indivíduos na dimensão pública.

A utopia, a necessidade do absoluto e a esperança do melhor é abordada por René Scherer (2011), nos coloca diante da hospitalidade utópica e/ou da utopia hospitaleira de Charles Fourier. A utopia da hospitalidade universal de Kant nos fala de uma hospitalidade exercida universalmente, para além das contradições e das convulsões hostis.

Marie Gaille-Nikodimov (2011) mais uma vez comparece para abordar a ambiguidade dos direitos do homem, vistos sob o prisma da hospitalidade. “Quando o caráter nacional é o critério de identificação jurídica das pessoas, a cidade faz os cidadãos; no caso contrário, quando o sujeito de direito é a pessoa humana, os cidadãos, reunidos, fazem a cidade” (GAILLE-NLKIDIMOV, 2011, p. 1157). O último capítulo deste subtema coube a Joachin Manzi, tratando de Emmanuel Lévinas e a epifania do outro.

O segundo subtema desta última parte da obra começa com um capítulo, que parece deslocado, já que pareceu mais adequado para a primeira parte, abordado por Christiane Binet-Montandon (2011), sobre a acolhida como construção do vínculo social. Não poderia faltar, também, um capítulo sobre os ritos de hospitalidade na política, abordado por Pascal Lardellier (2011).

Os banquetes públicos, de autoria de Yves Schemeil (2011, p. 1.195), é um capítulo que demonstra que “nada é mais político do que beber em comum, quando os convivas não são consanguíneos nem ligados entre si [...], uma sequência de hospitalidade que compreende o envio do convite, o provisionamento e o preparo da refeição, a acolhida e o posicionamento dos convidados”.

Jean Jacques Boutaud (2011, p. 1213) fala, em seguida, da comensalidade, como o ritual de compartilhar a mesa, “no qual não se trata só de comer, mas de saber comer em comum, de ser visto comendo, sob o olhar dos outros”, da convivialidade, que transborda numa ética, com as “proibições puras e simples que regulamentam a mesa [...], o controle, a moderação e a dietética” (BOUTAUD, 2011, p. 1221).

Pode-se falar de hospitalidade nas relações que mantemos com os animais domésticos e o *status* que lhes concedemos? Lucile Desblache (2011) responde à questão afirmando que, se a palavra hospitalidade apresenta conotações humanas, nem por isso deixamos de lado “valores humanos [...que nos permitam] construir uma visão mais ampla dessa acolhida, por meio da qual seríamos verdadeiramente restituídos à nossa humanidade” (DESBLACHE, 2011, p.1250).

O comércio da hospitalidade é, por sua vez, abordado por Céline Perol (2011, p. 1251), para quem “parece ser muito simplificado sugerir a passagem de uma hospitalidade arcaica, gratuita e exorcista (neutralização de seus efeitos maléficos) para uma hospitalidade utilitarista e monetária”.

Entre os anglo-saxões, a preocupação recorrente é com a hospitalidade no mercado. Mas Julian Pitt-Rivers pode ser estudado dentro da corrente francesa de estudos de hospitalidade. Ele inicia seu estudo sobre a hospitalidade argumentando – em diversos contextos, por exemplo, na mitologia grega e os esquimós – sobre as formas de recebimento daquele que é estrangeiro.

Para o autor, encontra-se em hospitalidade a ideia de igualdade, que seria a tentativa de equiparação entre hóspede e anfitrião. Entretanto essa equiparação nunca acontece pelo fato de que o anfitrião é quem dita às regras, sendo assim, observa-se que há o prevalecimento das regras ‘impostas’ verbalmente ou não.

Vale ressaltar que mesmo a hospitalidade não conseguindo realizar essa equiparação (no final), proporciona um ambiente de convívio harmonioso e de ‘paz’. Esse ciclo que cria o vínculo, duradouro ou efêmero, gera uma circulação dessa ‘paz’, não necessariamente para o que recebeu ou ao recebido, vai além, alcançando outros que não estavam inseridos no primeiro desenrolar da situação, favorecendo o ideal de igualdade seja expandido. “Ela não

elimina o conflito completamente, mas o coloca em suspensão e proíbe a sua expressão” (PITT-RIVERS, 2012, p. 513 tradução livre).

“Exigir ou tomar o que não é oferecido é sempre uma usurpação do papel de anfitrião” (PITT-RIVERS, 2012, p. 516 tradução do livre). Se o estrangeiro tiver essa atitude irá ofender ao que recebe e dependendo do contexto cultural que está inserido poderá criar conflitos que ultrapassem o relacionamento dos dois.

Igualmente, na mesma corrente, pode ser incluída a obra coletiva organizada por Valene Smith, que, segundo Gotman, foi a primeira estudiosa do turismo a colocar sua reflexão sob a égide de Marcel Mauss.

Entre os brasileiros, Camargo (2015) considera a hospitalidade como um conceito que surge na intersecção de quatro conceitos: relação interpessoal, virtude, ritual e dádiva. Para ele, as práticas sociais da hospitalidade podem acontecer nos tempos sociais e nos espaços sociais. No primeiro enquadra-se o receber, o hospedar, o alimentar e o entreter e no segundo o espaço doméstico, o público, o comercial e o virtual. “A hospitalidade é interação de seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para essa interação” (CAMARGO, 2004, p. 85).

Grinover (2002) discute hospitalidade considerando sua complexidade sociocultural, primeiro faz um breve levantamento de definições existentes e verifica como a história contribuiu no entendimento do uso da palavra.

O autor menciona que “hoje, o conceito de hospitalidade estende-se para além dos limites de hotéis, restaurantes, lojas ou estabelecimentos de entretenimento” (GRINOVER, 2002, p. 27). Por isso, há a necessidade de analisar na pesquisa em hospitalidade a história, a epistemologia e o empirismo por meio da interdisciplinaridade.

Os atos inseridos no contexto da hospitalidade consolidam estruturas relacionais ou transformam-nas, “a hospitalidade muda, transforma estranhos em familiares, inimigos em amigos” (GRINOVER, 2002, p. 27). Essa troca ou modificações altera a cultura e o social. Nisso, para o autor, compreender porque um local é considerado mais hospitaleiro do que o outro, abrange duas dimensões, além da humana, a sustentável e a urbana (infraestrutura).

Grinover também relaciona questões políticas, econômica, tecnológica e globalização para apresentar que há um caminho sendo percorrido em direção a um mundo ‘sem fronteiras’: lembra que há os que concordam e os que não concordam com este mundo sem fronteiras. Todavia, o autor entende que compreender essas relações de fenômenos urbanos e tendências globais contribuirá para a governança das cidades, principalmente das metrópoles, porque neste contexto todos são protagonistas.

“A hospitalidade urbana repousa mais sobre o direito à tranquilidade e ao anonimato que sobre o direito ao reconhecimento e à identidade” (GRINOVER, 2002, p. 33). Entende-se, com essa afirmação, que o avanço tecnológico permitiu a tão sonhada visibilidade que antes era permitida somente àqueles envolvidos com a mídia, porém essa facilidade em ser visto faz com que as pessoas passem a buscar o que antes desprezavam, e para o autor a hospitalidade contribui para se alcançar essa tranquilidade e anonimato.

Para Grinover, o urbanismo se preocupa com situações que estão sendo vistas como insatisfatórias, sendo assim promove a hospitalidade que por sua vez garante “o princípio da heterogeneidade da cidade, e sobretudo a riqueza de sua diversidade social” (2002, p. 35).

Na cidade o indivíduo passa por um processo de percepção e recepção do que está ao seu redor, tem uma atitude ativa porque cria sua própria imagem sobre o espaço, logo há legibilidade diferente em cada cidade, acarretando também em níveis diferentes de hospitalidade, por isso incentivar e fornecer facilidade de leitura e interpretação poderá aumentar a percepção de cidade hospitaleira.

Bastos (2012) promove uma interpretação da relação de hospitalidade e patrimônio. O conceito de patrimônio envolve o material e o imaterial (ex. festas) e isso deve a dinâmica cultural, assim o patrimônio é “portador da memória e da identidade” (BASTOS, 2012, p. 214), e passa a ser referência cultural para aquele grupo que o pratica e/ou mantém.

A hospitalidade acontece por meio dessa referência cultural, pois gera relações e vínculos, anfitrião e visitante se encontram, além da oferta de abrigo e alimentação. Hospitalidade engloba tempo, interação entre os sujeitos e espaço, este último muitas vezes é carregado de histórias (patrimônio histórico cultural), o anfitrião escolhe espaços seguros, acessíveis, confortáveis, entre outros.

Esses espaços acabam por ser identificados como lugares de hospitalidade por causa do desenvolvimento das práticas de hospitalidade, ganham esse “sentido na medida em que o anfitrião com ele compartilha suas experiências e o introduz no seu universo cultural” (BASTOS, 2012, p. 216).

Bastos (2012) explica que o patrimônio promove a participação na manifestação cultural. O compartilhamento e identificação entre os envolvidos leva ao sentimento de pertencimento e identificação, também podendo construir os chamados lugares de memórias. A hospitalidade é visualizada neste contexto devido o acolhimento existente para conhecidos e desconhecidos, ultrapasse-se fronteiras e se consolida laços sociais, “valores e sentidos se sobrepõem e se completam, quando se trata da ativação do patrimônio nas práticas de hospitalidade” (BASTOS, 2012, p. 218).

Salles é uma estudiosa da migração, e coloca suas reflexões sob a égide da teoria maussiana, da mesma forma que Bueno em seus estudos sobre festas e imigração. As autoras entendem que a hospitalidade está presente nos deslocamentos do homem. As alternâncias de destino interferem na forma de acolhimento da sociedade receptora, logo influenciam as práticas de hospitalidade. Com o aumento desse fluxo, a hospitalidade no meio doméstico diminui, no meio econômico ganha expressividade, e, no público, cria-se as regras para recebimento. Além da hospitalidade envolver a questão da mudança de território, não somente físico, também firma um ritual de acolhimento (BASTOS; SALLES & BUENO, 2014).

Por fim, para Dencker (2003) a hospitalidade permite pensar em ir além, que seria a busca da felicidade, isso porque a hospitalidade entendida como forma de receber o outro, desencadeia o exercício de se colocar no lugar do outro, conhecido ou não, tolerar e conviver com as diferenças e a reciprocidade. Em mundo em que o anonimato tem prevalecido, a hospitalidade promove a generosidade, integração e a sensação de se sentir acolhido.

CAPÍTULO 3 OS RUMOS DA PESQUISA EM HOSPITALIDADE NO BRASIL

Conforme colocado no capítulo 1, buscou-se preliminarmente definir alguns elementos do perfil dos pesquisadores nacionais. Para tanto, utilizou-se o universo de 640 pesquisadores do tema. No capítulo 3 o foco se volta àqueles que construíram as pesquisas examinadas até aqui, buscando-se, assim, compor em linhas gerais o perfil desses pesquisadores.

3.1 PERFIL DOS PESQUISADORES-DOUTORES BRASILEIROS EM HOSPITALIDADE

3.1.1 Aspectos gerais dos pesquisadores-doutores presentes na Plataforma Lattes

Antes de apresentar os resultados obtidos, considerou-se relevante apresentar dados gerais dos pesquisadores-doutores registrados na Plataforma Lattes para permitir uma compreensão ampla do contexto.

Por meio de relatório em Excel de 31 de outubro de 2014, disponibilizado no site da Plataforma Lattes, identificou-se que há 193.345 indivíduos registrados no currículo Lattes que são doutores. Verifica-se (gráfico 1) que a diferença entre masculino e feminino corresponde a 4% (9.113). A história permite observar que os homens tiveram acesso aos estudos primeiro que as mulheres, cogitando uma das maiores instâncias de grau no ensino superior formal, porém pode-se ponderar que as mulheres se equipararam quando se trata de ensino superior *stricto sensu*.

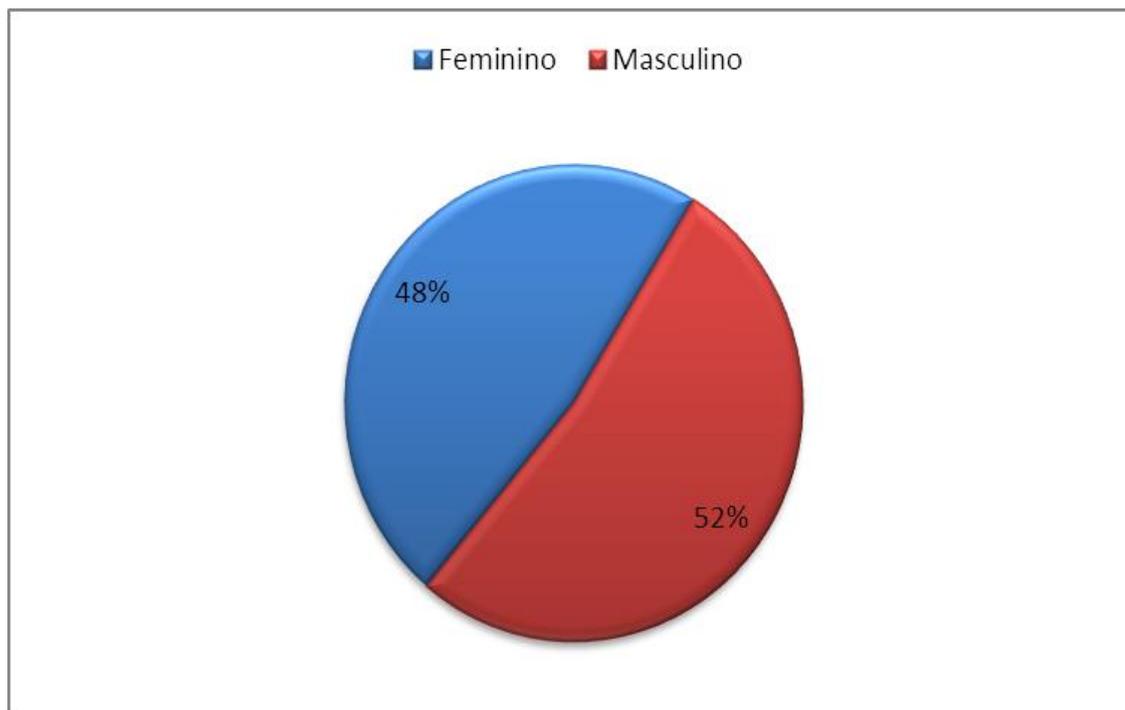


Gráfico 1 – Quantidade de Pesquisadores-doutores por sexo – com base no relatório de 31/10/14.

Fonte: CNPq - 2014

Outro levantamento realizado e apresentado (gráfico 2) refere-se à grande área de conhecimento, classificação do CNPq, a qual os pesquisadores doutores pertencem. As áreas de Ciências Humanas, Ciências da Saúde e Ciências Exatas e da Terra são as que concentram o maior número de pesquisadores. Entre as mulheres, visualiza-se uma predominância nas áreas de Ciências Humanas, Ciências da Saúde, Ciências Biológicas e Linguística, Letras e Artes. Entre homens, há uma concentração nas grandes áreas de Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Engenharias e Ciências da Saúde.

Observa-se na grande área de Engenharias, Ciências Exatas e da Terra e Ciências Agrárias o número de participação feminina é menor em relação à masculina. Essa diferença permite pensar que, de modo geral, são algumas das áreas mais recentes a conceder espaço para a atuação feminina, principalmente no mercado de trabalho, logo a participação de pesquisadoras é menor. Silva (2013) revela que a realidade é semelhante no ramo da construção civil, a quantidade de mulheres trabalhando nesta área tem crescido apenas recentemente:

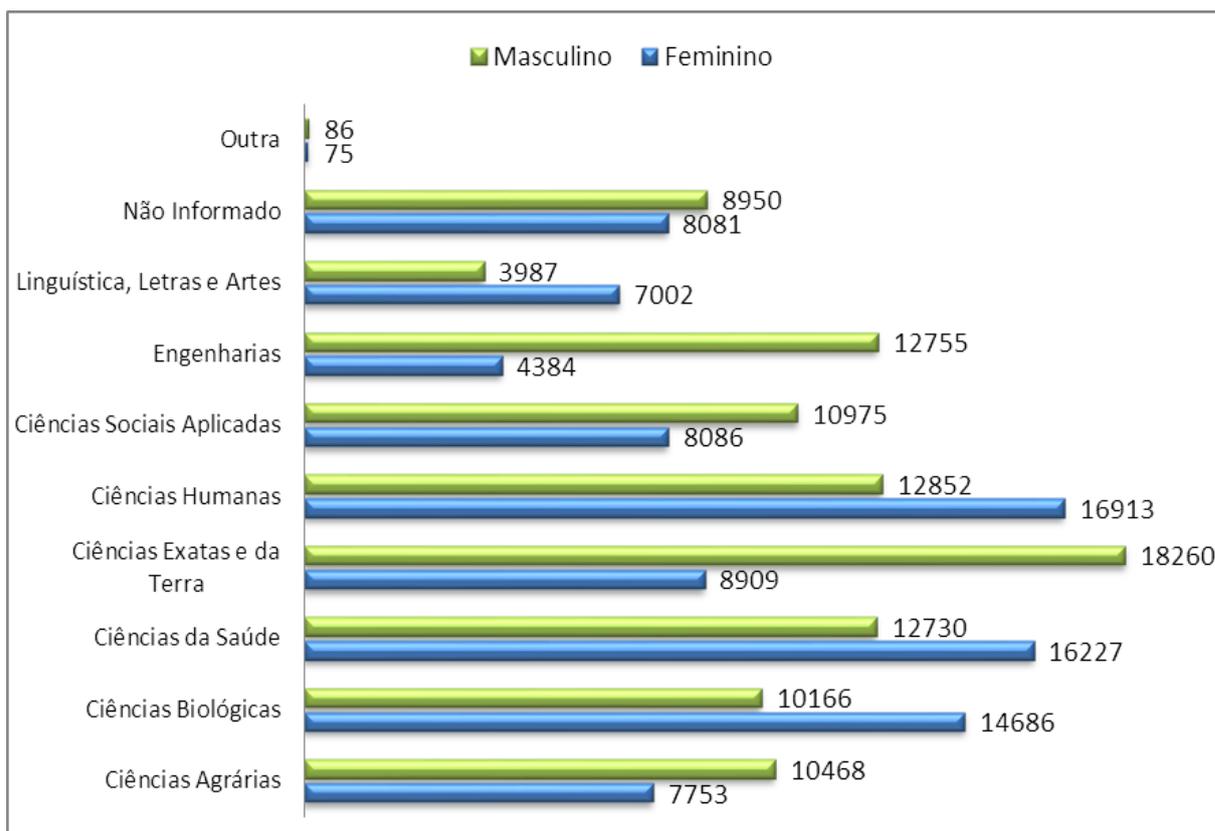


Gráfico 2 - Áreas do Conhecimento dos Pesquisadores-doutores por sexo - com base no relatório de 31/10/14.

Fonte: CNPq – 2014

Conhecer características dos pesquisadores brasileiros é relevante, pois permite verificar a necessidade de fomentos para o desenvolvimento de pesquisas e os ramos em que as pesquisas estão conceituadas, as que se despontam, seja pela necessidade de novas soluções ou para aprimorar o conhecimento.

Portanto, para uma área recente de pesquisa como a Hospitalidade, essa importância se torna essencial: é preciso saber quais os assuntos mais abordados e o porquê de suas discussões, para assim, identificar se ocorre uma evolução nas pesquisas ou se elas estão girando em torno de um mesmo epicentro. Além disso, observar os focos de construção de pesquisa permite a identificação de lacunas e/ou novas oportunidades de pesquisas.

3.1.2 Pesquisadores-doutores brasileiros em hospitalidade

Dos 640 currículos levantados, 337 são de mulheres e 303 de homens. Nota-se que a predominância feminina não é expressiva (30), considerando o número total de sujeitos, em

percentual essa diferença representa 6%. A participação feminina nesta temática é maior. A área de conhecimento geral não foi determinada, porém os dados serão apresentados por área de conhecimento específico com cursos de eixos semelhantes agrupados para facilitar a visualização, devido à quantidade de sujeitos (currículos).

O levantamento das principais atuações profissionais das pesquisadoras mostrou que 240 mulheres exerciam a função de professora, 19 de coordenadora e 8 trabalhavam como diretora. Dentre os pesquisadores do sexo masculino, 223 atuavam como professor, 14 como coordenador e 8 como diretor. No cargo mais elevado – diretor (a) – há uma quantidade equivalente, essa semelhança dos números nos cargos elevados permite aferir que existe relativa paridade no tocante à atuação profissional acadêmica, a despeito de não conseguirmos considerar aqui se a remuneração destes cargos seria equitativa.

Independente de sexo, os cargos listados podem estar presentes em instituições de ensino ou não. Aparecem ainda, em ambos, cargos de assessor, analista, assistente, colaborador, consultor, gerente, membro de comitê, conselho ou núcleo, sócio e, alguns, em branco (não informaram).

Ao se tratar da área do conhecimento de formação desses pesquisadores, obteve-se o seguinte resultado:

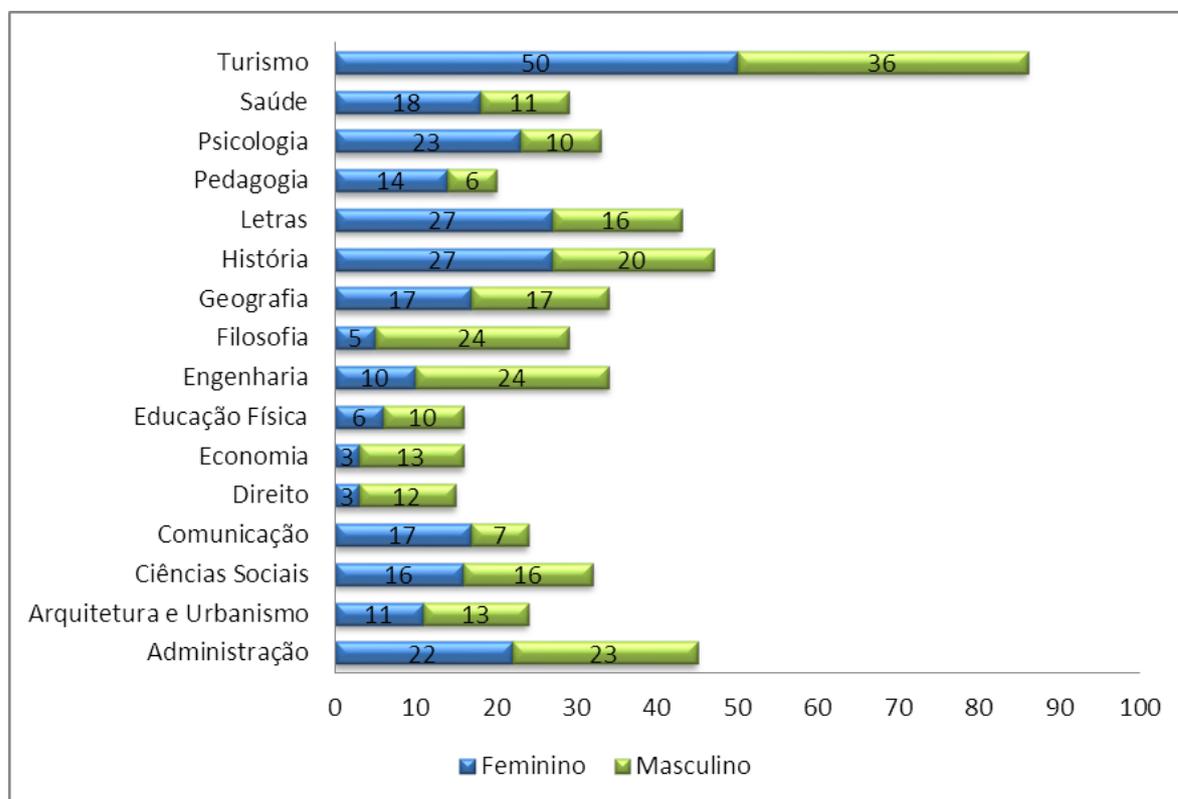


Gráfico 3 – Cursos de Graduação dos Pesquisadores-doutores por sexo

O gráfico 3 mostra as áreas de graduação onde pesquisadores estão inseridos. Identificaram-se 67 cursos de graduação realizados pelas 337 mulheres e 64 cursados pelos 303 homens. Para a representação gráfica, foram considerados os cursos que continham acima de 10 indivíduos. Os cursos também foram agrupados por área geral somente nos que houve necessidade³. Dentre as áreas, os cursos de Turismo aparecem em maior proporção. Pode-se ponderar que essa representação se dá devido ao termo hospitalidade estar fortemente relacionado à atuação profissional de hotelaria, inserida no ramo turístico.

Os cursos de Filosofia, Direito, Engenharia e Economia têm uma aderência masculina, enquanto que nas formações das áreas de Comunicação, Pedagogia e Saúde, observa-se a prevalência feminina. Ao se atentar a gráfico 2 – que apresenta as áreas de conhecimento geral – em perspectiva comparativa ao gráfico 3 –, nota-se que as áreas Linguística, Letras e Artes e Ciências da Saúde são representadas por cursos agrupados nas especificidades Letras e Saúde, de considerável participação feminina. Em áreas de Ciências Sociais aplicadas – Administração, Turismo, Ciências Sociais, Geografia e História – a participação de homens e mulheres nos estudos têm relativa proporcionalidade de aderência, o que não era possível localizar com expressividade no gráfico 2. A prerrogativa da hospitalidade nos estudos, em ambos os gêneros, faz parte da área de Ciências Sociais Aplicadas, por meio das áreas de conhecimento específicos de Turismo e/ou Hotelaria, que no gráfico 2 não era expressivo. Onze mulheres e 7 homens não informaram o nome do curso realizado na graduação.

No gráfico 4, a seguir, têm-se as áreas específicas dos cursos de mestrado relacionados à hospitalidade. A lista culminou em 113 nomes de cursos diferentes de mestrado realizados por pesquisadoras e 104 por pesquisadores. Porém, destes, 11 mulheres e 25 homens não especificaram o curso realizado. Como não há obrigatoriedade em cursar um mestrado para se realizar o doutorado, este pode ser um dos fatores da ausência do nome do curso de mestrado além de possíveis erros de preenchimento ou, ainda, da valorização da maior titulação. Para

³ Administração (administração, administração pública), Arquitetura e Urbanismo (Arquitetura, Urbanismo, Arquitetura e Urbanismo), Artes (Artes, Pintura, Música, Educação Artística), Biblioteconomia (Biblioteconomia, Biblioteconomia e Documentos) Comunicação (Comunicação, Comunicação social, Comunicação e artes), Desenho (Desenho, Desenho e Artes Plásticas), Direito (Direito, Ciências Jurídicas), Economia (Economia, Economia Doméstica, Ciências Econômicas e Contábeis), Engenharia (Civil, Agrônômica, Alimentar, Química, Produção, Pesca, Elétrica, Florestal, Mecânica, Naval), Ciências Sociais (Ciências Sociais, Estudos Sociais), Filosofia (Filosofia, Filosofia e Ciências Humanas), Informática (Informática, Ciências da Informação, Informática e Análise de Sistemas, Processamento de Dados), Linguística (Linguística Aplicada, Língua Portuguesa, Língua Grega, Português e Grego), Saúde (Nutrição, Nutrição e Dietética, Enfermagem, Enfermagem e Obstétrica, Farmácia, Farmácia Bioquímica, Medicina), Sociologia (Sociologia, Sociologia e Política), Turismo (Turismo, Turismo e Hotelaria, Hotelaria).

apresentação gráfica, os cursos também foram agrupados por áreas do conhecimento, mostrando aqueles com mais de 10 sujeitos.

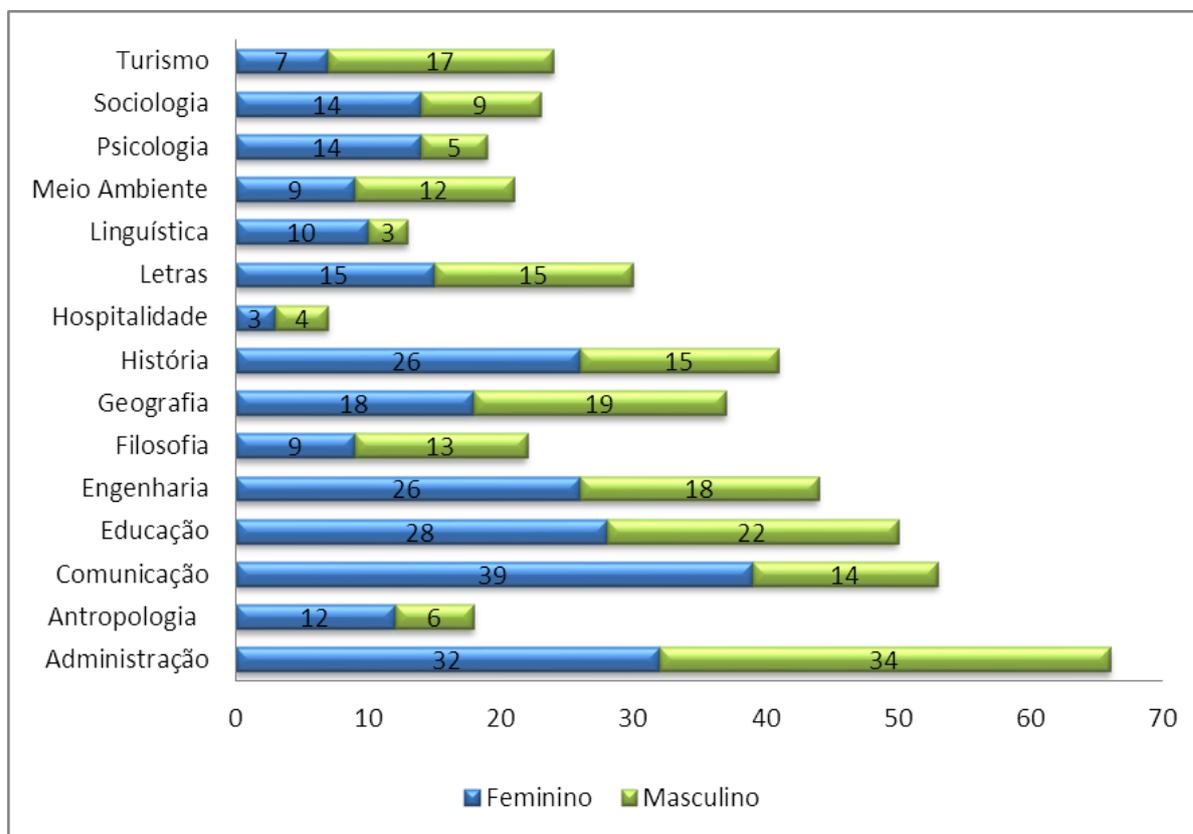


Gráfico 4 - Cursos de Mestrado dos Pesquisadores-doutores por sexo

Destaca-se, no feminino, a área da Engenharia, pois se trata de uma área que, no geral, é predominantemente masculina, segundo os dados do relatório disponibilizado pela Plataforma Lattes (2014).

Entre os doutores, há apenas sete que fizeram o mestrado em hospitalidade. Entende-se que esse resultado ocorre porque o curso de Mestrado em Hospitalidade é recente (agosto de 2002), com as primeiras dissertações defendidas em 2004 (REJOWSKI; BASTOS, 2015). O (s) mestrado (s) na área de Turismo contempla(m) uma parcela reduzida dos doutores que possuem relação com a temática da hospitalidade; há uma concentração considerável desses profissionais nas ciências humanas tradicionais – história, geografia, filosofia e antropologia – mas o cerne encontra-se em áreas de ciências sociais aplicadas – comunicação, administração e educação – e ainda, em áreas de ciências exatas como engenharia e meio ambiente. Agora os dados relacionados ao doutorado:

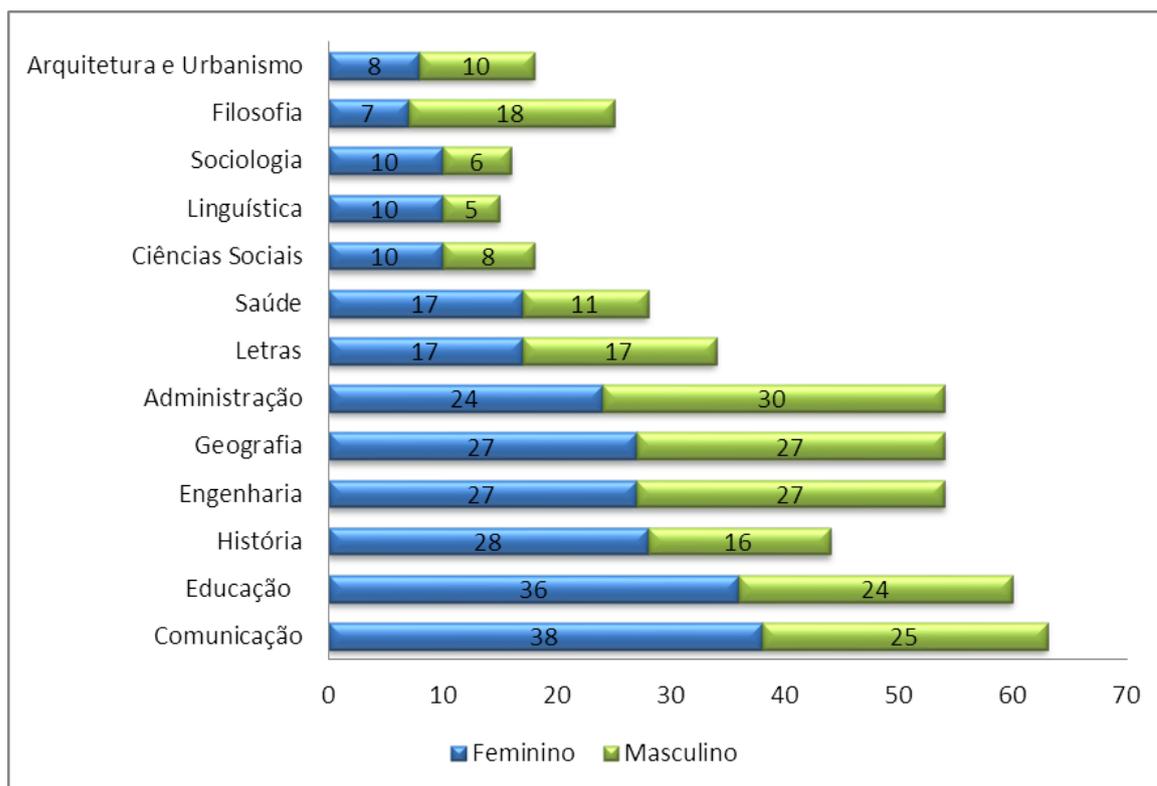


Gráfico 5 - Cursos de Doutorado dos Pesquisadores-doutores por sexo

No gráfico 5, visualizam-se os cursos de doutorado realizados pelos pesquisadores. São 117 cursos, entre as mulheres, e 95, entre os homens. No doutorado, apenas 4 mulheres e 1 homem não identificaram o nome de seus programas. Importante mencionar que não havia curso de doutorado em Hospitalidade⁴ em andamento (2014) no momento da coleta de dados. Ao observar o gráfico 5, vê-se que há uma distribuição de sujeitos quase que equitativa nas áreas de conhecimento específico. Apenas em História, Educação e Comunicação essa diferença é acima de 10 pesquisadoras em comparação aos pesquisadores. Em Filosofia, acontece o inverso.

Relacionando o gráfico 2 com os gráficos 3 e 5, verifica-se a permanência das áreas de conhecimento em Linguística, Letras e Artes, Ciências da Saúde e o ingresso das Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas por meio das áreas específicas em Turismo, Administração, História, Geografia e Educação.

Outro fator investigado (gráfico 6) foi o local de trabalho atual informado no currículo, revelando que mais da metade dos profissionais trabalham em instituições de ensino públicas, seguida pelas instituições privadas, representando a metade das instituições públicas. Com isso, pretende-se verificar a inserção desses pesquisadores, quais os lugares em que atuam.

⁴ O curso de Doutorado em Hospitalidade iniciou em 2015 na Universidade Anhembi Morumbi (SP).

Outros ambientes de trabalho também foram mencionados e classificamos como: órgãos públicos (conselhos, comitês, museus, fundações e outros); empresas – neste caso as privadas ou filantrópicas; instituições estrangeiras – optou-se por não classifica-las entre pública e privada, filantrópicas; não identificadas (não foi possível determinar se são órgãos públicos ou empresas) e nada consta que se refere aos que não colocaram atividade trabalhista atual.

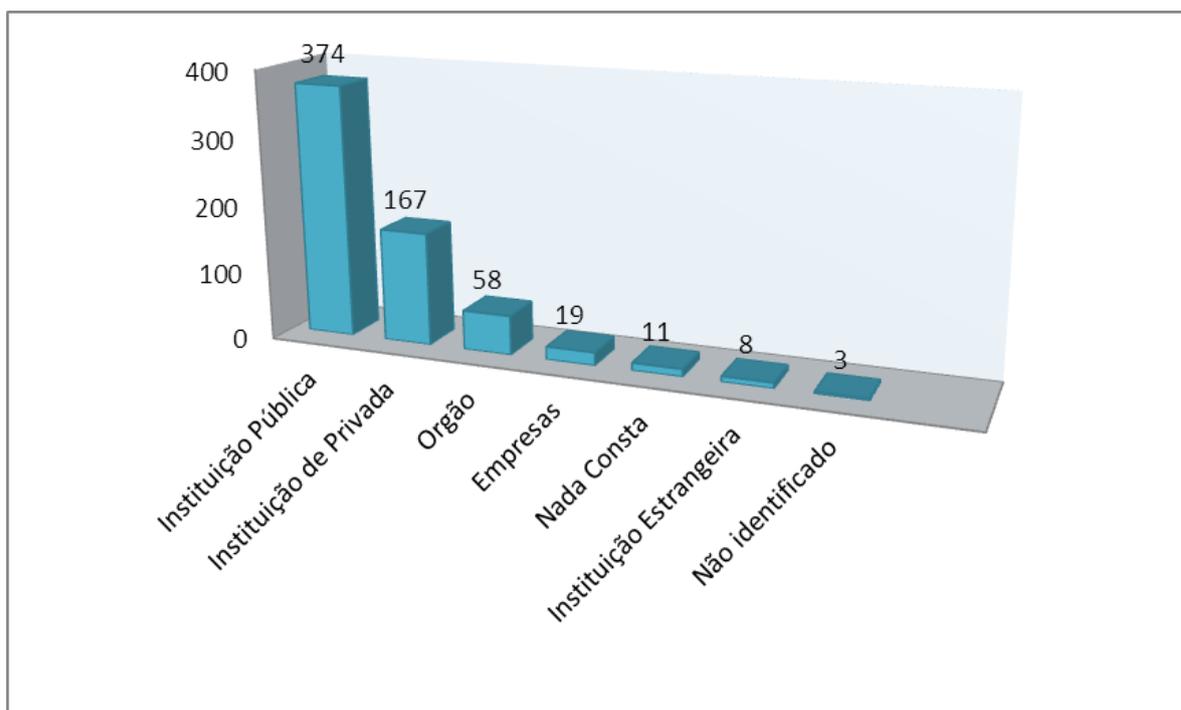


Gráfico 6 - Instituições de Trabalho dos Pesquisadores-Doutores Brasileiros

Sobre a produção textual, os 640 pesquisadores-doutores produziram 218 artigos em periódicos, 119 livros e/ou capítulos de livros, 16 teses, 10 dissertações e 306 artigos e/ou resumos em anais de eventos contendo a palavra hospitalidade no título da obra.

Para este estudo, optou-se por analisar os artigos publicados em periódicos científicos por se tratar, em geral, de pesquisas recentes e que permitem identificar os principais temas abordados no campo da hospitalidade. Portanto, houve a necessidade de verificar se os artigos obtidos eram científicos. A internet foi o principal recurso para as buscas. Foram utilizadas ferramentas como sites de buscas e das revistas onde foram publicados.

No site de busca, as pesquisas foram feitas usando-se o título da obra ou o nome da fonte de publicação. Nos sites das revistas científicas, a pesquisa era feita por ano de publicação, já que muitas referências bibliográficas não continham o volume.

As informações foram registradas no Excel contendo: autor, gênero, título do artigo, tipo de artigo (científico ou não), resumo, site em que foi localizado, *download* do artigo (sim ou não) e categoria, esta última preenchida após leitura dos resumos.

Uma das dificuldades enfrentadas durante a busca pelos resumos/artigos foi o fato de não se localizar alguns deles, o que dificultou – e muitas vezes não permitiu – a classificação em publicações, científicas ou não. Um motivo identificado para a não localização decorreu do fato de que algumas publicações foram somente impressas e/ou ainda não foram digitalizadas.

Outra dificuldade relevante, foram os erros de preenchimento das obras no currículo Lattes pelos autores: colocaram o título do artigo diferente ao que foi publicado e/ou informaram nome de revista errado. Nestes casos, considerou-se o localizado, porque as outras informações eram similares (volume, número, título).

Dos 218 artigos, 27 artigos localizados não são científicos; 35 artigos não foram localizados, mas, pela fonte de publicação, foram considerados não científicos; 16 artigos não foram localizados, mas por meio da referência bibliográfica puderam ser considerados científicos – sem possibilidade de analisá-los; Nove não contem a palavra hospitalidade no título, mas sim na referência ao citar o nome da revista em que foi publicado e um artigo foi desconsiderado porque não tratava de hospitalidade, mas apareceu no filtro porque o nome do bairro se chama hospitalidade, logo não foram incorporados à pesquisa.

Também foram encontrados 20 artigos repetidos, não foram realizados com autoria única. Logo, isso acarretou em alguns artigos em duplicidade já que ambos os autores constavam na lista obtida por meio da peneira na Plataforma Lattes, tais artigos foram contabilizados apenas uma única vez no universo nos artigos classificados como científicos. Portanto a tabulação dos dados referente aos 218 artigos resultou em 110 artigos científicos relacionados ao tema Hospitalidade. Nesses artigos, estão envolvidos tanto graduados, mestres e doutores, e as publicações são individuais, em dupla, ou grupo.

O gráfico reúne a distribuição dos 110 artigos por ano, observa-se que as principais demandas se concentram a partir de 2004, seguido por uma queda na produção em 2007 e posteriormente em 2011.

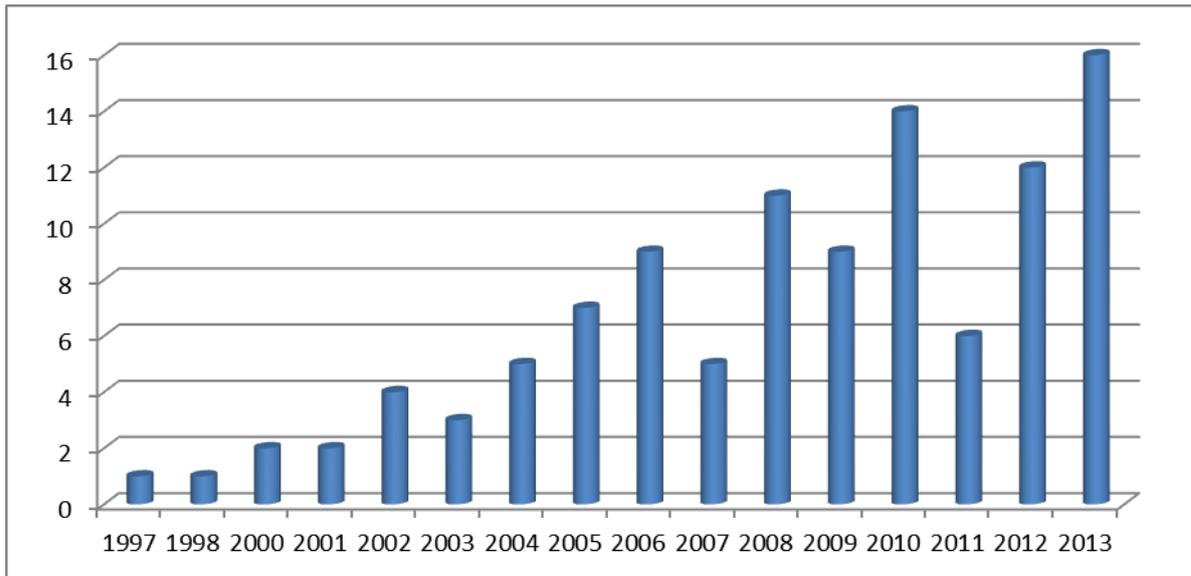


Gráfico 7 - Artigos científicos distribuídos por ano

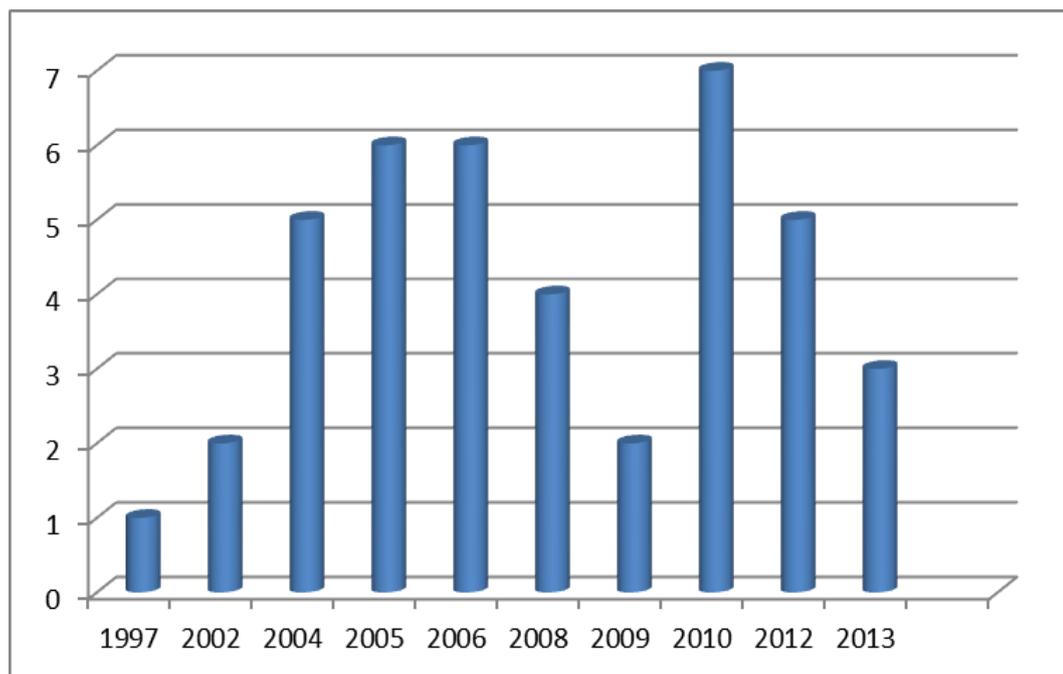


Gráfico 8 - Artigos científicos (publicação individual) de doutores.

Com relação aos 41 artigos dos pesquisadores-doutores (gráfico 8), com publicação individual, que serão analisados posteriormente, o ano com maior produção foi 2010, seguido por 2005 e 2006. O crescimento é desigual. O número de artigos produzidos nos últimos seis anos (2008 a 2013) é o mesmo dos publicados nos 10 anos anteriores.

3.2 ANÁLISE DOS ARTIGOS CIENTÍFICOS

Neste item é desenvolvida a análise dos 41 artigos selecionados considerando o estado do conhecimento e a análise de conteúdo, dentro da categorização proposta. As duas formas de análise serão estudadas separadamente, porém seus resultados no que tange a categoria a qual o artigo foi submetido será conflitada para identificar se os resultados são semelhantes, já que em um temos a leitura integral do artigo e no outro somente a seleção de palavras do resumo.

3.2.1 Estado do Conhecimento Aplicada nos Artigos

A aplicação do método estado do conhecimento acontece por meio de uma síntese de cada artigo, desenvolvida por meio na leitura de cada periódico com o propósito de responder as três questões abaixo, já apresentadas no capítulo 1.

- A hospitalidade é uma questão central no artigo?
- Como o autor relaciona seu objeto com o conceito de hospitalidade?
- Que resultados apresentam e qual sua contribuição para a área?
- Em quais autores de hospitalidade o referencial teórico se apoia?

Ao responder essas questões, foi possível identificar a categoria em que o artigo se enquadrava, devido a identificação da linha e fundamentação utilizada pelo autor, ou seja, pelos autores citados e/ou pelo contexto de discussão apresentado.

Já a quarta pergunta – em quais autores de hospitalidade o referencial teórico se apoia? –, é respondida posteriormente, por meio da apresentação dos autores utilizados por esses pesquisadores em suas obras e a frequência de aparecimento.

Categoria Senso Comum

Nesta categoria foram enquadrados os artigos com uma ou mais das seguintes características: tratarem da hospitalidade na academia (cursos de graduação e mestrado) apresentando dados; sugerirem especificidades da hospitalidade para sua abordagem e as implicações que um curso com essa terminologia acarreta em contraponto a hotelaria e afins;

não deixarem claro o significado, conceito e/ou referencial teórico sobre hospitalidade, levando a uma discussão nebulosa; uso do dicionário ou conhecimento popular para definir e discorrer sobre hospitalidade.

Peres (1997) não aborda hospitalidade claramente, mas é possível observar a ausência da mesma no período estudado (1945-1955), a relação com o objeto também não é explícita, tanto que não há menção do que é hospitalidade ou a abordagem para discussão, fazendo se presente somente no título. Os documentos estudados no artigo tratam da imigração no Brasil, revelando que havia uma pré-seleção para este indivíduo ser aceito, por critérios preconceituosos.

Souza (2010) e Souza (2010) apesar de citar hospitalidade eucarística não tem por foco a hospitalidade, pois não há fundamentação teórica sobre as mesmas, dando ênfase ao contexto da ceia do Senhor que não é negada a ninguém (não havendo a obrigatoriedade da pessoa ser batizada), ou seja, nas entrelinhas é possível identificar a questão da hospitalidade.

Camargo (2008) promove uma discussão que permeia o turismo e as áreas correlatas (eventos, hotelaria, gastronomia...) no meio acadêmico (pesquisa), tratando de questões como as diferentes nomenclaturas dos cursos, suas propostas, que as vezes não condizem com a nomenclatura utilizada, principalmente quando se trata de hospitalidade - o foco é o negócio e não a social. Deseja mostrar que as pesquisas em hospitalidade têm a contribuir no turismo, por uma perspectiva diferente (não-negócio), e que a interação entre os indivíduos no turismo constitui fato social da hospitalidade. Aqui entende-se hospitalidade como "toda forma de encontro entre alguém que recebe e alguém que é recebido, mesmo que aquilo que se passe nesse encontro não mereça o adjetivo hospitaleiro" (p. 19). O paradigma da dádiva não é a única forma de estudar hospitalidade, o grupo de Lashley e Morrison são um exemplo disso. Aponta por fim que faltam estudos que revelem as mudanças de conceitos existentes antes e depois do encontro, além de que a hospitalidade pode ser o paradigma que permita na prática a missão de paz tão enfatizada no turismo, ou ao menos permitirá que isso saia do campo da intenção e verificar sua concretização na prática social turística (p.48).

Camargo (2002) relata sobre os cursos existentes no país no segmento de turismo e hotelaria, além de abordar o que o uso do termo hospitalidade acarreta ou exigiria, como proposta para o curso: no mínimo, uma fuga do viés econômico:

O novo nome não serve apenas para distingui-la e emancipá-la, mas sobretudo para trazer ao cotidiano da pesquisa novos temas e novas preocupações, vale dizer, uma nova forma de conceituar e formatar a realidade como objeto de pesquisa (CAMARGO, 2002, p. 17).

O autor explica que o profissional de hospitalidade não está limitado ao restaurante e ao hotel, mas sim todos os que atuam no sistema. Permitir que as ciências sociais aplicadas ao turismo, lazer e comunicação percebam "a riqueza que um recorte do conhecimento científico moldado sobre o fenômeno ou o fato social associado ao gesto humano de receber" (p.21).

Bastos (2005) na verdade não trabalha uma relação do (s) conceito (s) de hospitalidade com um objeto, mas sim relata a trajetória do primeiro Mestrado em Hospitalidade e sua produção em 2004 e 2005. A hospitalidade por meio do Turismo apresentou estudos permeando meios de hospedagem, lazer, cultura, gestão, marketing, logística de serviços e outros, além de sua abrangência considerando o meio doméstico ou comercial, público ou privado.

Bastos (2008) apresenta as pesquisas desenvolvidas no Mestrado em Hospitalidade de 2002 a 2008. A autora não discorre sobre um conceito específico de hospitalidade e nem a relação da mesma com outro objeto. Todavia, por meio das dissertações estudadas no artigo, há a apresentação das abordagens de hospitalidade desenvolvidas no curso, "o estudo das dissertações revela que a Hospitalidade contempla análises da prática profissional em diversos campos de atuação" (p. 131). A necessidade de cuidado ao elaborar o resumo, atendimento das normas exigidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT; evitar uso de diferentes expressões (nas palavras-chaves) para conceitos semelhantes são algumas das sugestões indicadas pela a autora para que esse tipo de análise aconteça.

Gastal (2005) tem por foco os cursos de Turismo e Hospitalidade, porém entende que esses não tratam em seus conteúdos somente de questões econômicas, mas sim de fenômenos sociais, envolvendo práticas sociais e simbólicas, e é aqui que se enquadra a comunicação. A presença de disciplinas da grande área Comunicação nos cursos de Turismo e Hospitalidade contribui para que o profissional desenvolva estratégias de comunicação visual ou sonora independente de ter um profissional especializado em comunicação em sua organização ou em projetos de desenvolvimento de produtos turísticos.

Teixeira (2010), apesar de centralizar sua discussão na hospitalidade, não apresenta uma discussão ou fundamentação teórica. Relaciona-a ao objeto por meio de uma experiência de vida religiosa com o islamismo e o cristianismo. A hospitalidade é vista como um valor sagrado que deve ser praticado, pois Massignon descobriu o sentido do sagrado por meio da hospitalidade; a defesa e crença de que o caminho de acesso ao outro se dá por meio da empatia, da simpatia e da hospitalidade. Um pesquisador que uniu pensamentos do islamismo e do cristianismo, onde hospitalidade é prática, que leva a compaixão pelo outro.

Casella (2006) fala de hospitalidade, mas não a fundamenta ou faz uso de autores do setor. Associa-a à questão do espaço público, antes pontos de encontro e acolhimento, e atualmente lugares de passagem levando a perda de sociabilidade, pois as pessoas estão recolhidas nos espaços domésticos ou profissionais. A hospitalidade se relaciona, na visão do autor, à temática, por meio da qualidade de vida, pois somente após as necessidades básicas e de efetivação que esses indivíduos conseguirão pensar de modo coletivo: não basta apenas criar novos espaços públicos, mas sim dar novas funções de uso. Para uma região ser considerada hospitaleira pelos que a visita, é preciso que, antes de tudo, ela seja hospitaleira a seus moradores.

Categoria Sociocultural

Nesta categoria se enquadram estudos que entendem que a essência da hospitalidade é a relação entre as pessoas nos diversos contextos, religioso, social, familiar, profissional, lazer e outros, e que não haja uma preocupação direta ou indireta com o cenário econômico.

Dencker (2013) tem por centralidade a discussão da hospitalidade no mundo globalizado. A interação social e o receber o outro em meu território, fazem parte da comunicação e das relações de hospitalidade no contexto de um mundo globalizado. É por meio desses elementos que há a formação de grupos e a sensação de pertencimento. Nesta atmosfera, encontra-se também a possibilidade de conflito, devido o estranhamento que pode ocorrer. "hospitalidade, como o receber o outro, está vinculada à questão da territorialidade" (p.5). O estudo tem por resultado e contribuição o fato de que "no plano mundial, para que a comunicação e a interação ocorressem sem conflito, seria preciso que as regras tivessem um reconhecimento universal" (p.11) e que "a hospitalidade possível no mundo globalizado se situa no âmbito da tolerância e não no de uma ética" (p.13). Logo, o que permite a hospitalidade condicional é o diálogo e a tolerância. Mostra a possibilidade da hospitalidade no mundo globalizado, onde a comunicação (conhecimento dos códigos) é um fator chave para o desenrolar da hospitalidade.

Souza (2013) utiliza-se das contribuições de Derrida e Lévinas para cruzar o diálogo entre cinema e psicanálise por meio do filme *Dogville*, devido ao que o autor denomina, 'drama trágico da hospitalidade canibal'. Para Souza (2010, s/i) a hospitalidade corresponde a uma "ação comprometida com a atenção à chegada do 'outro'", que irá se reportar ao hospedeiro durante o acolhimento. Esse processo não é visto como simples, porque provoca alterações no contexto/lugar de recepção. Ao se dispor, mesmo por um teste, a aceitar o outro,

há a exposição de ambos os lados (anfitrião e hóspede), e a forma que esse hóspede é cuidado pode significar a forma que esse anfitrião será 'cuidado' no momento em que esses papéis se invertem. No filme, isto é representado pela vingança do pai de Grace, pois na hospitalidade há a troca de papéis na tentativa de igualar. O resultado da hospitalidade, por meio da análise do filme, pode ser o vínculo, a convivência ou o conflito.

Souza (2010) faz um estudo desenvolvido com base no enredo do filme *Dogville*, propondo um cruzamento entre estético-cinematográfico e o psicanalítico considerando a hospitalidade por meio dos filósofos Jacques Derrida e Emmanuel Lévinas. Refletir sobre a hospitalidade enquanto drama (ação) corresponde a aconselhar sobre os problemas que podem acontecer entre as pessoas envolvidas. A aliança entre o 'eu' e o 'outro' desencadeia enigmas no tocante às negociações necessárias para o convívio. Na psicanálise, o drama precisa ser falado, onde o sujeito é o suporte da ação fala, ou seja, a relação do indivíduo com a linguagem é que permitirá distinguir o território (topológico) da ação. A hospitalidade implica uma passagem, travessia. Por isso, Souza (2010) se utiliza da palavra “pulsar” para representar o sentido do movimento relacional entre o 'eu' e o 'outro'. A chegada do outro causa perturbação, causando uma ligação com a ironia, que neste drama é expressa pela voz do narrador que assim consegue transmitir a dimensão no sentido da trama. Na história do filme, a hospitalidade parece uma provaçãõ arquitetada para comprovar que nenhum cidadão de *Dogville* lidava bem com a ideia de aceitação. A análise deste filme revela que a hospitalidade pode desencadear mais de um resultado, que pode ser o vínculo, a convivência harmônica ou a interrupção desse convívio gerando o conflito. Por isso a hospitalidade é a tentativa de se evitar a hostilidade, mas, nem sempre a paz proposta prevalece.

Lang (2004) discorre sobre a etimologia da palavra hospitalidade. Ao apresentar a raiz da palavra hospitalidade em diversos idiomas, assim como sua transformação de sentido e a abrangência e significado dos termos, traça o caminho que desemboca na proposta de seu estudo que se refere à relação da paternidade e do sacrifício e a tradição da hospitalidade. O estudo é permeado por questões familiares e religiosas (cristã), por meio do fato que aconteceu com Abraão no sacrifício de Isaac (Gn, 22, 1-18). Apoiando-se em Derrida, o autor para discorrer sobre a hospitalidade neste contexto, que se daria na relação entre pai e filho. Compreendendo que na relação entre Deus e o homem como pai e filho há a articulação da hospitalidade, do segredo, do dom e da confiança. Que a hospitalidade também se dá pela paternidade.

Lang (2005) procura conversar sobre a palavra e significados claros e ocultos contidos na palavra hospitalidade, para assim permitir o pensamento sobre a noção de acolhimento.

Trata da ambiguidade de sentido de hóspede ser o recebido e quem recebe (antigamente) e a questão do estranho poder tanto ser amigo como inimigo. Resulta que hospitalidade, segredo, dom e confiança se articulam. Permite compreender que na hospitalidade os que já estão posicionados passam a se dispor para os que estão chegando.

Dias (2010) fala do símbolo – sinal de reconhecimento – mencionando Caillé, Mauss, Boff e Franciscato. Ao se reconhecer o outro a hospitalidade acontece. Na história de São Paulo, os símbolos e identidades são: o bandeirante, depois a ferrovia/bonde/automóveis, o brasão paulistano, a locomotiva, o monumento às bandeiras, arranha-céus, IV Centenário de São Paulo, música - *Fin de siècle*, 450 anos SP, Ponte Estaiada. Por fim, Dias trata do direito à hospitalidade, fundamentada por Kant, onde o homem vive em uma esfera que obriga o encontro durante sua jornada. A contribuição está no fato de levantar símbolos e identidades que podem conter princípios, ações, fatos de hospitalidade, marcado assim a característica de uma região, neste caso São Paulo.

Kops (2010) discute a hospitalidade no contexto pedagógico, ponderando que deve ser ensinada e praticada pelos que ensinam por meio do contexto de convívio existente. "A educação para a hospitalidade é um processo imprescindível para o aprender a conviver" (s.i.), e conviver é um dos pilares da educação. "hospitalidade aporta como um paradigma a pedir espaço nas diferentes culturas, seja na cultura pessoal com seus matizes e interfaces relacionais, seja na cultura das organizações e dos diferentes povos" (s.i.).

Gomes (2002) fala do comércio étnico em Belleville – quartier parisiense – , tendo “o comércio como lugar urbano de acolhimento e de hospitalidade” (p. 187), pois são por meio desses comércios que o indivíduo que chega encontrará apoio e facilidades para iniciar a vida naquela localidade, além de ser o meio para conseguir um trabalho. Ou seja, se torna um facilitador para inserção e estabelecimentos dos que chegam (p. 194), por exemplo, é no comércio que encontram informações de moradia, cursos gratuitos, orientação para legalizar a documentação de permanência no país. Considera a afirmação de Gotman (2001) para desenvolver o tema: hospitalidade é uma condição primeira da vida cidadina. Entende que o comércio, na região estudada, é um lugar de memória, lugar de acolhimento e hospitalidade, lugar de socialização na conveniência (p.202) porque não há somente uma integração econômica, há uma integração social.

Silva (2004), por meio de Benveniste e a hospitalidade grega, ressalta o que aconteceu com Odisseu e Hércules, assim como o resultado dessas ações na vida de cada um tem pareceres diferentes. Um recebeu punição (a morte/hades); o outro não foi punido e teve seu reino garantido.

Para Grinover (2005), a hospitalidade urbana se refere a "organização, ordenamento de lugares coletivos e exige a observação das regras e dos usos desses lugares" (p. 29). Pois por meio de Godbout (1999) entende que a hospitalidade é um dom do espaço, que para construir a hospitalidade urbana é preciso "conhecer a cidade como ela é e, sobretudo, de conhecê-la como realidade" (p.31 e 32).

Em Grinover (2006), a hospitalidade é composta por dois atores, o que recebe e o recebido num contexto público, privado, institucional ou familiar. Por ser um ordenamento coletivo, a hospitalidade faz com que o indivíduo seja inserido nele pela observação das regras desses lugares (p. 31). O autor também entende que hospitalidade está na arquitetura - utilização do espaço, apropriação do patrimônio cultural. A hospitalidade implica: "compartilhar o território, compartilhar alimentos na comensalidade, compartilhar a informação, as palavras, os valores e afetos" (p.49).

Já em Grinover (2009), a hospitalidade é o que deixa uma cidade um lugar mais humano por meio de práticas de acolhimento e civilidade. Acolher aqui se refere ao aceitar e receber no lugar onde nos encontramos, e essa hospitalidade na cidade é condicionada pela infraestrutura e as normas de utilização. Conclui que alguns espaços públicos por meio de eventos têm ganhado novas formas de utilização e expansão, mudando formas de acessibilidade, legibilidade e identidade.

Camargo (2006) num primeiro momento aborda hospitalidade por meio do dom (dar-receber-retribuir), depois menciona sobre hospitalidade (gostar de receber) e hospitabilidade (saber receber) e que os estudos no meio comercial tem se debruçado na gestão e não na hospitalidade e neste contexto comercial, o do turismo, o sacrifício é eliminado, não podendo assim se encaixar na fundamentação do dom. Seu intuito é identificar se há hospitalidade nesses meandros ou apenas uma hospitalidade teatralizada. Há um interesse pela hospitalidade, mesmo havendo grandes redes hoteleiras focadas em maximizar os lucros. Essas mudanças, de dar ênfase a hospitalidade, também exigirá mudança dos currículos dos cursos profissionalizantes do segmento. Mostra que a verdadeira doença do turismo – no sentido de aumento de demanda) é a inospitabilidade, pois o turista hoje tem em mente: como serei recebido? Ou seja, ele não quer apenas registrar imagens. Por isso é preciso mudar o pensamento, entendendo que o pensar em viagem não é pensar só no turista, mas também no que o recebe.

Ferran (2008) faz um paralelo entre a obra de José de Saramago *Ensaio sobre a Cegueira* e a cidade de Aubervilliers em Paris, por meio da problemática da ética da hospitalidade, entendendo que a o "sentido da visão é antes de tudo a possibilidade de

encontro com o rosto do outro" (p. 191). Devido a hospitalidade ser atributo gratuito e de desprendimento, ricos e podres podem emití-la. Isto é, que o aspecto do rosto não influenciará no recebimento, mas sim, as palavras, por isso a ideia de cegueira. O estudo resulta na necessidade das cidades serem repensadas como potencial cidades-refúgio e cidades-exílio, deixando a cegueira do multilinguismo e intraduzibilidade, e ainda, o direito de ir e vir. O autor chega a questionar se os protestos, revoltas e depredação urbana não seriam reações contra esta crescente cegueira que impermeabiliza a hospitalidade urbana. Leva a uma reflexão sobre a hospitalidade no meio urbano, que quando há uma cegueira sobre o que acontece, fatos de necessidade do bairro ou pessoa, por exemplo, há uma neutralização da hospitalidade, diferentemente quando essa cegueira apenas se refere a aspectos físicos ou diferenças, pois aqui a hospitalidade ganha seu desenrolar por meio da palavra de acolhimento.

Porto (2006) trata de hospitalidade por meio de obras literárias de autoras contemporâneas, pois "um ato de hospitalidade só pode ser poético" (p. 202) e que o acolhimento hospitaleiro corresponde a atributos femininos. Aponta indícios de hospitalidade nos textos de romances (universo poético) redigidos por escritoras.

Souza (2012) sugere uma mudança, que não seja o mundo da tolerância, mas da hospitalidade, porque a tolerância não se trata de um ponto de chegada, mas sim de partida, "não é capaz de portar respostas críveis a fenômenos de violência que transcendem absolutamente a racionalidade dos inícios da modernidade, na qual essa categoria se gesta e se desenvolve" (p. 13). A hospitalidade, que tem intrínseca a alteridade, pode alcançar também práticas de solidariedade. "O contraveneno da intolerância é a pedagogia pertinaz e constantemente renovada da hospitalidade e da solidariedade, então a pregação da tolerância" (SOUZA, 2012, p.13).

Bastos (2004) ao contar a história dos imigrantes que chegam a São Paulo no século XIX, fala da hospitalidade predominantemente doméstica (familiar), entendendo como "forma de acolhimento pautada por relações de reciprocidade e/ou de generosidade do anfitrião" (p. 152). Hospitalidade neste estudo não se refere aos meios de hospedagem e restaurante, explica a autora, mas num processo de adaptação que os imigrantes vivenciaram, o que estabeleceu interação com a cidade. Que a região tinha poucos leitos, os hóspedes não eram bem vistos, logo se hospedar em hotéis e similares não era bom.

Bastos (2006) "a hospitalidade inscreve-se nesse contexto de valorização da memória e da história, no processo de tradução dos percursos diários na cidade de forma compreensível" (p. 54). A relação com a hospitalidade está no fato de que é preciso

possibilitar ao morador, e não só ao turista, a participação, descobrimento, consciência e valor sobre o patrimônio para preservação do bem e melhor acolhimento do visitante. A cidade, neste caso São Paulo, conseguirá receber de modo hospitaleiro quando o morador estiver envolvido e interagindo. A pesquisadora mostra que, se a cidade não está preparada para o morador que vive no espaço sem interação com o passado (identidade), logo também estará para o turismo, pois gera dificuldades para o mesmo, "seus laços estão neutralizados, pois não há elementos identitários caracterizando o espaço social" (p. 61).

Em seus estudos, Almeida (2012a e 2012b) faz considerações por meio da ética, mostrando também a importância da alteridade. A atitude que deveria prevalecer seria um agir no mundo não mais considerando o eu, mas sim, o outro. O autor aborda questões de preocupação literária considerando o pensamento de Lévinas.

Barreira (2004) fala sobre a imigração e a postura do Estado perante a esse fato: o estado "é um dispositivo central neste trabalho de homologação de fronteiras espaciais e simbólicas e de direitos" (p.7). Entende a hospitalidade por acolhida, uma lei universal da humanidade (direito natural), e essa acolhida no âmbito jurídico e político "obedece os constrangimentos do Estado" (p. 12), ao ser o legitimador da hospitalidade também acaba por ser o que concede as condições para delito da mesma. "A lei da hospitalidade se conflita com as leis nacionais que governam a acolhida de estrangeiros" (p.12). Nisso, o estudo leva a pensar a necessidade de um equilíbrio referente a hospitalidade que não tem restrições e a hospitalidade condicional, seria neste contexto que a hospitalidade de Estado se qualificaria.

Matos (2008) trata da mestiçagem de culturas e como acarreta em hospitalidade, não percorrer a ideia de integrar ou perseguir, mas sim, acolher nesse estranhamento que pertence a todos. "Conhecer o outro é conhecer melhor a si mesmo. Se o Outro é um nós mesmos invertido, podemos dele nos aproximar pelos laços da confiança e da amizade " (p. 14) "Para haver diálogo - na sociedade, na política e entre culturas -, é preciso haver encontro, o que só ocorre com a condição " de que duas culturas tenham esquecido a própria origem, e isto depende de que cada uma tenha já se tornado dupla com respeito a si mesma " (Perniola, 1985, p. 145 apud Matos, 2008, p. 13). Que a hospitalidade é dom, o que a separa das noções políticas e jurídicas que subentendem a noção de dívida, ela é além do saber e do poder. "reconhecer o estrangeiro em nós mesmos nos revela um país desconhecido, onde fronteiras e alteridades são permanentemente construídas de desfeitas " (p.13)

Praxedes (2004) utiliza-se do contexto do turismo para falar de hospitalidade. Para o autor, a hospitalidade não se resume à cordialidade: precisa envolver vendedores e prestadores de serviços. Ao envolvê-los, é possível proporcionar segurança ao que visita. " A

hospitalidade é uma forma de relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões" (p. s/i.), e essa relação depende dos valores que esses indivíduos tem. Logo, resulta que "uma hospitalidade que faça com que o turista se sinta realmente bem vindo à localidade e seguro depende da qualidade de vida dos moradores locais" (p. s/i). Assim, só é possível compartilhar aquilo que se tem: se os moradores têm medo, falta de segurança é isso que irão proporcionar aos seus visitantes.

Fausto (2012) foca seu estudo na conceituação de amizade: para o autor, a amizade é repleta de contrariedades; a identidade do amigo é plural e complexa e é por isso a relação sobre a hospitalidade, que também é controversa como explica Benveniste (1969), onde o amigo também é meu inimigo.

Categoria Gestão/Negócios

A categoria Gestão/Negócios apresenta artigos que tratam da hospitalidade no ambiente corporativo, seja focando o lucro ou não, dentro ou fora da organização.

Catalão Jr. (2005) propõe tratar o assunto hospitalidade em serviços turísticos por meio do contato pessoal que ocorre entre cliente e prestador de serviço. O autor procura identificar ações/sujeitos de qualidade, assim como quais as condições necessárias para exercer a hospitalidade. A etiqueta resulta como um meio para se agir com hospitalidade, mas também serve para se abdicar de alguns códigos, se necessário, pode levar ao vínculo social, pois promove a tolerância, assim desenvolvendo a hospitalidade entre as pessoas. Ainda, o autor percebe a possibilidade de uma educação para a hospitalidade, que se dá por meio da transmissão de valores e códigos.

Apesar citar autores como Camargo, Godbout e Derrida, Souza (2010) desenvolve o estudo no meio empresarial com mais ênfase no material de Lashley & Morrison. O autor localiza uma necessidade de verificar se nessas relações empresariais há o desejo do cumprimento somente daquilo que está em contrato, pois nessas trocas há uma relação envolvida. A responsabilidade social empresarial seria um resultado da ação de um indivíduo (voluntário), neste âmbito que se discute a hospitalidade, não seria uma causa direta, mas cria contextos que favorecem relações com mais hospitalidade (p. 73). "Responsabilidade social empresarial estaria tornando as estruturas organizacionais comerciais mais hospitaleiras à medida que gradativamente desvia-se o foco para as partes envolvidas no processo, tendo o lucro e a satisfação dos *stakeholders* como consequência do processo" (p. 74). O principal

objetivo ao incorporar práticas hospitaleiras nas instituições e empreendimentos é tentar proporcionar melhor qualidade de vida aos envolvidos na corporação.

Tomazzoni (2012) por meio de um evento sociocultural (Natal Luz de Gramado) que promove o turismo, discorre sobre a hospitalidade que se dá por meio da interação de personagens que contam a história do Natal, pois esses atores interagem pelas ruas com os visitantes e/ou moradores. Por meio de pesquisa com os visitantes, o pesquisador compreende que a hospitalidade é um dos fatores de retorno, fazendo assim parte dos elementos que contribuem para o sucesso do evento. Essa relação constrói espaços de acolhimento e de convivência, e mostra que as relações conduzidas pela hospitalidade e a inovação pode favorecer destinos turísticos e eventos.

Câmara (2005) discute a hospitalidade na gestão de serviços, abordando a questão da interação que faz parte do serviço prestado nos meios de hospedagem. A produção do conhecimento em gestão ainda é uma perspectiva pouco abordada, interações sociais em trocas mercantis de longa duração (p.112), revelando as inconsistências do conhecimento sobre gestão (gerencialismo) - que não evidencia a criação de relacionamento (p. 116).

Para Silva (2013), "hospitalidade sexual se refere a uma abertura cultural que pré-dispõe as pessoas ao encontro sexual, dada a segurança emocional que lhes é oferecida, principalmente na relação viajante-residente" (p. 25), ressalta que a prática acontece mais nos centros urbanos devido a possibilidade do anonimato por homens que estão em viagem de negócios.

Em Dias (2006), apesar de iniciar tratando da hospitalidade por meio dos autores franceses (Gotman, Raffestin, Godbout, Bras), a ênfase do texto não está na hospitalidade das pessoas, mas sim dos lugares (p. 171). Neste contexto, aborda sobre "capacidade imanente do espaço de produzir hospitalidade, quando esta resulta das relações sociais de hóspede-chegante inscritos no espaço" (idem). Portanto, passa a apresentar as formas – de construção – de receber, tentando compreender o que levou as mudanças de cada período na hotelaria em São Paulo, que passou por três ciclos, a do império, o da indústria e por último a do serviço. Assim, apresenta uma contribuição de relato histórico e de que a hospitalidade existente em determinado espaço está relacionada as influências que recebe externamente (imigrantes) e realidade de vida dos internos.

Fagundes (2009) trata da importância das relações públicas na hospitalidade comercial em empreendimentos hoteleiros, pois é o gerenciamento estratégico da comunicação para manter relacionamentos numa organização (p.70). "Pensar hospitalidade é incluir pessoas excluídas" (p. 90).

3.2.2 Análise de Conteúdo dos Resumos

A análise de Conteúdo foi aplicada nos resumos de 41 artigos, por meio da seleção de palavras relacionadas, que remetem ou incorporam, o contexto da hospitalidade e que de algum modo revelam, por meio do resumo do artigo, o referencial teórico apresentado no capítulo 2.

Seguindo a orientação de Moraes (1999), o desenrolar das cinco etapas ocorreu da seguinte maneira: a) análise por meio dos resumos dos artigos; b) as palavras escolhidas foram as que em sua individualidade permitem lembra-las e relacioná-las às práticas de hospitalidade. A palavra hospitalidade só foi selecionada quando agregada à outra, ampliando seu sentido; c) agrupamento das palavras (Tabela 1); d) resultados apresentados na coluna categorização na tabela 1; e) nuvem de palavras e interpretação da mesma. Trata-se, pois, para usar a terminologia de Moraes (1999), de uma abordagem de cunho manifesto.

Tabela 1 - Categorização por meio de palavras retiradas do resumo dos artigos

Autor	Palavras capturadas do resumo	Categorização
Dencker (2013)	Interação; comunicação; relações; hospitalidade incondicional; diálogo; tolerância; hospitalidade condicional.	Sociocultural
Catalão Jr. (2005)	Retribuição; dom; comunicação; contato; etiqueta; serviço.	Sociocultural
Souza (2013)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2010)	Hospitalidade canibal	Sociocultural e/ou Negócios e/ou senso comum
Lang (2004)	Sacrifício	Sociocultural
Dias (2006)	Hotelaria; hospitalidade graciosa; hospitalidade comercial; hotéis;	Negócios
Dias (2010)	Immigrants; tolerant	Sociocultural
Lang (2005)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2010)	Relação; hospitaleiras; hospitalidade comercial; solidária.	Negócios
Kops (2010)	Relação; hospitaleiras; convivência.	Sociocultural
Tomazzoni (2012)	Interações; laços; afetivos; vivências; acolhimento; anfitriões; visitantes.	Sociocultural
Peres (1997)	Immigration; entrance	Sociocultural
Fagundes (2009)	Hotel; hospitalidade comercial;	Negócios

	acolher; serviço; relações.	
Teixeira (2010)	Diálogo; conversação; alteridade	Sociocultural
Almeida (2012)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Almeida (2012)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Barreira (2004)	Imigrado; visita; aceitação; acolhimento; estrangeiro.	Sociocultural
Souza (2010)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2010)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Gomes (2002)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Câmara (2005)	Serviços; encontros; interação; hospitalidade profissional.	Negócios
Casella (2006)	Acolhimento; laços; hospitaleira; visitantes; hospitalidade municipal.	Sociocultural
Silva (2004)	Hospitalidade grega	Sociocultural
Grinover (2005)	Dom	Sociocultural
Grinover (2009)	Identidade	Sociocultural
Grinover (2006)	Hospitaleira; identidade; acolhida; inclusão.	Sociocultural
Camargo (2006)	Dom; receptivo; serviço; invasores; sacrifício; visitantes.	Sociocultural
Ferran (2008)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Porto (2006)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Matos (2008)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Souza (2012)	Não há resumo	Identificável neste método
Silva (2013)	Identidade; viagem; interações; hospitaleiros; comportamento;	Sociocultural
Bastos (2004)	Imigração; interação; visitante; acomodação.	Sociocultural
Bastos (2006)	Identidade; encontros	Sociocultural
Bastos (2005)	Hospedagem; serviços	Negócios
Bastos (2008)	Hospedagem; hotelaria	Negócios
Gastal (2005)	Comunicação	Senso Comum
Praxedes (2004)	Não há resumo	Inidentificável neste método
Fausto (2012)	Relationship; visitation	Sociocultural
Camargo (2008)	Dádiva; hotéis; receptivo; ética.	Sociocultural e/ou Negócios
Camargo (2002)	Hotelaria; comunicação	Sociocultural e/ou Negócios

As palavras retiradas dos resumos para aplicação do método análise de conteúdo também estão representadas na figura 9, que se refere a uma nuvem de palavras, dando destaque conforme sua frequência na tabela 1. Ao se observar a nuvem, nota-se que a palavra hospitalidade ganha destaque, mesmo sendo uma palavra que foi selecionada somente nos casos que havia complemento, por exemplo: hospitalidade comercial.

As palavras comunicação, hospitaleira, identidade, serviços e visitantes também ganharam certo destaque, podendo-se interpretar que as pesquisas seguem caminhos mais abrangentes que o universo do Turismo.



Figura 4 Nuvem de Palavras – Palavras retiradas dos resumos dos artigos

3.2.3 Comparação dos resultados das Análises

A análise por meio do estado do conhecimento revelou os seguintes resultados: 10 artigos na categoria senso comum, 7 em negócios e 24 na sociocultural. A categoria sociocultural representa mais da metade dos artigos analisados, este fato pode se justificar pela abrangência de temas e áreas que podem ser desenvolvidas nesta categoria.

O resultado obtido pela análise de conteúdo aplicada nos resumos foi a seguinte: na categorização Negócios, em seis artigos prevaleceram as expressões ‘hospitalidade comercial’, ‘hotelaria’ e ‘hotel (is)’. Apenas o artigo de Gastal (2005) foi considerado senso comum, pois com a palavra ‘comunicação’, apesar de permitir relacioná-la à hospitalidade, a publicação toma caráter generalista. Foram definidos como dentro da área sociocultural 19 artigos, representado cerca de 66% das publicações com resumo.

Dois artigos – via essa análise – podem se enquadrar tanto em Negócios como em Sociocultural – Camargo (2002 e 2008). Outro com resultado dúbio é Souza (2010), pois

como não há uma definição de “hospitalidade canibal” pelos autores no capítulo 2, optou-se por não classificar como senso comum, apenas, porque é possível observar que a terminologia apresentada expressa a ideia de destruição do outro, que também está intrínseco na hospitalidade (hostilidade) conforme apresenta Benveniste (1995).

A análise dos artigos por meio do estado do conhecimento e da análise de conteúdo resultou categorizações diferentes para uma parcela dos artigos. Ou seja, analisar um periódico científico considerando somente palavras que remetem ao contexto da hospitalidade no resumo pode levar a ‘definições precipitadas, por exemplo, ao ler o artigo de Catalão Jr. (2005) é evidente que seu estudo contempla a área de negócios, mas ao considerar as palavras em seu resumo, chega-se a um resultado oposto. Outro aspecto que dificulta a análise de conteúdo por meio dos resumos é a sua falta em 12 dos artigos.

Tabela 2 – Quantidade de artigos por categoria x ano x método

Ano	Estado do Conhecimento (Leitura Integral do Artigo)			Análise de Conteúdo (Leitura do Resumo do Artigo)				
	Senso Comum	Sociocultural	Negócios	Senso Comum	Sociocultural	Negócios	Inidentificável	Dúbio
1997	1				1			
2002	1	1					1	1
2004		5			4		1	
2005	2	2	2	1	2	2	1	
2006	1	4	1		4	1	1	
2008	2	2				1	2	1
2009		1	1		1	1		
2010	3	3	1		3	1	2	1
2012		4	1		2		3	
2013		2	1		2		1	
Subtotal	10	24	7	1	19	6	12	3
Total		41				41		

A tabela 2, mostra o total de artigos classificados nas três categorias pelos dois métodos propostos. É visível que os resultados sofreram uma variação considerável ao compará-los. Ao analisar os artigos por meio do estado do conhecimento, observa-se que mais da metade se enquadraram na categoria sociocultural, seguida pela do senso comum.

Já os resultados obtidos na análise de conteúdo geraram duas novas categorias: inidentificável e dúbio, permitindo inferir que a leitura somente de resumos pode não conter todas as informações necessárias para uma análise efetiva. A categoria “sociocultural” também é mais representativa. A categoria “senso comum” não tem a mesma

representatividade, com apenas um artigo. A categoria “negócios” em ambos os métodos tem quantidade semelhante: um dos motivos se refere à existência de palavras que se remetem ao ambiente de mercado, facilitando sua classificação no método de análise de conteúdo.

Os dados obtidos permitem considerar que a análise de produção científica de uma determinada área se torna mais assertiva por meio da leitura integral dos textos, possibilitando aferições que não são permitidas na leitura parcial.

3.2.4 Levantamento dos Autores Citados

A seguir, o quadro mostra quais autores relacionados ao estudo da hospitalidade são citados no corpo do texto dos artigos analisados, assim como a frequência com que aparecem.

Observa-se que os pesquisadores-doutores brasileiros utilizam de uma gama de autores nacionais e internacionais para fundamentar suas pesquisas, tendo como autores mais mencionados, em suas respectivas ordem de quantidade geral de aparecimento, Derrida, Lévinas e Camargo. Outros autores importantes, mas com uma representação moderada nos artigos estudados são: Caillé, Lashley e Morrison, Gotman, Montandon, Grinover, Mauss, Baptista, Scherer e Dias.

Tabela 3 – Levantamento dos Autores Citados nos 41 Artigos Analisados

Autor/Ano da Obra	Quantidade por Obra	Quantidade Geral
Mauss (1974)	3	4
Mauss (2002)	1	
Caillé (1997)	1	6
Caillé (1998)	1	
Caillé (1999)	1	
Caillé (2002)	2	
Caillé (2003)	1	
Derrida (1972)	1	19
Derrida (1997)	6	
Derrida (1999)	2	
Derrida (2000)	2	
Derrida (2001)	1	
Derrida (2003)	2	

Derrida (2004)	2	
Derrida (2008)	2	
Derrida e Roinesco (2004)	1	
Camargo (1986)	1	
Camargo (1998)	1	
Camargo (2002)	1	
Camargo (2003)	1	9
Camargo (2004)	3	
Camargo (2005)	1	
Camargo (2007)	1	
Lashley e Morrison (2000)	2	
Lashley e Morrison (2004)	3	6
Lashley e Morrison (2005)	1	
Lévinas (1980)	2	
Lévinas (1982)	1	
Lévinas (1983)	1	
Lévinas (1990)	1	
Lévinas (1993)	2	
Lévinas (1996)	1	15
Lévinas (1997)	2	
Lévinas (2000)	1	
Lévinas (2003)	1	
Lévinas (2009)	1	
Lévinas (2011)	2	
Gotman (1989)	1	
Gotman (1997)	2	
Gotman (2001)	1	6
Gotman (2005)	1	
Gotman (2008)	1	
Baptista (2002)	1	
Baptista (2005)	2	4
Baptista (2007)	1	
Benveniste (1969)	1	2
Benveniste (1995)	1	
Godbout (1997)	1	3
Godbout (1999)	2	
Montandon (1999)	1	
Montandon (2003)	3	5
Montandon (2004)	1	
Dencker e Bueno (2003)	1	3
Dencker (2004)	2	
Castelli (2005)	2	2
Grinover (2002)	2	5
Grinover (2004)	1	

Grinover (2007)	2	
Wada (2003)	1	1
Massignon (1938)	1	2
Massignon (1987)	1	
Toffler (1985)	1	1
Raffestin (1997)	1	1
Rejowski (2002)	1	1
Dencker e Kunsch (1997)	1	1
Bastos (2005)	1	2
Bastos e Fedrizzi (2007)	1	
Fedrizzi (2008)	1	2
Scherer (1993)	2	
Scherer (1997)	1	4
Scherer (2005)	1	
Jabés (1991)	1	1
Telfer (2005)	1	1
<i>Smith (1989)</i>	1	1
Viard (2003)	1	1
Chon e Sparrowe (2003)	1	1
Selwyn (2005)	1	1
Andrews (2005)	1	1
Darke e Gurney (2005)	1	1
Lockwood e Jones (2005)	1	1
Botterill (2005)	1	1
Brotherton e Woods (2005)	1	1
Le Houerou (2007)	1	1
<i>Barreto (2004)</i>	1	1
Dias (2002)	1	
Gidra e Dias (2004)	1	4
Dias (2006)	2	
<i>Abreu (2003)</i>	1	1
<i>Mullins (2004)</i>	1	1
Cruz (2002)	1	1
Guerrier e Adid	1	1
<i>King (1995)</i>	1	1
<i>De la Haba e Santamaría (2004)</i>	1	1
<i>Raymond (1997)</i>	1	1
Roché (2000)	1	1
Pitt-Rivers (1977)	1	1
Total		130

Smith, Barreto, Abreu, Mullins, King, De la Haba & Santamaría e Raymond foram destacados porque suas publicações não são específicas de hospitalidade, mas, de maneira

indireta discutem o tema, mostrando que a temática pode ser discutida em diversos contextos que não tenham a hospitalidade como foco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalidade pode ser estudada em diversos cenários e apresentar conceituações diferentes. Todavia foi observado na pesquisa o predomínio da discussão dentro da categoria hospitalidade nas relações pessoais, superando largamente a categoria de negócios.

Porém, quando se discute hospitalidade no âmbito comercial, há o desejo de responder à indagação: é possível acontecer hospitalidade no contexto comercial, já que é regido por um contrato (troca), no qual os envolvidos sabem como agir e quanto e quando deve ser feito o pagamento? Observa-se que os estudiosos desse contexto defendem a existência da hospitalidade, e que o seu desenrolar se dá nos meandros – ou à margem – do contato (relação) comercial.

Os objetivos apresentados foram alcançados: a análise da produção dos pesquisadores-doutores brasileiros foi feita e as temáticas abordadas foram identificadas por meio das categorias estabelecidas (senso comum, sociocultural e negócios). O objetivo adicional, referente ao perfil dos pesquisadores, foi apresentado por meio da formação superior e a atuação no mercado de trabalho.

A pesquisa revelou o expressivo número de periódicos científicos na categoria sociocultural, dentro da qual as discussões abarcam realidades fora do universo comercial e de prestação de serviços. Mostrando que a hospitalidade faz parte de todas as fases e contextos da vida do ser humano, inclui-se aqui a hostilidade, como ações e reações daquele que recebe e do que é recebido.

Alguns desses artigos foram classificados como senso comum por não aprofundarem teoricamente o conceito de hospitalidade, detendo-se em fórmulas rasas e populares. A pesquisa revelou o expressivo número de produções sobre o tema, nacional e internacionalmente. Esta pesquisa também permitiu conhecer as características dos pesquisadores-doutores brasileiros: trabalham em instituições públicas de ensino e são oriundos de áreas como Turismo, Administração, Engenharia, Comunicação e Educação.

Também, tem-se os indícios do caminho das pesquisas brasileiras em hospitalidade, que apresentaram uma forte influência dos estudiosos Derrida, Lévinas e Camargo, e, no âmbito comercial, das pesquisas de Lashley e seu grupo. Além desses estudiosos estrangeiros, nos 56 autores citados nos artigos, encontramos nomes brasileiros, como: Dencker, Bueno, Castelli, Grinover, Wada, Rejoswki, Bastos, Fedrizzi, Dias e Barreto.

Observa-se assim que, apesar de recente no Brasil, os estudos sobre hospitalidade conheceram um avanço significativo, bem como o entendimento de se buscar compreender hospitalidade por meio de autores de diferentes conceitos e regiões do mundo. Isso favorece a pesquisa, pois amplia a discussão e o universo de análise.

As considerações mais gerais dizem respeito ao universo dos temas permeáveis ao estudo da hospitalidade. “Não existe vínculo social nem cultura sem um princípio de hospitalidade” (DERRIDA, 1997, s/i, tradução livre). Isso quer dizer que a totalidade dos tempos e lugares da hospitalidade são todos aqueles em que a cultura é produzida nos contextos interpessoais.

Isso quer dizer também que todos os estudos já realizados sobre as relações interpessoais no contexto de disciplinas científicas puras ou aplicadas (e aqui a relação pode ser bem exaustiva) podem ser revisitadas sob o ponto de vista da hospitalidade. A diferença mais significativa esteja, talvez, em que o recurso ao conceito de hospitalidade significa uma preocupação adicional do pesquisador, o de buscar conhecer o resultado do encontro – se a presença do calor humano ou da inospitalidade, quando não da inospitalidade.

Face ao exposto, resulta claro que, apesar das lacunas, sobretudo no que diz respeito à produção internacional, esta pesquisa poderá auxiliar a todo e qualquer estudioso interessado no tema.

Portanto, é possível sugerir que se desenvolvam mais pesquisas de cunho religioso e de comunicação, pois a religião tenta reforçar a prática da hospitalidade e a comunicação é um ato em si revelador de hospitalidade (ou hostilidade), comunicação essa podendo ser verbal ou não-verbal.

Outra forma de pesquisa, que só foi explorada por Souza (2010; 2013), mas que se mostra promissora, é a desenvolvida por meio de filmes e por textos ficcionais. Nesses casos, os autores já analisam a participação dos atores, sobretudo a linguagem não-verbal por eles utilizada, cuja análise em cenas reais é bastante complexa.

Percebeu-se, por fim, na linha do tempo, o crescente número de pesquisas realizadas e espera-se que estudos posteriores venham a consolidar definitivamente o estudo da hospitalidade no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Geruza Zelnys de. “Eu e a Obra: Hospitalidade e Escuro (uma traição a Lévinas e uma demanda para a crítica literária)”. **Fronteiraz**, São Paulo, v. 8, 2012, p. 1-11.

_____. “Eu e a Obra: Hospitalidade e Escuro”. **Fronteiraz**, São Paulo, v. 09, 2012, p. 379-389.

BAPTISTA, Isabel. “Educação e Políticas Sociais – valores, conceitos e práticas. **Laplage em Revista**, Sorocaba/UFSCAR, v.1, nº 1, 2012, p. 9-16.

BAPTISTA, Isabel. “Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano V, n. 2, jul./dez. 2008, p. 5-14.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes. **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002, p. 157-163.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. “Estado, Imigração e Direito de Hospitalidade”. **Revista de Ciências Sociais da UFC**, Fortaleza, 2004. (Tradução/Artigo).

BASTOS, Sênia Regina. “Hospitalidade e história: imigrantes na cidade de São Paulo do século XIX”. **Cadernos CERU (USP)**, São Paulo, v. 15, 2004, p. 151-164.

_____. “Produção acadêmica do Programa de Mestrado em Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, n.1, p. 90-95, 2005.

_____. “Produção acadêmica do Programa de Mestrado em Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, n. 4, p. 99-106, 2006.

_____. “A produção científica do Mestrado em Hospitalidade (2002-2008)”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, n. 5, 2008, 127-139.

_____. Ativação do patrimônio nas práticas de hospitalidade. In: COSTA, Everaldo B. da; BRUSADIN, Leandro B.; PIRES, Maria do Carmo (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. Outras Expressões: São Paulo, 2012, p. 213-219.

BASTOS, Sênia Regina; MARQUES, Fernanda. C.S.. “Hospitalidade e sociabilidade no carnaval paulistano: a escola de samba camisa verde e branco”. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, Campinas, n. 21-22, 2014, p. 83 – 84.

BASTOS, Sênia; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BUENO, Marielys Siqueira. “Turismo e Imigração: por uma política de hospitalidade no Brasil entre 1937 e 1951”. **Revista Rosa dos Ventos**. Caxias do Sul, v. 6(2), abr./jun. 2014, p. 197-216.

BASTOS, Sênia; REJOWSKI, Mirian. “Pesquisa Científica em Hospitalidade: desafios em busca de uma configuração teórica”. **Revista Hospitalidade**: São Paulo, v. XII, edição especial, maio, 2015, p. 132 - 159.

BENVENISTE, Émile. Hospitalidade. In: _____. **O vocabulário das instituições indo-europeias. Economia, parentesco, sociedade**. Campinas: UNICAMP, v.1, 1995, p. 87-101.

BESSONE, Magali. Diálogo. Do eu ao nós. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1267-1280.

_____. Exclusão. Excluído e marginalizado. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1089-1102.

_____. Transcendentalismo. A subversão heroica do público e do privado. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1119-1132.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um Outro Mundo Possível: hospitalidade direito e dever de todos**. São Paulo: Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo. “Atitudes e comportamentos de hospitalidade”. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XIX, n. 36, jan./jun. 2011, p. 229-236.

BOFF, Leonardo. “A hospitalidade: direito de todos e dever para todos”, publicado em 06/10/2015 [Online]. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/10/06/a-hospitalidade-direito-de-todos-e-dever-para-todos/>, acesso em 26/01/16.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BORNET, PHILIPPE. Judaísmo. Entre normas religiosas e imperativos éticos. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 131-144.

BOUTAUD, Jean Jacques. Comensalidade. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1213-1230.

CAILLÉ, A. **Antropologia do Dom: o terceiro paradigma** (Trad. de Ephraim Ferreira Alves). Petrópolis: Vozes, 2002.

CÂMARA, Leonor Moreira. “Os Limites do Gerencialismo Perante os Requisitos das Organizações de Hospitalidade”. **O&S. Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n.34, 2005, p. 103-119.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, hotelaria e hospitalidade. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 13, n.1, 2002, p. 7-22.

_____. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. “Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. Nº 2, 2006, p. 11-28.

_____. “A pesquisa em hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. V, 2008, p. 15-51.

_____. “Os interstícios da hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. XII, n. especial, maio, 2015, p. 42-69.

CAMPOS, Jose Ruy Veloso. **Introdução ao Universo da Hospitalidade**. São Paulo: Papirus, 2005.

CANTINHO, Maria João; BARCELOS, Paulo; MARCOS, Maria Lucilia (Orgs.). **Emmanuel Levinas: entre reconhecimento e hospitalidade**. São Paulo: Edições 70, 2015.

CASELLA, Luana Lacaze de Camargo. “Hospitalidade dos espaços públicos: possibilidades e dificuldade em torná-lo acolhedor”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 3, 2006, p. 35-45.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **Hospitalidade: a inovação na gestão das organizações prestações de serviços**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CATALÃO JÚNIOR, Antonio Heriberto. “A etiqueta no contexto do planejamento e gestão da hospitalidade turística”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 1, 2005, p. 11-22.

CAVALCANTE, Ricardo B.; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta M. K.. “Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método”. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, jan./abr. 2014, p. 13-18.

CHON, Kye-sung; SPARROWE, Raymind T. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. 1º edição. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.

_____. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. 2º edição. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2014.

CONSTANTINESCU, Muguras. Intertextualidade. Práticas e relações textuais. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 669 - 682.

_____. Muguras. Montanha. Refúgio extremo. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 489 - 500.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.

_____. “Hospitalidade e interação no mundo globalizado”. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 5, 2013, p. 4-14.

DERRIDA, Jacques. “Il N’Y A Pas De Culture Ni De Lien Social Sans Um Príncipe D’Hospitalité”. *Jornal Le Monde*, Caderno Horizons-Entretiens, Paris, 02.Dec.1997.

_____. **Cosmopolitas De Todos Os Países, Mais Um Esforço!** Coimbra: Minerva Coimbra, 2001.

_____. **Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida A Falar De Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DESBLACHE, Lucile. Animal. O outro selvagem e familiar. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1231-1250.

DIAS, Celia Maria de Moraes. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

_____. “Amenities & Facilities- Marcos da Hospitalidade na Cidade de São Paulo-fins do Século XIX e início do XXI”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 17, 2006, p. 170-189.

_____. “São Paulo- símbolos, *identidade e hospitalidade*”. **Boletín del Instituto de Estudos Latino-Americanos de Kyoto**, Kyoto, Japão, v. 10, 2010, p. 1-26.

DICIONÁRIO INFORMAL PORTUGUÊS – disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/hospitalidade/> acesso em 10/04/2015.

FAGUNDES, Esnel José. “Hotelaria e hospitalidade: novos campos de expansão para a atuação do profissional de relações públicas”. **Cambiassú**, São Luís/UFMA, v. 01, 2009, p. 69-92.

FARIAS, Josivania Silva. “O Setor de Hospitalidade: um estudo do perfil do dirigente de pousadas e da satisfação gerada por este tipo de empreendimento”. **Turismo. Visão e Ação**, UNIVALI/SC, Itajaí, v. 5, n.n.3, 2003, p. 287-302.

FAUSTO, Carlos. “The friend, the enemy, and the anthropologist: hostility and hospitality among the Parakanã (Amazonia, Brazil)”. **Journal of the Royal Anthropological Institute JCR**, London/UK, v. 18, 2012, p. S196-S209.

FERRAN, Márcia de N. S. “Cidades, Cegueira e Hospitalidade”. **Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia**. Rio de Janeiro/UFRJ, v. 1, n. 1 (1997): Rio de Janeiro: UFRJ, n. 25-26, mai-dez. 2008, p. 191 – 200.

FERREIRA, Fernando Luiz Vieira. **Dicionário brasileiro de turismo**. s/d.

FERREIRA, Norma S. A. “As pesquisas denominadas ‘Estado da Arte’”. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 79, agosto, 2002, p. 257-272.

FIGUEIREDO, Nice. Da importância dos artigos de revisão da literatura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 23, n. 1/4, jan./dez. 1990, p. 131-135.

FOUCART, Claude. Thomas Mann. Idealização da vida burguesa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 957 - 968.

FURTADO, Silvana; SOGAYAR, Roberta. **Um relacionamento global de conhecimentos e atitudes**. São Paulo: LCTE, 2009.

FURTADO, Silvana; VIEIRA, Francisco. **Hospitalidade: turismo e estratégias segmentadas**. São Paulo: Cengage, 2011.

GASTAL, Susana de Araújo. “Transposição didática no estudo da comunicação nos cursos de Turismo e Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, a. II, n. 2, 2005, p. 131-145.

GIUSSANI, Luigi. **O Milagre da Hospitalidade**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006.

GODBOUT, Jacques. A dádiva existe (ainda)? In: _____. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 11-29.

GODI, Patricia. Igreja. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 605-618.

GOMES, Laura Graziela Figueiredo Fernandes. “Comercio Étnico em Belleville: Memória, Hospitalidade e Conveniência”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, 2002, p. 187-207.

GOTMAN, Anne. O Turismo e a encenação da hospitalidade. In: BUENO, Maria Lucia; CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2008.

_____. França Contemporânea. Uma bricolagem pós-moderna. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 97-104.

_____. Marcel Mauss. Uma estação sagrada da vida social. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 73-82.

_____. Entrevista a Marie Raynal. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. X, nº 1, 2013, p. 146-157.

GRASSI, Marie-Claire. Hóspede. Uma figura da ambiguidade e do estranho. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 55-62.

GRASSI, Marie-Claire. Hospitalidade. Transpor a soleira. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 45-54.

GRINOVER, Lúcio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Celia Maria de Moraes. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002, p. 25-38.

_____. Hospitalidade e Qualidade de Vida: instrumentos para a ação. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomdon Learning, 2003, p. 49-60.

_____. “Hospitalidade no espaço urbano”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, 2005, p. 23-32.

_____. “A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. III, 2006, p. 29-50.

_____. **Hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

_____. “A Hospitalidade na Perspectiva do Espaço Urbano”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 6, 2009, p. 1-11.

KAVANAUGH, Raphael; NINEMEIER, Jack D. **Supervisão em Hospitalidade**. Rio de Janeiro: QualityMark, 2004.

KOPS, Darci. “Intervalo para a Hospitalidade: uma leitura pedagógica”. **Gestão Universitária**, [Online; s/l], v. 1, 2010, p. 01-02, 2010. Disponível em:

<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/intervalo-para-a-hospitalidade-uma-leitura-pedagogica>, Acesso em 07.set.2016.

_____. **Hospitalidade: saberes e fazeres culturais em diferentes espaços sociais**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.

LANG, Charles Elias. “A hospitalidade: as palavras nas palavras e notas para se continuar pensando a noção de acolhimento”. **Correio da APPOA**, Porto Alegre, v. 139, set./2005, p. 81-88.

_____. “A tradição da hospitalidade, o sacrifício e a paternidade”. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 3, p. 05-13, 2004.

LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado** (Trad. de Carlos David Szlak). Barueri: Manole, 2004.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado** (Trad. de Carlos David Szlak). Barueri: Manole, 2004, p. 1-24.

LASHLEY, Conrad; SPOLON, Ana Paula Garcia. **Administração de Pequenos Negócios de Hospitalidade**. São Paulo: Elsevier, 2011.

LÉONARD-ROQUES, Véronique. Mitos. Relatos fundadores e olhares dos deuses. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 719-730.

LOCKWOOD, A.; MEDLIK, A. **Turismo e Hospitalidade no Século XXI**. São Paulo: Manole, 2003.

LUGOSI, P. “Hospitality and Organizations: Enchantment, Entrenchment and Reconfiguration”. **Hospitality & Society Journal**, Oxford/UK, 4(1), 2014, p. 75-92.

MATOS, Olgária Chain Féres. “Os Muitos e o UM: logos mestiço e hospitalidade”. **Revista IDE: psicanálise e Cultura**, São Paulo, v. 31 (47), 2008, p. 8-15.

MAUSS, Marcel. **O ensaio da dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1925.

_____. **O ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: EPU, 1974

MESSINA, G. “Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa”. *Revista IberoAmericana de Educación*, n. 19, enero/abril 1999. Disponível em: <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie19a04.htm>, acesso em 19/10/2014.

MEYER, Danny. **Hospitalidade e Negócios**. São Paulo: Novo Conceito, 2007.

MONTANDON, A. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, A.F.M. e BUENO, M.S. (Orgs.) **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira- Thomson, 2003.

MONTANDON, A. **O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas** (Trad. de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht). São Paulo: Senac, 2011.

MORAES, Roque. “Análise de conteúdo”. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, v. 22, n. 37, 1999, p. 7-32.

MOREIRA, Walter. “Revisão de Literatura e Desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção”. *Revista Janus*, Lorena/SP, ano 1, n. 1, 2º sem, 2004.

MORRISON, Alastair M. **Marketing de Hospitalidade e Turismo**. São Paulo: Cengage, 2011.

NATIONAL RESTAURANT ASSOCIATION EDUCATIONAL FOUND. **Administração no Setor de Hospitalidade**. São Paulo: Atlas, 2004.

NIKODIMOV, Marie-Gaïlle. Etnografia. Observar, compreender, participar. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 83 - 96.

NOVA, Madalena Rodrigues. **Viagem, Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Annablume, 2011.

OLIVEIRA, Isaira Maria Garcia de. **Hospitalidade em shows de música**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

OLIVEIRA, Lucia Maria Barbosa de. “Marketing interno em hospitalidade. Gestão de recursos humanos”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 13, n.1- maio, 2002, p. 23-34.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Educando os Educadores em Turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Roca, 2001.

PAIM, Wilson Moisés. **Custos e Orçamento em Serviços de Hospitalidade: uma visão operacional**. São Paulo: Erica, 2014.

PERES, Elena Pajaro. “Proverbial hospitalidade? A Revista de Imigração e Colonização e o discurso oficial sobre o imigrante (1945-1955)”. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 10, n2, 1997, p. 53-70.

PÉROL, Céline. Caridade. Amar e agir. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1281-1294.

PÉROL, Céline. Comércio. Ao javali azul. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1251-1258.

PERROT, Danielle. Dádiva. Hospitalidade e Reciprocidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 63-72.

PITT-RIVERS, Julian. The law of hospitality. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, Edinbourg, Scotland, 2 (1), 2012, p. 501-517.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary C.; BELLO, Suzelei F.; HAYASHI, Piumbato I. “A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, jul./dez. 2012, p. 53-66.

PLATAFORMA LATTES. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>, Acesso: abril a out/2014.

PORTO, Maria Bernadette Thereza Velloso. “Poéticas da habitabilidade e da hospitalidade em textos de autoria feminina”. **Interfaces Brasil/Canadá**, Pelotas/RS, v. 6, 2006, p. 199-222.

POWERS, TOM; BARROWS, Clayton W. **Administração no Setor de Hospitalidade**. São Paulo: Atlas, 2004.

PRAXEDES, Walter Lúcio de Alencar. “Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade”. **Revista Turismo: dimensões e perspectivas**, Maringá/PR, v. 1, 2004, p. 13-19.

RAFFESTIN, Claude. “Reinventar a hospitalidade”. **Revista Communications**, Paris: Editions du Seul (Trad. Prof. Marielys S. Bueno), n. 65, Année 1997, p. 165-177.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais**. São Paulo: Aleph, 2004.

RODRIGUES, Carla. **Duas Palavras para o Feminino: hospitalidade e responsabilidade**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

ROMAN, Myrian; TOMICHE, Anne. Parasitismo. Ser hóspede à custa daquele que recebe. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 835-854.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R.T. “As pesquisas denominadas do tipo ‘Estado da Arte’ em educação”. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, set/dez. 2006, p. 37-50.

ROSELLO, Mireille. Imigração. Discursos e contradições. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1079-1088.

SAAD, Gabriel. Tradução. O albergue do estrangeiro. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 683-690.

SCHEMEIL, Yves. Banquetes públicos. Redes de sociabilidade no mundo. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1195-1212.

SCHÉRER, René. **Zeus hospitalier. Éloge de l'hospitalité**. Paris: Armand Colin, 1993. Réédition La Table ronde, 2005.

_____. Utopia. Necessidade do absoluto e esperança do melhor. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1133-1150.

SCOTT, Joan Wallach. “O enigma da igualdade”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./abr. 2015, p. 11-30.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; DENCKER, Ada de Freitas M.; CAMPOS, Letícia Mirella Fischer. **Dicionário de Administração e Turismo**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

SILVA, Luciene Lages. “Hércules e Odisseu: dois pesos e duas medidas da hospitalidade grega”. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 6, 2004, p. 19-24.

SILVA, Ricardo Lanzarini Gomes. “A hospitalidade sexual urbana na relação viajante-residente”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, 2013, p. 4.

SÍVERES, Luiz. “A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade em Levinas”. **Conjectura: Filosofia e Educação (UCS)**, Caxias do Sul/RS, v. 17, 2012, p. 34-48.

SOUZA, Carlos Cezar Mascarenhas de. “A Hospitalidade Canibal Em *Dogville*”. **Revista de Cinema da UFRB**, Cachoeira/BA, v. 5, 2013, p. 1.

_____. “A ironia do narrador e o drama trágico da hospitalidade canibal em *Dogville*, de Lars Von Trier”. **A Cor das Letras /UEFS**, Feira de Santana/BA, v. 11, 2010, p. 177.

SOUZA, Claudio Alexandre de. “Responsabilidade Social Empresarial uma forma de Praticar Hospitalidade Comercial”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. VII, 2010, p. 65-78.

SOUZA, José Carlos de. “Ceia do Senhor e Hospitalidade Eucarística - Uma Perspectiva Metodista”. **Revista Caminhando (UMESP)**, São Bernardo do Campo/SP, n.8, 2001, p. 27-46.

_____. “Ceia do Senhor e Hospitalidade Eucarística - Uma Perspectiva Metodista”. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n.30, 2000, p. 71-88.

SOUZA, Marcelino de. “Diálogo entre o lazer e a hospitalidade no desenvolvimento rural: novas perspectivas”. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 25, 2014, p. 9-31.

SOUZA, Ricardo Tim de. “Da Tolerância à Hospitalidade - Esboço de uma metamorfose ético-política”. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, v. 31, 2012, p. 20-31.

TANKE, Mary L. **Administração de Recursos Humanos em Hospitalidade**. Rio Janeiro: SENAC Rio, 2014.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. “Louis Massignon: a hospitalidade dialogal”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 42, 2010, p. 77-90.

TEIXEIRA, Faustino. Louis Massignon: uma aventura espiritual. In: _____. **Buscadores cristãos no diálogo com o Islã**. Juiz de Fora: [s.l], 2014, p. 8-21. Disponível em: <http://edgarluizxxi.blogspot.com.br/2014/06/resenha-teixeira-faustino-louis.html> acesso em 03/05/2015.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da “hospitabilidade”. In: LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado** (Trad. de Carlos David Szlak). Barueri: Manole, 2004, p. 53-78.

TOMAZZONI, Edegar Luis. “Hospitalidade e Inovação do Natal Luz de Gramado (RS), pioneiro e único evento do gênero no Brasil”. **Pasos (El Sauzal)**, Santa Cruz de Tenerife, Espanha, v. 10, 2012, p. 642-649.

VERMELHO, Sonia C.; AREU, Graciela I. P.. “Estado da Arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros”. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, set./dez. 2005, p. 1413-1434.

WADA, Elizabeth Kyoko. “Mídias Sociais e a Hospitalidade Desafios e Tendências no Século XXI”. **TURyDES**, Málaga, Espanha, v. 6, p. 1-17, 2013.

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de uma Aprendiz da Hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 61 – 72.

WALKER, John R. **Introdução a Hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2002.

WERNER, Christian. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

ZAINA JUNIOR, Rinaldo. “Hospitalidade: uma perspectiva socioantropológica da globalização dos espaços sociais de encontro e identidade”. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, Santos/SP, nov. 2006. Disponível em <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos9a6d.html?cod=108> , acesso em 02/05/2015.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Maria Rosa. “A responsabilidade por Outrem na Ética de Lévinas”. **Revista Subsolo/CEBEL**, Porto Alegre/RS – PUC/RS. Disponível em <http://www.pucrs.br/ffch/filosofia/pos/cebel/pub3.htm>, acesso em 02/05/2015.

ALMEIDA, Geruza Zelnys de. “Eu e a Obra: Hospitalidade e Escuro (uma traição a Lévinas e uma demanda para a crítica literária)”. **Fronteiraz**, São Paulo, v. 8, 2012, p. 1-11”.

_____. “Eu e a Obra: Hospitalidade e Escuro”. **Fronteiraz**, São Paulo, v. 09, 2012, p. 379-389.

APRILE, Sylvie. Exílio. Mutações e transferências. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1039-1050.

ARAÚJO, Richard Medeiros de. “Hospitalidade Comercial nos Serviços de Restauração em Mossoró/RN”. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, Santa Cruz/BA, v. 8, 21014, p. 50-94.

AURAIX-JONCHIÈRE, Pascale. Castelo. Entre acolhida e hostilidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 471 - 482.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes. **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002, p. 157-163.

_____. “Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2008.

_____. “Educação e Políticas Sociais – valores, conceitos e práticas”. **Laplage em Revista**, Sorocaba/UFSCar, v.1, n.1, 2012, p. 9-16.

BAPTISTA, Isabel; SANTOS, Marcia Maria Cappelano. **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.

BARBOSA, Maria de Lourdes de Azevedo. “A Gestão de Recursos Humanos sob a Perspectiva do Marketing Interno em uma Empresa de Serviços de Hospitalidade”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 13, n.1, 2002.

BARBOSA, Maria de Lourdes de Azevedo; KOVAES, Michelle Helena. “Gestão da Experiência de Serviços de Hospitalidade: O que a Empresa Propõe e qual o Significado para o Consumidor”. **Revista acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, FGV/Ministério do Turismo, Rio de Janeiro, v. VI, 2011, p. 1-15.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BARRA, Daniela Couto Carvalho; KEMPFER, Silvana Silveira; CARRARO, Telma Elisa; RADÜNZ, Vera. “Hospitalidade como expressão do cuidado em enfermagem”. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília/DF, v. 63, n. 2, 2010, p. 203-208, 2010.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. “Estado, Imigração e Direito de Hospitalidade”. **Revista de Ciências Sociais da UFC**, Fortaleza/CE, 2004. (Tradução/Artigo).

BASTOS, Sênia Regina. “Hospitalidade e história: imigrantes na cidade de São Paulo do século XIX”. **Cadernos CERU (USP)**, São Paulo, v. 15, 2004 p. 151-164, 2004.

_____. “Hospitalidade: uma perspectiva para a requalificação do centro histórico de São Paulo”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. III, p. 51-61, 2006.

_____. “Produção acadêmica do Programa de Mestrado em Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 4, 2006, p. 99-106.

_____. “Produção acadêmica do Programa de Mestrado em Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, São Paulo, n.1, 2005, p. 90-95.

_____. “*Produção acadêmica do mestrado em Hospitalidade (2004-2007)*”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 1, 2007, p. 123-138.

_____. “A produção científica do Mestrado em Hospitalidade (2002-2008)”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. V, 2008, p. 127-139.

BASTOS, Sênia Regina; MARQUES, Fernanda C. S.; “Hospitalidade e sociabilidade no carnaval paulistano: a Escola de Samba Camisa Verde e Branco”. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, Campinas, n. 21-22, 2014, p. 83-84.

BASTOS, Sênia Regina; Nova, M. R.. “Guias de viagem e de turismo da cidade de São Paulo (1924 e 1954): hospitalidade e patrimônio”. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 23, 2012, p. 509-526.

BASTOS, Sênia. Ativação do patrimônio nas práticas de hospitalidade. In: COSTA, Everaldo B. da; BRUSADIN, Leandro B.; PIRES, Maria do Carmo (Orgs.). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2012, p. 213-219.

BASTOS, Sênia Regina; SACOMAN, Marina. “A Hospitalidade na casa de fazenda do interior paulista”. *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, Santa Cruz/BA, v. 7, 2013, p. 52-67.

BASTOS, Sênia Regina; SALLES, Maria do Rosário Rolfen; BUENO, Marielys Siqueira. “Desafios da pesquisa em hospitalidade”. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 7, p. 3-14, 2010.

BASTOS, Sênia; REJOWSKI, Mirian. “Pesquisa Científica em Hospitalidade: desafios em busca de uma configuração teórica”. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. XII, edição especial, maio, 2015, p. 132 - 159.

BASTOS, Sênia; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BUENO, Marielys Siqueira. “Turismo e Imigração: por uma política de hospitalidade no Brasil entre 1937 e 1951”. *Revista Rosa dos Ventos*. Caxias do Sul/RS, v. 6(2), p. 197-216, abr./jun. 2014.

BEDIM, Bruno Pereira; PAULA, Heber Eustaquio de. “Relatos visitados: História Oral e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade”. Considerações teórico-metodológicas. *Caderno de Turismo - UFRJ/ IVT/ Faperj*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, mar.2007, p.63-77.

BENVENISTE, Émile. Hospitalidade. In: _____. O vocabulário das instituições indo-europeias. **Economia, parentesco, sociedade**. Campinas: UNICAMP, v.1, 1995, p. 87-101.

BERNARD-GRIFFITHS, Simone. Choupana. Rusticidade e felicidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 453 - 470.

BERTRANDIAS, Bernadette. O fantasma. Hostilidade de uma inquietante estranheza. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 805 - 818.

BESSONE, Magali. Diálogo. Do eu ao nós. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1267 – 1280.

_____. Exclusão. Excluído e marginalizado. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1089 – 1102.

_____. Transcendentalismo. A subversão heroica do público e do privado. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1119 - 1132.

BINET-MONTANDON, Christiane. Acolhida. Uma construção do vínculo. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1171 - 1184.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um Outro Mundo Possível: hospitalidade direito e dever de todos**. São Paulo: Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo. “Atitudes e comportamentos de hospitalidade”. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XIX, n. 36, p. 229-236, jan./jun. 2011.

BOFF, Leonardo. “A hospitalidade: direito de todos e dever para todos” [Artigo publicado Online em 06/10/2015]. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/10/06/a-hospitalidade-direito-de-todos-e-dever-para-todos/> , acesso 26.jan.16.

BOIS, Jean-Pierre; PUIJALON, Bernadette; TRINCAZ, Jacqueline. Hospícios. Modelos institucionais de proteção social. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 541 - 556.

BOISSAU, Pierre-Yves. Ismail Kadaré. Um trágico nacional. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 969-978.

BOMTEMPO, Denise Cristina. “A hospitalidade nos parques nacionais do Brasil: uma análise do parque nacional de Fóz do Iguaçu – PR”. **Turismo & Ciência**, UNOESTE/FATUR, Presidente Prudente/SP, v. 1, n.1, 2006, p. 5-10.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BORNET, PHILIPPE. Judaísmo. Entre normas religiosas e imperativos éticos. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 131 - 144.

BOUTAUD, Jean Jacques. Comensalidade. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1213 - 1230.

BUENO, Marielys Siqueira. “Dádiva e Hospitalidade na Bíblia”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. VIII, 2011, p. 52-70.

CAILLÉ, A. **Antropologia do Dom: o terceiro paradigma** (Trad. de Ephraim Ferreira Alves). Petrópolis: Vozes, 2002.

CÂMARA, Leonor Moreira. “Os Limites do Gerencialismo Perante os Requisitos das Organizações de Hospitalidade”. **O&S. Organizações & Sociedade**, Salvador/BA, v. 12, n.34, p. 103-119, 2005.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. “Turismo, hotelaria e hospitalidade”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 13, n.1, 2002, p. 7-22.

_____. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. “Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. n. 2, 2006, p. 11 -28, 2006.

_____. “A pesquisa em hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. V, 2008, p. 15-51, 2008.

_____. “Hospitalidade, migração e gastronomia”. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, Santa Cruz/BA, v. 07, 2013, p. 47-65.

_____. “Os interstícios da hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. XII, n. especial, maio/2015, p. 42-69.

CAMPOS, Jose Ruy Veloso. **Introdução ao Universo da Hospitalidade**. São Paulo: Papyrus, 2005.

CANTINHO, Maria João; BARCELOS, Paulo; MARCOS, Maria Lucilia (Orgs.). **Emmanuel Levinas: entre reconhecimento e hospitalidade**. São Paulo: Edições 70, 2015.

CARDOSO, Gleudson Passos; OLIVEIRA, José Clerton de. “Reflexões sobre a Hospitalidade no Contexto Turístico”. **Turismo –Visão e Ação**, Itajaí /SC, v. 5, 2003, p. 303-317.

CARRÉ, Jacques. Asilo de pobres. Entre caridade e reclusão. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 575 - 582.

CARRÉ, Renée. Tito Lívio. Hospitalidade e res publica. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 873 - 880.

CARVALHO, Alissandra Nazareth de; ALBERTON, Anete. “Um Estudo em Estabelecimentos de Hospedagem na Estrada Real/MG: a Variável Social e Ambiental”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. ano V, 2008, p. 31-57.

CASELLA, Luana Lacaze de Camargo. Hospitalidade dos espaços públicos: possibilidades e dificuldade em torná-lo acolhedor. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 3, 2006, p. 35-45.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **Hospitalidade: a inovação na gestão das organizações prestações de serviços**. São Paulo: Saraiva, 2010.

CATALÃO JÚNIOR, Antonio Heriberto. A etiqueta no contexto do planejamento e gestão da hospitalidade turística. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 1, 2005, p. 11-22.

CAVALCANTE, Ricardo B.; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta M. K.. “Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método”. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa/PB, v.24, n.1, jan./abr. 2014, p. 13-18.

CAVENAGHI, Airton José. “Requalificação do perímetro da favela do Jardim Edith em São Paulo: A percepção da hospitalidade no espaço urbano”. **Competência. Revista da Educação Superior do Senac-RS**, Porto Alegre /RS, v. 6, 2013, p. 65-80.

CHON, Kye-sung; SPARROWE, Raymind T. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. 1º edição. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.

_____. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. 2º edição. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2014.

CHUEIRI, Vera Karam de. Direitos humanos em movimento: migração, refúgio, saúde e hospitalidade. **Direito, Estado e Sociedade** (PUC-RIO), Rio de Janeiro, v. 36, 2010, p. 158-177.

CONRAD, Lashley; SPOLON, Ana Paula Garcia. **Administração de Pequenos Negócios de Hospitalidade**. São Paulo: Elsevier, 2011.

CONSTANTINESCU, Muguras. Intertextualidade. Práticas e relações textuais. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 669 - 682.

_____. Montanha. Refúgio extremo. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 489 - 500.

CORRADO, Danielle. Diário Íntimo. A auto-hospitalidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 655 - 668.

COSTA, Benny Kramer. “Qualidade dos Serviços Turísticos no Setor de Restaurantes: Uma Aplicação do Modelo SERVPERF”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. VI, 2009 p. 115-139.

COSTA, Jean Henrique. “Repensando a ‘hospitalidade’ do povo brasileiro: como e porque somos e não somos hospitaleiros”. **Caderno Virtual de Turismo (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 10, 2010, p. 68-79.

COSTA, Nadja Maria Castilho da. “A indústria da hospitalidade e o ecoturismo na Ilha Grande (RJ)”. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, 2012, p. 389-412.

DAULNY, Nicole. Marta. Uma anfitriã à margem. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 761 - 766.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2004.

_____. “A introdução da Hospitalidade nos cursos de Hotelaria de São Paulo”. **Revista Turismo Visão e Ação** (UNIVALI), Itajaí, v.8, n.1, jan-abr/2006.

_____. “São Paulo dá samba: visão da hospitalidade paulistana por meio do olhar de Adoniran Barbosa”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 5, p. 13-30, 2008.

_____. “Desafios para a educação no século XXI a instrução permanente em hospitalidade o SIP como técnica de ensino aprendizagem”. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Turismo**, Caxias do Sul/RS, v. 1, 2009, p. 1-20.

_____. “Hospitalidade e interação no mundo globalizado”. **Rosa dos Ventos (UCS)**, Caxias do Sul/RS, v. 5, 2013, p. 4-14.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle Convida Jacques Derrida A Falar De Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

_____. **Cosmopolitas De Todos Os Países, Mais Um Esforço!** Coimbra: Minerva Coimbra, 2001.

_____. IL N'Y A Pas De Culture Ni De Lien Social Sans Um Príncipe D'Hospitalité. *Jornal Le Monde – Caderno Horizons-Entretiens* - 2.12.1997

DESBLACHE, Lucile. Animal. O outro selvagem e familiar. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1231 - 1250.

DIAS, Celia Maria de Moraes. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

_____. “Amenities & Facilities- Marcos da Hospitalidade na Cidade de São Paulo- fins do Século XIX e início do XXI”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 17, 2006, p. 170-189.

_____. “São Paulo século XXI eventos e turismo - momento de (re) pensar a hospitalidade”. **Communicare**, São Paulo, v. 9, p. 121-136, 2009.

_____. “São Paulo- símbolos, identidade e hospitalidade”. **Boletín del Instituto de Estudos Latino-Americanos de Kyoto**, Kyoto, Japan, v. 10, 2010, p. 1-26.

DICIONÁRIO INFORMAL PORTUGUÊS – disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/hospitalidade/> acesso em 10/04/2015.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – disponível em: <http://www.dicio.com.br/hospitalidade/> acesso em 10/04/2015.

DJUKITCH, Alexandre. **Terminologia do Turismo Brasileiro**. s/d.

DOMINGUES, Celestino M. **Dicionário Técnico de Turismo**. Portugal: Ed. Dom Quixote 1990.

DUBOST, Jean-Pierre. Edmond Jabés. Nomadismo da escrita. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 983-992.

DUROUX, Rose. Imigração. França/Europa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1051-1078.

DURY, Juliette Vion. Psiquiatria. Acolher a doença mental. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 557-574.

FAGUNDES, Esnél José. “Hotelaria e hospitalidade: novos campos de expansão para a atuação do profissional de relações públicas”. **Cambiassú (UFMA)**, São Luís, v. 01, 2009, p. 69-92.

FARIAS, Josivânia Silva. “O Setor de Hospitalidade: um estudo do perfil do dirigente de pousadas e da satisfação gerada por este tipo de empreendimento”. **Turismo. Visão e Ação**, (UNIVALI-SC), Itajaí, v. 5, n.3, 2003, p. 287-302.

FAUSTO, Carlos. “The friend, the enemy, and the anthropologist: hostility and hospitality among the Parakanã (Amazonia, Brazil)”. **Journal of the Royal Anthropological Institute JCR**, London, UK, v. 18, 2012, p. S196-S209.

FERRAN, Márcia de N. S. “Cidades, Cegueira e Hospitalidade”. **Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, n. 1 (1997); Rio de Janeiro: UFRJ, n. 25-26, mai-dez/2008, p. 191-200.

FERREIRA, Fernando Luiz Vieira. **Dicionário brasileiro de turismo**. s/i.

FERREIRA, Norma S. A. “As pesquisas denominadas ‘Estado da Arte’”. **Revista Educação & Sociedade**, São Paulo, ano XXIII, n. 79, ago.2002, p. 257-272.

FIGUEIREDO, Nice. “Da importância dos artigos de revisão da literatura”. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, , jan./dez. 1990, p. 131-135.

FOGAÇA, Isabela de Fátima; ROSA, Lélío Galdino. “Hospitalidade e a Transversalidade das Migrações”. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo/AL, v. 3, 2013, p. 113-122.

FOUCART, Claude. Thomas Mann. Idealização da vida burguesa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 957 - 968.

FRANCO, Maria Claudia Setti de Gouvea. “A Hospitalidade enquanto ação mediadora na fabricação de valor de gozo no contexto da comunicação política”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. VII, n.2, 2010.

_____. **A Hospitalidade nas Casas de Marina**. São Paulo: Ed. Maria Claudia Setti, 2014.

FURTADO, Silvana; SOGAYAR, Roberta. **Um relacionamento global de conhecimentos e atitudes**. São Paulo: LCTE, 2009.

FURTADO, Silvana; VIEIRA, Francisco. **Hospitalidade: turismo e estratégias segmentadas**. São Paulo: Cengage, 2011.

FUTEMMA, Celia Regina Tomiko. “A Inserção da Juventude no Turismo no Espaço Rural e a Construção da Hospitalidade Local: O Caso dos Assentamentos Ipanema (Iperó-SP)”. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 24, 2013, p. 601-626.

GASTAL, Susana de Araújo. “Transposição didática no estudo da comunicação nos cursos de Turismo e Hospitalidade”. **Revista Hospitalidade**, a. II, n. 2, São Paulo, 2005, p. 131-145.

_____. “Hospitalidade e acolhimento: O século XIX no Sul do Brasil”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 7, 2010, p. 43-64.

GÉLY, Véronique. Don Juan. O hóspede abusador. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 767 - 774.

GIUSSANI, Luigi. **O Milagre da Hospitalidade**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006.

GOBBI, Maria Cristina. “Portabilidade e Mobilidade na TV Digital: atrativos para a hospitalidade social”. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 12, 2011, p. 80-103.

GODBOUT, Jacques. A dádiva existe (ainda)? In: **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 11-29.

GODI, Patricia. Igreja. A casa de misericórdia. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 605-618.

GOMES, Christianne Luce. “Inserção do lazer no contexto da pós-graduação stricto sensu em turismo/hospitalidade no Brasil”. **Caderno Virtual de Turismo** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 8, 2008, p. 54-66.

GOMES, Laura Graziela Figueiredo Fernandes. “Comercio Étnico em Belleville: Memória, Hospitalidade e Conveniência”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, 2002, p. 187-207.

GONÇALVES FILHO, José Moura. “O bairro proletário e a hospitalidade”. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. XLVIII, n.108, 1998, p. 27-47.

GOTMAN, Anne. O Turismo e a encenação da hospitalidade. In: BUENO, Maria Lucia; CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2008.

_____. França Contemporânea. Uma bricolagem pós-moderna. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 97-104.

_____. Marcel Mauss. Uma estação sagrada da vida social. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 73-82.

_____. “Entrevista a Marie Raynal”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, n. 1, 2013, p. 146-157.

GRAND-SÉBILLE, Catherine Le; ZONABEND, Françoise. Morte. Hospedar os mortos. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 691-710.

GRASSI, Marie-Claire. Hóspede. Uma figura da ambiguidade e do estranho. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 55-62.

_____. Hospitalidade. Transpor a soleira. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 45-54.

GRINOVER, Lúcio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Celia Maria de Moraes. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002, p. 25-38.

_____. Hospitalidade e Qualidade de Vida: instrumentos para a ação. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira/ Thomdon Learning, 2003, p. 49-60.

_____. Hospitalidade no espaço urbano. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, p. 23-32, 2005.

_____. “A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. III, 2006, p. 29-50.

_____. **Hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

_____. “A Hospitalidade na Perspectiva do Espaço Urbano”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 6, 2009, p. 1-11.

GUILLAUME, Pierre. Hospital. Entre o técnico e o humano. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 583-596.

KAVANAUGH, Raphael; NINEMEIER, Jack D. **Supervisão em Hospitalidade**. Rio de Janeiro: QualityMark, 2004.

KOPS, Darci. “Intervalo para a Hospitalidade: uma leitura pedagógica”. **Gestão Universitária**, Brasília, v. 1, 2010, p. 01- 02.

_____. **Hospitalidade: saberes e fazeres culturais em diferentes espaços sociais**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014.

KUAZAQUI, Edmir. **Marketing turístico e de Hospitalidade**. São Paulo: Makron, 2000.

KUPERMANN, Daniel. “Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi”. **Psicologia em Estudo**, Maringá /PR, v. 17, 2012, p. 329-339.

LANG, Charles Elias. “A tradição da hospitalidade, o sacrifício e a paternidade”. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo/RS, v. 3, 2004, p. 05-13.

_____. “A hospitalidade: as palavras nas palavras e notas para se continuar pensando a noção de acolhimento”. **Correio da APPOA**, Porto Alegre/RS, v. 139, set.2005, p. 81-88.

LARDELLIER, Pascal. Ritos políticos. Espetáculos performativos. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1185 - 1194.

LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado** (Trad. Carlos David Szlak). Barueri: Manole, 2004.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado** (Trad. Carlos David Szlak). Barueri: Manole, 2004, p. 1-24.

LAZARD, Sylviane. Ordem do Espírito Santo. A vocação das ordens hospitalárias. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 619 - 626.

LEAL, Abinael Moraes. **Hotelaria e Turismo**. Salvador: AMLeal Publicidade e Produções Artísticas, 2000.

LEDOUX, Sandrine. Anfitrião. Um hospedeiro que se ignora. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 731 - 748.

LÉONARD-ROQUES, Véronique. Cidade-refúgio. A urbe ideal. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 501 - 508.

_____. Mitos. Relatos fundadores e olhares dos deuses. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 719 - 730.

LÉTOUBLON, Françoise. Grécia Arcaica. Os deuses à mesa dos homens. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 353 - 378.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

LILTI, ANTOINE. Salões. Hospitalidade mundana. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 643 - 652.

LOCKWOOD, A.; MEDLIK, A. **Turismo e Hospitalidade no Século XXI**. São Paulo: Manole, 2003.

LUGOSI, P.. "Hospitality and Organizations: Enchantment, Entrenchment and Reconfiguration". **Hospitality & Society Journal**, Bristol, UK / Willmington NC-USA, v.4, n.1, 2014, p. 75-92.

MACHADO, Marcello de Barros Tomé. "A Construção da Hospitalidade Turística na História da Cidade de Niterói – RJ". **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. III, 2011, p. 58-77.

MANZI, Joachim. Emmanuel Lévinas. Rosto e epifania do outro. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1159 - 1168.

MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. O estrangeiro. O desconhecido que bate a minha porta. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 795 - 804.

MARQUES, Maria Angela de Abreu Cabianca. “Requalificação do Perímetro da Favela do Jardim Edith em São Paulo: Percepções Iniciais sobre a Hospitalidade no Espaço Urbano”. **Competência**, Porto Alegre, v.6, n.2, 2013.

MATOS, Olgária Chain Féres. “Os Muitos e o UM: logos mestiço e hospitalidade”. **Revista IDE: psicanálise e Cultura**, São Paulo, v. 31, n.47, 2008, p. 8-15.

MAUSS, Marcel. **O ensaio da dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1925.

_____. **O ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: EPU, 1974

MENAHÈZE, Sophie Le. Jardim. Hospitalidade ao ar livre. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 483 - 488.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de; BARBOSA, Maria de Lurdes de Azevedo. “Encontros de Serviços de Hospitalidade: o gerenciamento de impressões de funcionários de linha de frente e a satisfação do hóspede em foco”. **Turismo: Visão e Ação** (UNIVALI), Itajaí-SC, v. 9, 2007, p. 289- 304.

MESSINA, G. “Estudio sobre el estado da arte de la investigación acerca de la formación docente en los noventa”. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid-ES, n. 19, enero/abril 1999. Disponível em: <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie19a04.htm>, 1999, acesso em 19/10/2014.

MEYER, Danny. **Hospitalidade e Negócios**. São Paulo: Novo Conceito, 2007.

MICHAUD, Ginette; DERRIDA, Jacques. Um Pensamento Incondicional. In: Montandon, Alain. **O Livro Da Hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011.

MONTANDON, A. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, A.F.M. e BUENO, M.S. (Orgs.) **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira- Thomson, 2003.

MONTANDON, A. **O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac, 2011.

MONTANDON, Alain. Christian Hirschfeld. Uma apologia da humanidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 881-886.

MONTANDON, Alain. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomdon Learning, 2003, p. 131-142.

MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011.

MONTEILHET, Véronique. Honoré de Balzac. Sociologia da vida parisiense. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 905 - 918.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Luciana Carneiro; SIQUEIRA, Euler David de. “Turismo, cultura e festa: um estudo de caso sobre a construção social da hospitalidade no Tanabata Matsuri”. **Teoria e Cultura (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 1, 2008, p. 01-20.

MOREIRA, Walter. “Revisão de Literatura e Desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção”. **Revista Janus**, Lorena/SP, ano 1, n. 1, 2º sem, 2004.

MORETTO NETO, Luís. “Contribuição do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial SENAC/SC, na oferta de cursos de Turismo e Hospitalidade”. **Revista de Ciências da Administração (CAD/UFSC)**, Florianópolis, v. 2, n.4, 2000, p. 77-86.

MORRISON, Alastair M. **Marketing de Hospitalidade e Turismo**. São Paulo: Cengage, 2011.

MULLINS, Laurie J. **Gestão da Hospitalidade e Comportamento Organizacional**. Porto Alegre: Bookman Companhia, 2004.

NATIONAL RESTAURANT ASSOCIATION EDUCATIONAL FOUND. **Administração no Setor de Hospitalidade**. São Paulo: Atlas, 2004.

NIKODIMOV, Marie-Gaïlle. Etnografia. Observar, compreender, participar. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 83 - 96.

NOVA, Madalena Rodrigues. **Viagem, Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Annablume, 2011.

OITICICA FILHO, Francisco. **Vincent Monteiro, poeta cordial: marcas textuais de sociabilidade literária – Paris, 1946 a 1960**. Alagoas: EDUFAL, 2004.

OKTAPODA-LU, Efstratia. Grécia Moderna. Da sobrevivência das tradições. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 425 - 430.

OLIVEIRA, Carlyle Tadeu Falcão de; MARTINS, Paulo Emílio Matos. A Hospitalidade e Cordialidade Brasileira: o Brasil percebido por estrangeiros. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 20, 2009, p. 196-209.

OLIVEIRA, Isaira Maria Garcia de. **Hospitalidade em shows de música**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

OLIVEIRA, Lucia Maria Barbosa de. “Marketing interno em hospitalidade. Gestão de recursos humanos”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 13, n.1, maio/2002, p. 23-34.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Educando os Educadores em Turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Roca, 2001.

PAILLARD, Marie-Christine. Veronese. Um banquete de imagens. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 865 - 872.

PAIM, Wilson Moisés. **Custos e Orçamento em Serviços de Hospitalidade: uma visão operacional**. São Paulo: Erica, 2014.

PANOSSO NETTO, Alexandre. “Relato de Grupo de Pesquisa: Pesquisa, Educação e Atuação Profissional em Turismo e Hospitalidade”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 20, 2009, p. 572-582.

PAULA, Nilma Morcerf de. “A Hospitalidade como critério de avaliação de estágios supervisionados de alunos dos cursos de gastronomia, panificação e confeitaria”. **Revista eletrônica de turismo cultural (USP)**, São Paulo, v. 03, 2009, p. 121-134.

_____. “A Inclusão de Pessoas com Deficiência sob a óptica da Hospitalidade”. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 19, n. 2, 2008, p. 329-343.

PAULA, Nilma Morcerf de; SILVA, Vanina Heidy Matos. “Hospitalidade e a base do sistema: ênfase para indicadores de hospitalidade em estabelecimentos de saúde”. **Terra e Cultura**, Londrina/PR, v. 1, n.41, 2005, p. 15-22.

PERES, Elena Pajaro. “Proverbial hospitalidade? A Revista de Imigração e Colonização e o discurso oficial sobre o imigrante (1945-1955)”. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 1997, p. 53-70.

PÉROL, Céline. Caridade. Amar e agir. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1281 - 1294.

_____. Comércio. Ao javali azul. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1251 - 1258.

PERROT, Danielle. Dádiva. Hospitalidade e Reciprocidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 63 - 72.

PIMENTEL, Thiago Duarte. “Indicadores na Gestão da Hospitalidade Pública no Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego Parque Ecológico da Pampulha (PEP) Belo Horizonte MG”. **ABET - Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, Juiz de Fora/MG, v. 1, 2001, p. 49-63.

PITT-RIVERS, Julian. “The law of hospitality”. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, Edimbourg, Scotland, v. 2, n.1, 2012, p. 501-517.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary C.; BELLO, Suzelei F.; HAYASHI, Piumbato I. “A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, jul./dez. 2012, p. 53-66.

PLATAFORMA LATTES – disponível em:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> acesso abril a out/2014

PORTO, Maria Bernadette Thereza Velloso. “Poéticas da habitabilidade e da hospitalidade em textos de autoria feminina”. **Interfaces Brasil/Canadá**, Pelotas/RS, v. 6, 2006, p. 199-222.

POTTIER-THOBY, Anne-Cécile. Bíblia. Da traição à redenção. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 113-130.

POWERS, TOM; BARROWS, Clayton W. **Administração no Setor de Hospitalidade**. São Paulo: Atlas, 2004.

PRAXEDES, Walter Lúcio de Alencar. “Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade”. **Revista Turismo: dimensões e perspectivas**, [Online] v. 1, 2004, p. 13-19.

RAFFESTIN, Claude. “Reinventar a hospitalidade”. **Revista Communications**, Année 1997, n° 65, p. 165-177. Paris: Editions du Seul. Tradução: Prof. Marielys S. Bueno.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais**. São Paulo: Aleph, 2004.

RATTO, Cleber Gibbon. Juventudes, trabalho e modos de cooperação: por uma ética da hospitalidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande/RS, v. 30, 2013, p. 335-354.

RAVIEZ, François. O Grand Siècle. Uma economia política. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 417 - 424.

REJOWSKI, Mirian. “Hospitalidade nas organizações: produção científica como indicador de um novo segmento de mercado em ascensão”. **TURyDES**, Málaga, Espanha, v. 6, 2013, p. 1-13.

_____. “Turismo e hospitalidade no cenário da comunicação científica: avaliação de periódicos científicos eletrônicos”. *Rosa dos Ventos (UCS)*, Caxias do Sul, v. 5, 2013, p. 559-576.

RODRIGUES, Carla. **Dois Palavras para o Feminino: hospitalidade e responsabilidade**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

ROMAN, Myrian; TOMICHE, Anne. Parasitismo. Ser hóspede à custa daquele que recebe. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 835 - 854.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R.T. “As pesquisas denominadas do tipo ‘Estado da Arte’ em educação”. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, set/dez 2006, p. 37-50.

ROSELLO, Mireille. Imigração. Discursos e contradições. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1079 - 1088.

ROUART, Marie-France. Judeu Errante. Figura paradoxal. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 775 - 792.

ROUSSEL, Claude. Idade Média. O caminho e o peregrino. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 379 – 416.

ROY, Michel. Centro de alojamento e de reinserção social. A hospitalidade institucionalizada. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 597 - 604.

SAAD, Gabriel. Tradução. O albergue do estrangeiro. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 683 - 690.

SALLES, Maria do Rosario Rolfsen. “Hospitalidade em rede: turismo comunitário e economia solidária no Ceará”. **TURyDES**, Málaga, Espanha, v.21, 2010, p. 25-32.

_____. “Planejamento turístico e hospitalidade: o caso de Cancún, México”. **Revista brasileira de pesquisa em turismo**, Caxias do Sul, v. 05, 2011, p. 45-62.

SALLES, Maria do Rosario Rolfsen; BASTOS, Sênia Regina. “Cidade e hospitalidade: o Bairro de Santa Ifigênia em São Paulo”. **Os Urbanistas**, São Paulo, 2008, v. 5, p. 1-17.

SALLES, Maria do Rosario Rolfsen; BUENO, Marielys Siqueira; BASTOS, Sênia Regina. “Hospitalidade: trajetória e possibilidades”. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Málaga, Espanha, v. 4, 2010, p. 1-8.

SALVADOR, Ana González. Vampirismo. Revés da hospitalidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 829-834.

SANSOLO, Davis Gruber. “Hospitalidade de Exceção no Litoral Norte Paulista: o caso de Caraguatatuba”. **Revista eletrônica de turismo cultural** (USP), São Paulo, v. 1, 2008, p. 01-13.

SANSOLO, Davis Gruber; IRVING, Marta de Azevedo; BARBOSA, Ruth Machado. “Dádiva e Hospitalidade”. **Caderno Virtual de Turismo** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. VII, 2007, p. 26-34.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. “Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor”. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, Caxias do Sul/RS, v. 6, 2012, p. 3-15.

_____. “O acolhimento - ou a hospitalidade - como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização”. **Pasos (El Sauzal)**, Santa Cruz de Tenerife, Espanha, v. 11, 2013, p. 45-55.

_____. “Relações de hospitalidade na Romaria ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio Farroupilha/RS: a ótica do acolhedor”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, 2013, p. 28-53, 2013.

SASSON, Sarah Juliette. O Novo-rico Judeu no século XIX. As *mésalliances* impossíveis. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 819 - 828.

SCHEMEIL, Yves. Banquetes públicos. Redes de sociabilidade no mundo. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1195 - 1212.

SCHÉRER, René. **Zeus hospitalier**. Éloge de l’hospitalité. Paris: Armand Colin, 1993. Réédition La Table ronde, 2005.

_____. Utopia. Necessidade do absoluto e esperança do melhor. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 1133 – 1150.

SCHLEMMER, Eliane. “O sofrimento psíquico dos professores diante das tecnologias digitais e a metáfora da hospitalidade: (re) pensando a formação docente”. **RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre/RS, v. 8, 2010, p. 1-10.

SCHMITT, Flavio. “Hospitalidade ontem e hoje: um desafio ético local ao mundo global”. **Thaumazein**, Santa Maria, v. 6, 2013, p. 23-36.

SCOTT, Joan Wallach. “O enigma da igualdade”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.1, jan/abr. 2005, p. 11-30.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; DENCKER, Ada de Freitas M.; CAMPOS, Letícia Mirella Fischer. **Dicionário de Administração e Turismo**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

SILVA, Luciene Lages. Hércules e Odisseu: dois pesos e duas medidas da hospitalidade grega. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 6, 2004, p. 19-24.

SILVA, Ricardo Lanzarini Gomes. A hospitalidade sexual urbana na relação viajante-residente. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, 2013, p. 4.

SÍVERES, Luiz. A pedagogia da hospitalidade a partir da filosofia da alteridade em Levinas. **Conjectura: Filosofia e Educação (UCS)**, Caxias do Sul, v. 17, 2012, p. 34-48.

SIVERES, Luiz; MELO, Paulo G. Rodrigues de. A Pedagogia da Hospitalidade a partir da Filosofia da Alteridade de Lévinas. **Conjectura: Filosofia e Educação (UCS)**, Caxias do Sul, v. 17, n. 3, set./dez. 2012, p. 34-48.

SMOLIAROVA, Tatiana. Arquitetura. Artefato de boas-vindas. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 439 - 452.

SOUZA, Carlos Cezar Mascarenhas de. “A Hospitalidade Canibal em *Dogville*”. **CineCachoeira - Revista de Cinema da UFRB**, Cachoeira/BA, v. 5, 2013, p. 1.

_____. “A ironia do narrador e o drama trágico da hospitalidade canibal em *Dogville*, de Lars Von trier”. **A Cor das Letras (UEFS)**, Feira de Santana/BA, v. 11, 2010, p. 177.

SOUZA, Claudio Alexandre de. “Responsabilidade Social Empresarial uma forma de Praticar Hospitalidade Comercial”. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. VII, 2010, p. 65-78.

SOUZA, José Carlos de. “Ceia do Senhor e Hospitalidade Eucarística - Uma Perspectiva Metodista”. **Caminhando (UMESP)**, São Bernardo do Campo, n.8, 2001, p. 27-46.

_____. “Ceia do Senhor e Hospitalidade Eucarística - Uma Perspectiva Metodista”. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n.30, 2000, p. 71-88.

SOUZA, Marcelino de. “Diálogo entre o lazer e a hospitalidade no desenvolvimento rural: novas perspectivas”. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 25, 2014, p. 9-31.

SOUZA, Ricardo Tim de. “Da Tolerância à Hospitalidade - Esboço de uma metamorfose ético-política”. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, v. 31, 2012, p. 20-31.

TANKE, Mary L. **Administração de Recursos Humanos em Hospitalidade**. Rio Janeiro: SENAC Rio, 2014.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. “Louis Massignon: a hospitalidade dialogal”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 42, 2010, p. 77-90.

_____. “Louis Massignon: uma aventura espiritual”. In: _____. *Buscadores cristãos no diálogo com o Islã*. Juiz de Fora: [s.n], 2014, p. 8-21.

TEIXEIRA, Rivanda Meira. “Tourism Education in the UK: Lesson Drawing in Educational Policy”. **Anatolia: An Internatioanl Journal of Tourism and Hospitality Research**, Istanbul, Turkish, v. 12, n.2, 2001.

_____. “Tourism and Hospitality Education in Brazil and the UK: a Comparison”. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, London, UK, v. 15, n.1, 2003, p. 45-51.

_____. “Manpower Demand and Qualification Requirements in the Hospitality Sector: the case of Aracaju, Brazil”. **Turismo: Visão e Ação** [Online], v. 9, 2007, p. 155-168.

TELES, Reinaldo Miranda de Sá. “São Paulo século XXI- Eventos e Turismo momento de (re) pensar a hospitalidade”. **Communicare**, São Paulo, v. 9, 2009, p. 121-136.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da “hospitabilidade”. In: LASHLEY, C.; MARRISON, A. **Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Tradução de Carlos David Szlak. Barueri: Manole, 2004, p. 53 - 78.

TOMAZZONI, Edegar Luis. “Hospitalidade e Inovação do Natal Luz de Gramado (RS), pioneiro e único evento do gênero no Brasil”. **Pasos (El Sauzal)**, Santa Cruz de Tenerife, Espanha, v. 10, 2012, p. 642-649.

TORRES, Ricardo de Gil. “A gestão de stakeholders em recrutamento e seleção e os domínios da hospitalidade - Caso Estanzola Hotels”. **TURyDES**, Málaga, Espanha, v. 5, 2012a, p. x.

_____. “Hospitalidade na Hotelaria de São Paulo (Brasil): a percepção de camareiras cooperadas”. **Turismo e Sociedade**, São Paulo, v. 5, 2012b, p. 507-526.

TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. Literaturas Nórdicas. Vitimização do hóspede e poética da natureza. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 919 - 934.

VÉGA-RITTER, Max. Charles Dickens. Hospitalidades reparadoras. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011, p. 887 - 904.

VERMELHO, Sonia C.; AREU, Graciela I. P.. “Estado da Arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros”. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, set./dez. 2005, p. 1413-1434.

WADA, Elizabeth Kyoko. “Mídias Sociais e a Hospitalidade Desafios e Tendências no Século XXI”. **TURyDES**, Málaga, Espanha, v. 6, 2103, p. 1-17.

_____. Reflexões de uma Aprendiz da Hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 61-72.

WALKER, John R. **Introdução a Hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2002.

WERNER, Christian. **Odisseia**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

ZAINA JUNIOR, Rinaldo. “Hospitalidade: uma perspectiva socioantropológica da globalização dos espaços sociais de encontro e identidade”. **Patrimônio: Lazer & Turismo (UNISANTOS)**, Santos, nov./2006.